



Kerygma
Revista de Teologia do Unasp



Centro Universitário Adventista de São Paulo

Fundado em 1915 — www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

Visão: Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

Administração da Entidade Mantenedora (IAE)	Diretor Presidente: Domingos José de Souza Diretor Administrativo: Élnio Álvares de Freitas Diretor Secretário: Emmanuel Oliveira Guimarães
Administração Geral do Unasp	Reitor: Euler Pereira Bahia Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze Pró-Reitora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros Pró-Reitor Administrativo: Élnio Álvares de Freitas Secretário Geral: Marcelo Franca Alves
Campus Eng. Coelho	Diretor Geral: José Paulo Martini Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Francisca Pinheiro S. Costa Diretor de Graduação: Afonso Ligório Cardoso
Campus São Paulo	Diretor Geral: Hélio Carnassale Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Marcos Natal de Souza Costa Diretor de Graduação: Ilson Tercio Caetano
Campus Virtual	Diretor Geral: Valcenir do Vale Costa
Faculdade de Teologia	Diretor: Emilson dos Reis Coordenador de Pós-Graduação: Roberto Pereyra Suarez Coordenador de Graduação: Ozeas Caldas Moura
Faculdade Adventista de Hortolândia	Diretor: Euler Pereira Bahia Secretário Geral: Marcelo Franca Alves Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze Diretora de Graduação: Sílvia Cristina de Oliveira Quadros
Campus Hortolândia	Diretor Geral: Alacy Mendes Barbosa Diretor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Eli Andrade Rocha Prates Diretora de Graduação: Elna Pereira Nascimento Cres



Imprensa Universitária Adventista

Editor: Renato Groger

Editor Associado: Rodrigo Follis

Conselho Editorial: José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Adolfo Suárez, Emilson dos Reis, Renato Groger, Ozeas C. Moura, Betania Lopes, Martin Kuhn

A Unaspres está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

ISSN online 1809-2454

ISS impresso 2237-757



Kerygma

Revista de Teologia do Unasp

EDITORES

Editor: Jean Zukowski.

Editor Associado: Rodrigo Follis

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO

Afonso Cardoso (Unasp, Engenheiro Coelho)

Alberto Timm (Biblical Research Institute, EUA)

Carlos A. Steger (Universidad Adventista del Plata, ARG)

Cristhian Álvarez (Colegio Adventista del Ecuador, ECU)

Ekkehardt Mueller (Biblical Research Institute, EUA)

Frank M. Hasel (Seminar Schloss Bogenhofen, AUT)

Jiri Moskala (Andrews University, EUA)

JoAnn Davidson (Andrews University, EUA)

Joaquim Azevedo Neto (Faculdades Adventistas da Bahia, Cachoeira)

John K. McVay (Walla Walla University, EUA)

Márcio Costa (Faculdade Adventista da Amazônia, Benevides)

Marcos de Benedicto (Casa Publicadora Brasileira, Tatuí)

Miguel Ángel Núñez (Universidad Peruana Unión, PER)

Reinaldo Siqueira (Salt-DSA, Brasília), Richard

M. Davidson (Andrews University, EUA)

Rivan M. dos Santos (Campus Adventiste du Saleve, FRA)

Victor Choroco (Universidad Peruana Unión, PER)

Wagner Kuhn (Institute of World Mission Global, EUA)

■ DIREITOS LEGAIS

A revista Kerygma utiliza o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER), software livre desenvolvido para a construção e gestão de publicações eletrônicas, traduzindo e customizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Para esta revista, ele é alimentado pela Unaspres, em parceria com a Lepidus



Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento. Sendo assim, está sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 (que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista), tendo cada artigo a representação dessa autorização através do seguinte selo:



■ FICHA CATALOGRÁFICA

K419	Kerygma — Centro Universitário Adventista de São Paulo, v. 11, n. 1 (1º semestre de 2015). Engenheiro Coelho, SP: Unaspres — Imprensa Universitária Adventista, 2015.
	Semestral
	ISSN: 2237-7557 (impressa) / 1809-2454 (online)
	1. Teologia 2. Ciências da Religião
CDU 20	CDD 200

■ CRÉDITOS EDITORIAIS DA UNASPRESS

EDITORAÇÃO: RODRIGO FOLLIS, FELIPE CARMO
NORMATIZAÇÃO: GIULIA PRADELA, RICARDO SANTANA,
MATHEUS ROCHA, MARSEILLE SOARES
PROJETO VISUAL E CAPA: EDIMAR VELOSO
DIAGRAMAÇÃO: FÁBIO ROBERTO
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: LIA HODORFF



SUMÁRIO

7

Conteúdo Editorial

Artigos

9

Una propuesta de identificación del sistema teológico de Elena G. White

RAÚL QUIROGA

27

O cuidado com o meio ambiente nos escritos de Ellen G. White

WELLINGTON DOS SANTOS SILVA

39

Elena G. White y el sentido común en la alimentación

RENEL GÓMEZ PADRÓN

55

El concepto de remanente
en Elena G. de White

CARMELO MARTINES

73

La tipología como elemento para revelar la
existencia de una corriente entre la literatura
canónica y extra canónica en Elena G. de White

PAULO CLEZIO DOS SANTOS

91

“Las bodas del Esposo” como nominación
distintiva del ministerio Sacerdotal de Jesús

MERLING ALOMÍA

101

Elena G. de White y la disidencia

CRISTIAN GONZALES YUPANQUI

121

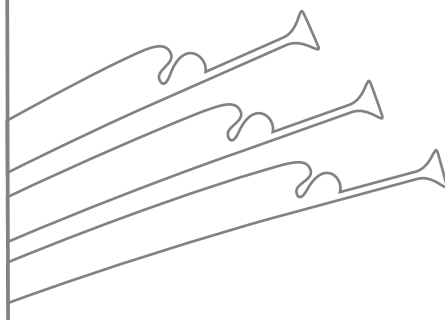
O papel do ministro e do ancião no cumprimen-
to da missão Adventista: 1844-1915

WELLINGTON VEDOVELLO BARBOSA

149

¿Esclavitud en el tiempo del fin?: Un análisis en
los escritos de Elena G. de White y el Apocalipsis

CARLOS OLIVARES



2015, ano de dois centenários

Cada ano é para o historiador motivo de relembrar algum evento importante, principalmente quando relacionado com história de um movimento religioso. Muitos historiadores como, por exemplo, Mark Noll, em seu conhecido livro *Turning points: decisive moments in the history of christianity* [“Pontos de virada: momentos decisivos na história do cristianismo”], tentam apresentar qual ou quais foram os principais momentos que marcaram a vida de uma denominação religiosa.

Para a Igreja Adventista do Sétimo dia, algumas datas como 1844 (término do período profético dos 2300 anos de Daniel 8:14), 1863 (ano da organização do movimento adventista) e 1888 (ano da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo dia realizada na cidade de Mineápolis) constituem marcos importantes de sua história.

Para o Unasp, Centro Universitário Adventista de São Paulo, onde está localizada a Faculdade Adventista de Teologia, bem como para a Igreja Adventista em geral, 2015 é um ano importante, pois marca o centenário de dois eventos: primeiro, a fundação da própria instituição com o propósito de formar jovens obreiros para trabalhar na causa de Deus dentro do movimento adventista; segundo, por ser este o ano do centenário da morte de Ellen G. White, mensageira de Deus e cofundadora do movimento junto com José Bates, Tiago White e outros.

Dentre as muitas festividades programadas em 2015 para relembrar esses dois eventos, vale mencionar o XI Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano: “Ellen White: vida e ministério”, preparado para trazer à memória a relevância do impacto da vida e ministério de Ellen G. White sobre a igreja adventista e o mundo em geral. Nele estiveram presentes teólogos adventistas, principalmente da América do Sul e outros convidados dos Estados Unidos e Europa. Todas as palestras giraram em torno de cinco áreas: vida e obras de Ellen G. White. Este número da revista *Kerygma* traz algumas das palestras apresentadas no simpósio. Que a leitura de tais artigos derrame luz sobre a relevante contribuição de Ellen G. White para a igreja adventista e o mundo cristão na sociedade contemporânea.

Os editores.

Una propuesta de identificación del sistema teológico de Elena G. de White

RAÚL QUIROGA¹

En este estudio se define introductoriamente la tarea teológica, el rol de un teólogo y la articulación de un sistema teológico. Se informará sobre conclusiones obtenidas de un probable sistema teológico de Elena G. de White organizador de una “teología adventista” y su aplicación para la comprensión de esta teología adventista y para el orden eclesiástico del quehacer teológico en la Iglesia Adventista.

Palabras claves: Sistema teológico; Elena G. de White; Teología sistemática; Teología adventista.

Este estudo define, de maneira introdutória a tarefa teológica, o papel do teólogo e a articulação do sistema teológico. Trazemos informações sobre as conclusões obtidas de um provável sistema teológico de Ellen G. White que propicie a organização de uma “teologia adventista” e sua aplicação à compreensão dessa teologia adventista e à ordem eclesiástica da prática teológica na Igreja Adventista.

Palavras-chaves: Sistema teológico; Ellen G. White; Teologia sistemática; Teologia adventista.

Al referirnos a la tarea profética de Elena G. de White, casi siempre aclaramos que ella no fue exégeta de profesión ni tampoco teóloga. Son afirmaciones conceptualmente correctas dado que su tarea se relacionaba específicamente con el don profético recibido en beneficio del remanente escatológico y no con una tarea académica relacionada con la exégesis o la teología como ciencias.

.....

¹ Doutor em teologia pela mesma instituição. Professor de teologia na Universidad Adventista del Plata, Argentina. E-mail: raul.a.quiroga@gmail.com.

Afirmamos también con certeza que toda la profusa y nutrida obra escrita de la Sra. White está directamente relacionada con el mensaje y contenido de la Biblia.

De todas maneras, y dada esta relación incontestable mencionada, se puede sostener que Elena G. de White, aunque no fuera una exégeta consumada o una teóloga de profesión, también se encargó de tratar una serie de temas religiosos que casi se tornan imposibles de no considerarlos dentro de un sistema de creencias que le es propio y que podría ser tomado como un sistema doctrinal compacto, sistemático y de contenido netamente bíblico y teológico.

En este artículo se intenta definir introductoriamente la naturaleza de la tarea teológico-exegética, el rol de un teólogo, las premisas hermenéuticas, la forma de articular un sistema teológico y cómo esta trilogía podría aplicarse a la estructuración de un sistema teológico que pudiera derivarse de los escritos de Elena G. de White.

Se informará también sobre conclusiones obtenidas en cuanto a la comprobación de un sistema teológico propio de Elena G. de White y examinar este sistema como organizador de lo que podría considerarse una “teología adventista”.

También se usará este sistema teológico de Elena G. de White para la comprensión de esa “teología adventista” y de un orden eclesiástico propuesto para el quehacer teológico en la Iglesia Adventista. Pasemos a una primera pregunta:

10

¿Era una exégeta Elena G. de White?

Para responder esta pregunta necesitamos hacer y responder otra: ¿qué es exégesis o hacer una exégesis? Hacer exégesis es hacerle una cirugía al texto bíblico. Exégesis es explicar, interpretar, interiorizarse en el sentido y significado del Texto Bíblico.

Un profeta no es un exégeta de profesión. Pero encontramos a los profetas bíblicos haciendo exégesis según nos relata el apóstol Pedro:

Los profetas que profetizaron de la gracia destinada a vosotros, inquirieron y diligentemente indagaron acerca de esta salvación, escudriñando qué persona y qué tiempo indicaba el Espíritu de Cristo que estaba en ellos, el cual anunciaba de antemano los sufrimientos de Cristo, y las glorias que vendrían tras ellos (1Pe 1:10, 11).

Un profeta “exegiza” de alguna manera al texto bíblico-profético, o su propio texto, para encontrarle su significación histórica actual.



Daniel, el gobernante profeta, “exegizó” a Jeremías para determinar que ya se habían cumplido los setenta años de cautiverio anunciados (Jer 25:11,12; 29:10).

En el año primero de Darío hijo de Asuero, de la nación de los medos, que vino a ser rey sobre el reino de los caldeos, en el año primero de su reinado, yo Daniel miré atentamente en los libros el número de los años de que habló Jehová al profeta Jeremías, que habían de cumplirse las desolaciones de Jerusalén en setenta años (Dn 9:1, 2).

Es claro que Elena G. de White no fue una exégeta en todo el sentido técnico que implica esa palabra ni tampoco pretendió serlo, pero ella misma tampoco afirmó no ser una profetisa en todo el sentido de la palabra bíblica.

¿Por qué no he pretendido ser profetisa? Porque en estos días muchos que osadamente pretenden ser profetas son un baldón para la causa de Cristo, *y porque mi obra incluye mucho más de lo que significa la palabra ‘profeta’* (WHITE, 1966, p. 36).

11

Si bien ella misma no se llamó profetisa ni pidió ser llamada de esa manera, es incuestionable, por la naturaleza de sus escritos y de su misión, que su persona cae perfectamente en la categoría de profetisa del Señor como cualquier otro profeta de la Biblia.

Aunque Elena G. de White no fue una exégeta de profesión, muchos textos de la Biblia adquirieron o recuperaron el sentido original implicados en la Historia de la Redención gracias a sus interpretaciones o explicaciones. Por ejemplo, su interpretación² de Salmos 85:10. Elena G. de White afirma que este texto se cumplió con relación a lo implicado en el evento de la cruz de Cristo. Ella escribe:

El amor de Dios ha sido expresado en su justicia no menos que en su misericordia. La justicia es el fundamento de su trono y el fruto de

.....

² “En el capítulo 14 de Apocalipsis, el primer ángel es seguido de otro que dice: ‘¡Caída, caída es la gran Babilonia, la cual ha hecho que todas las naciones beban del vino de la ira de su fornicación!’ (Ap 14:8) La palabra ‘Babilonia’ deriva de ‘Babel’ y significa confusión. Se emplea en las Santas Escrituras para designar las varias formas de religiones falsas y apóstatas. En el capítulo 17 del Apocalipsis, Babilonia está simbolizada por una mujer, figura que se emplea en la Biblia para representar una iglesia, siendo una mujer virtuosa símbolo de una iglesia pura, y una mujer vil, de una iglesia apóstata” (WHITE, 1954, p. 431). Esta es una manera de hacer exégesis, es decir, explicar el significado de las palabras en particular y del texto bíblico en general.



su amor. Había sido el propósito de Satanás divorciar la misericordia de la verdad y la justicia. Procuró demostrar que la justicia de la ley de Dios es enemiga de la paz. Pero Cristo demuestra que en el plan de Dios están indisolublemente unidas; la una no puede existir sin la otra. “La misericordia y la verdad se encontraron; la justicia y la paz se besaron (Sal 85:10)” (WHITE, 1955. p. 701-702).

Con el siguiente gráfico podríamos explicar que el diablo por medio del pecado pensaba divorciar para siempre la justicia de la misericordia.

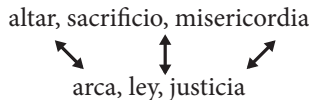


12

Con este otro gráfico podríamos ilustrar cómo Elena G. de White “exegiza” el Salmo 85:10 y lo aplica como evidencia para demostrar que la justicia y la misericordia de Dios quedaron para siempre unidas en la Cruz de Cristo.



Agregamos que el binomio profético propio del santuario altar/arca confirman la aplicación de Elena G. de White del Salmo 85:10, es decir, su exégesis del mismo:



Esta aplicación tipológica confirma que estos binomios o pares soteriológicos interrelacionados forman un esquema soteriológico organizador de la Teología de la Salvación y característico de la Teología Adventista.



En resumen, como la ley no podía ser modificada o anulada se exigió un sacrificio prefigurado de antemano en los binomios tipológicos del santuario altar/ arca - sacrificio/ley referidos al binomio anti-típico misericordia/justicia.

El sacrificio y la ley se hermanaron para siempre en la Cruz de Cristo. Sin duda, el evangelio anuncia que hemos sido perdonados para obedecer la ley de Dios.

Otro engaño iba a ser presentado ahora. Satanás declaró que la misericordia destruía la justicia, que la muerte de Cristo abrogaba la ley del Padre. Si hubiese sido posible que la ley fuera cambiada o abrogada, Cristo no habría necesitado morir (WHITE, 1955, p. 702).

Elena G. de White transforma la Parábola de las Diez Vírgenes en escatológica (ver Mt 25:1-13; WHITE, 1954, p. 380-394). Inserta el contenido del mensaje de los Tres Ángeles de Apocalipsis en la parábola utilizando una metodología temporal. Hace coincidir las secuencias de la parábola con la secuencia temporal y escatológica del triple mensaje apocalíptico. Enfoque único.

Sin duda, Elena G. de White, aunque no fue exégeta de profesión explicó textos de una manera única, original y brillante en múltiples casos.

13

¿Era teóloga Elena G. de White?

Otra afirmación que se ha oído con respecto de Elena G. de White es que ella era profetisa por llamado divino pero que no podría ser considerada una teóloga.

Entonces, ¿es profetisa pero no es teóloga? Podría ser una contradicción. ¿Acaso no se deriva toda teología de los escritos proféticos desde Moisés hasta Juan pasando por Pablo y todos los demás autores de la Biblia? ¿Acaso no sería Pablo el primer teólogo del Antiguo Testamento “exegizando” a Moisés, a los Profetas y a los Salmos en Romanos y en Hebreos?

¿Cómo evaluamos entonces sus más de 1000.000 páginas escritas? ¿Estas páginas eran nada más que unos escritos intuitivos, místicos, religiosos, circunstanciales e inconexos unos de otros? Podría ser casi una contradicción afirmar que fue solo una profetisa y nunca una teóloga. En el caso de White, es casi imposible evitar la conclusión de que sus cartas y escritos muestran una transversalidad teológica estructurada e incuestionable. Una serie de temas estructurales articulan en un todo teológico los demás temas subsidiarios. Un canal temático profundo le abre paso a una serie de temas primarios que encadenan otros temas dependientes de los primarios pero no secundarios en sí mismos. Por ejemplo:

1. *Concepto de la creación del cosmos y del ser humano en el esquema 6+1.* Posiblemente una de las pocas autoras religiosas que escribió tan profusamente defendiendo el concepto de la creación en el esquema de una semana de actividad creadora de Dios incluyendo en ella un día de encuentro mal denominado actualmente “día de reposo”.

2. *Matrimonio:* incluyendo en su tratamiento del tema aspectos físico-eróticos, psicológicos y espirituales. White considera al matrimonio teniendo (a) un origen divino; (b) siendo una institución divina y una idea de Dios para la felicidad de la raza humana y (c) constituido por un hombre y una mujer, fisiológicamente y anatómicamente diferenciados por los respectivos géneros masculino y femenino.

3. *Familia:* constituida por los esposos-padres y los hijos. Centro de toda educación divino-humana.

4. *Día de la familia (sábado).* De las páginas de Elena G. de White se concluye que la primera actividad de Adán y Eva como primeras criaturas de la creación fue disfrutar de un sábado con su Creador. Después de ser creados su primera actividad fue escuchar el relato de la creación de primera mano, del mismo autor y actor de la creación, y adorar a su Creador. Somos criaturas históricas y adoradoras. El sábado fue el primer día de adoración y de encuentro entre el Creador y sus criaturas adoradoras: Adán y Eva. Desde el punto de vista laboral, la semana comienza en la secuencia de los seis días (“seis días trabajarás”). Desde el punto de vista de la adoración, la semana comienza con la cesación sabática del séptimo día, sábado (“acuérdate del sábado”) (Éx 20:8-11). En los seis días, el énfasis está puesto en la obra productiva del ser humano para sí mismo; en el séptimo día, el énfasis recae en la adoración de la criatura humana dirigida a su Creador. Y esto es lo que nos diferencia de las demás criaturas: somos criaturas adoradoras en un día específico, conscientes de la secuencia sabática (QUIROGA, 2010, p. 111-125).

5. *Educación:* en el sentido de que Adán y Eva fueron creados perfectibles, cada día podían aprender algo nuevo. El término *educación* en Elena G. de White hace referencia al desarrollo armonioso de todas las facultades de la criatura humana: físicas, sociales, mentales y espirituales. Dentro del ámbito religioso, lo original de Elena G. de White es su inclusión de las actividades físicas en la vida religiosa. Todo lo que se hace con el cuerpo incide sobre la mente y el espíritu. White sostuvo una incidencia simultánea y recurrente entre el espíritu, el alma y el cuerpo como parte de la vida total y constitutiva de comunión con Dios y con el prójimo.

6. *La conservación de la salud:* dependía de sujetarse a leyes externas e internas, esenciales y vitales, que habrían de condicionar la existencia dentro de una concepción holística de la esencialidad humana. La naturaleza del evangelio presentado por Elena G. de White es más corporal que todos los predicados en cualquier religión. De sus páginas



se concluye que la salvación se da aquí y ahora en este cuerpo y lo que sucede en y con el cuerpo incide en mi salvación y viceversa. Este concepto podría ser llamado *la corporeidad del evangelio* extraído de los escritos relacionados con la reforma en pro de la salud.

Estas seis estructuras integradas como parte de la creación primigenia de Dios antes del pecado en la tierra son enseñanzas estructurales del sistema de pensamiento de Elena G. de White y están expresadas en miles de consejos aislados sobre las mismas. Ella misma afirma que esas seis estructuras son una herencia recibida del Edén y motivo de bendición todavía para la raza humana.

Una lectura cuidadosa de sus escritos nos advierte que esos mismos temas subyacentes recorren el tenor de sus escritos y cartas yacentes. Esos temas estructurales tiñen de un color especial y constante todos sus otros temas colaterales y subsidiarios. Esos temas articulan, organizan y estructuran sus escritos generales, particulares y personales.

En lo explícito se evidencia siempre la misma estructura implícita que define lo que podríamos llamar su ser teológico adventista.

En cuanto a la calidad teológica de sus escritos podríamos asegurar que sus argumentos propuestos, sus escritos fueron desarrollados y enriquecidos a lo largo de 60 años de ministerio profético. De alguna forma Elena G. de White, como profeta y como aportando una teología, contribuyó a tener una comprensión bíblica de la realidad humana. Sus escritos son organizadores y explicadores de la realidad humana. Sus escritos impactan por su coherencia, consistencia, racionalidad, lógica, fundamentalidad, incondicionalidad y espiritualidad. Sin duda, sus páginas respondían a una estructura de pensamiento altamente organizado. Fueron 60 años escribiendo sin contradecirse; por el contrario, cada vez dándole más solidez a su sistema estructurado de pensamiento. Su doctrina era firme, de una claridad conceptual impactante, atestiguando siempre de una posición bíblico-teológica incuestionable en cada punto desarrollado.

¿Qué es teología?

En este punto cabe la pregunta ¿qué es la teología? Sabemos que la exégesis es individual y la teología, colectiva (ROSNER *et al.*, 2000). Según Elena G. de White, nuestras certezas religiosas no son estáticas sino dinámicas (WHITE, 1979, p. 102) y por ello necesitamos estudiar e investigar la escritura por nosotros mismos y encontrar la actualidad constante de su riqueza de significado. De hecho, la Biblia es el objeto de estudio para establecer teologías. La exégesis de la misma entrega los datos a partir del análisis. La teología realiza la síntesis y de ella se obtiene la guía para la vida y los principios que sustentan su orientación.

Hacer teología implica prescribir la fe (MEDRANO, 2013, p. 22). No involucra esto obligar a la obediencia de la propia opinión del que hace teología. La teología, además, siempre es un asunto colectivo, eclesiástico y participativo, al nivel de consulta

permanente, aunque por su parte la exégesis y sus conclusiones teológicas sean siempre individuales, privadas y personales (QUIROGA, 2012, p. 1-5).

La teología en sí es el desarrollo general de un punto particular de la fe sobre la base de la Escritura. La suma de esos puntos construye un sistema teológico fundamental, incondicional, lógico, racional, coherente, consistente y armonioso.

Entonces otra vez cabe la pregunta ¿era Elena G. de White una teóloga? Respondemos: tal vez no en el sentido profesional de la palabra. Pero aunque ella no hizo discusión teológica, sí estableció una estructura y un sistema teológico que se puede deducir de sus escritos.

Otra pregunta: ¿Fue Elena G. de White en el sentido teológico comparable a Agustín, Tomás de Aquino, Lutero? Respondemos: Sí y no. Una respuesta negativa se basa en que ella no teologizó sobre bases filosóficas griegas como Agustín que usó el esquema filosófico de Platón; Tomás de Aquino, el de Aristóteles y Lutero, el de los Padres de la Iglesia (junto con la Biblia). Elena G. de White nos legó su sistema teológico partiendo de la Biblia, su don profético recibido de Dios y de la Historia general pero en su relación con la profecía y no como Historia en sí misma.

Ahora cabe otra pregunta: ¿Qué significa entonces construir un sistema teológico?

Significa partir de lo particular a lo general, de la Biblia a las creencias fundamentales. Se llega a la teología partiendo del análisis del texto bíblico. Implica prestar atención al punto dentro del círculo. El movimiento del quehacer teológico va de lo específico y particular a lo corporativo y general.

Ejemplo: la doctrina del sábado podría ser ejemplo de una doctrina establecida de lo particular a lo general tomando como base Éx 20:8-11. *Shabbāth* es el nombre del séptimo día y ese nombre hace referencia a un aspecto puntual, existencial, secuencial y temporal, a la obediencia del séptimo día como día del Señor. Se refiere a la santificación del sábado. *Menujah* es otro nombre del sábado y hace referencia a su aspecto esencial, a la atmósfera o vida o práctica del sábado. Se refiere a las bendiciones del sábado. Elena G. de White explicó y desarrolló la teología del sábado sobre la base de esta deducción particular aunque sin efectuar la exégesis pura de los términos hebreos. Nos enseñó a través de miles de consejos que el sábado es parte estructural de nuestro sistema de creencias y su enseñanza coincida en lo particular con nuestra exégesis. Sin duda, el sábado funciona en la cosmovisión adventista como un eje hermenéutico estructural dándole sentido a todas las demás creencias. White nos ayudó a concluir que somos seres sabáticos, que el sábado es tan esencial para la vida como el aire que respiramos y que nuestras células reclaman la cesación sabática.

Ejemplo: También se puede partir de lo general a lo particular. Tomemos el caso de la personalidad del Espíritu Santo como siendo una creencia fundamental cristiana, evangélica y adventista; un principio guiador, orientador y constructor de teología.



Alguna vivencia religiosa sería diferente en la Iglesia Cristiana si no se aceptara esta creencia incondicional. Por su parte, Elena G. de White, basándose en esta creencia general y compartida por evangélicos y católicos, expuso su opinión teológica sobre la personalidad del Espíritu Santo.

Pensamos que aunque Elena G. de White no haya sido una teóloga de profesión contribuyó a establecer un cuerpo de doctrinas, un sistema teológico que caracteriza las creencias adventistas y abstraen la posibilidad de imaginar una estructura y un sistema teológico extremadamente coordinado y articulado dentro de un canal mayor alimentado por decenas de afluentes menores. También es cierto que los adventistas, casi intuitivamente, han contribuido posteriormente, al coleccionar temáticamente sus escritos, a conformar la idea de un sistema teológico estructurado. En este sentido, los discípulos de Søren Kierkegaard, Edmundo Husserl y de otros pensadores recolectaron, ordenaron (y todavía lo están haciendo) por temas sus escritos y enseñanzas y las estructuraron en un sistema ordenado, lógico, coherente y comprensivo (MARÍAS, 1967, p. 350, 392). ¿No hicimos algo similar los adventistas con los escritos de Elena G. de White?

¿Era una hermeneuta Elena G. de White?

17

¿Qué es hermenéutica? Es una ciencia antigua por medio de la que se intentaba encontrar mecanismos de interpretación para entender textos. Hoy se aplica a la intención racional del ser humano de entender por qué cree lo que cree y hace lo que hace. Parece una cuestión racional, existencial y, al final, esencial. Es el intento del ser humano de encontrarle una explicación a su realidad particular y general (MEDRANO, 2012, p. 18).

También se refiere a los principios hermenéuticos de una ciencia, a los principios controladores para la investigación y prosecución del conocimiento. Se utilizan categorías hermenéuticas para la interpretación de la Biblia y de su cosmovisión particular, tanto como se usan para todas las demás ciencias. Nos referimos a categorías hermenéuticas como a los principios guías funcionales de un sistema, además ordenadores y comprensivos de la realidad humana. Hermenéutica se refiere también a la ciencia como punto de partida de la comprensión o interpretación de un sistema de verdades. Reúne principios fundamentales e incondicionales, creencias no-negociables que son universales y eternas para el grupo que las sostiene.

Categorías hermenéuticas mayores

Las doctrinas del sábado y del matrimonio podrían ser categorías hermenéuticas mayores porque son parte del orden de la creación y condicionan a otras creencias

menores y subsidiarias, como la educación de los hijos, el trabajo, el descanso y la adoración. Aquí hacemos referencia al canal mayor y a sus afluentes. La creación en seis días es parte obligatoria de la categoría mayor sábado. Sería una categoría menor y dependiente de la otra mayor. Como lo que es la columna vertebral a todo el esqueleto, el que lo sostiene y le da forma. La familia es una categoría menor y dependiente de la categoría mayor matrimonio. Por procedencia, no se da una sin la otra.

Dios no sería una categoría mayor en el sentido de que para entenderlo hay que observar su acción en este planeta. Su carácter, naturaleza y personalidad se deducen parcialmente de sus hechos. Su gloria y conocimiento pleno está velado al ser humano. Dios se auto-revela parcialmente con relación a la redención de los seres humanos.

Las categorías hermenéuticas son principios esenciales que se necesitan obligatoriamente como punto de partida para la elaboración de un sistema de creencias fundamentales o sistema teológico. Es mi forma de explicar mi mundo, mi realidad, mis creencias; por qué vivo como vivo; pienso lo que pienso y creo lo que creo. De los escritos de Elena G. de White se deducen una serie de:

Principios fundamentales establecidos primigeniamente en la Escuela del Edén (WHITE, 1998, p. 301-309), que se correspondería con una Escuela del Pasado, parte de una Historia profética y esquema fundamental de la estructura teológica de Elena G. de White. La secuencia sería como sigue:

1. Creador-Criatura;
2. Sábado-Matrimonio-Familia;
3. Creación-Naturaleza-Cosmos;
4. Vida (principios de salud);
5. Justicia (armonía con Dios y el entorno-leyes).

Esos principios después del pecado se pasaron a la Escuela de la Familia (Escuela de los Patriarcas) para volver lo antes posible otra vez a la Escuela del Edén que se transforma en la Escuela del Futuro, la Escuela del Edén recuperado, o del Edén Prometido.

También de los escritos de Elena G. de White se deducen una serie de:

Principios circunstanciales y temporales que se legislan por causa del pecado (trabajo, servidumbre, posesión de la tierra, guerras, poligamia, prostitución, violación) (WHITE, 1998, p. 35).



Estos principios son los que se han enseñado en la Escuela de la Iglesia (Historia profética y ciencias) y lo que se enseñaba en la parábola viviente y actuada del santuario (Historia profética). La Escuela de la Iglesia no era ni es diferente en principios fundamentales de la Escuela del Edén (Dios-Hombre-Naturaleza) y de la Escuela de la Familia (Escuela de los Patriarcas). La Escuela del Futuro siempre se entiende sobre la base del esquema profético del santuario altar-sacrificio-misericordia/arca-ley-justicia señalando el día de la redención final (WHITE, 1998, p. 36).

Punto de partida hermenéutico: el teólogo construye su sistema teológico desde un punto de partida hermenéutico³. La explicación de sus creencias debe tener una génesis. Su esquema conceptual organizador de su teología debiera ser inamovible y constante. Ese punto de partida le da un movimiento preestablecido a su universo hermenéutico. El asunto es establecer ese punto de partida para demostrar cómo se explica y se ordena el universo teológico.

Un punto de partida podría ser la Cruz de Cristo como manifestación del interés del Padre por compartir la realidad de la criatura humana. Después se podría continuar por la veracidad de la Palabra de Dios en la Biblia entera tanto en su aspecto profético como en el histórico.⁴

Se podría seguir luego por confirmar el relato de la creación perfecta (6+1), el sábado, el matrimonio, la familia, el conflicto de los siglos y el origen del pecado y de la muerte a partir del Génesis. Se debería volver otra vez a la Cruz de Cristo como el poder que consigue la restauración de todas las cosas.

Pareciera que Elena G. de White usa estos dos textos para organizar su universo teológico, uno del *Antiguo Testamento* y otro del *Nuevo Testamento*.

(1) “La misericordia y la verdad se encontraron, la justicia y la paz se besaron” (Sal 85:10).

.....

³ Carver T. Yu (2004, p. 62-63) comenta que la hermenéutica actual propone una deconstrucción de cualquier sistema filosófico y su camino se dirige hacia el nihilismo. La hermenéutica de Elena G. de White propone un camino de deconstrucción y construcción de todo pensamiento actual dirigido desde la Biblia.

⁴ Elena G. de White comenta que “el pastor Morse había sido firme y consecuente en la creencia de que el Señor vendría en ese tiempo; pero cuando pasó el período sin que ocurriera el acontecimiento esperado, estaba perplejo y no podía explicar la demora. Aunque estaba amargamente decepcionado, a diferencia de lo que hicieron algunos, no renunció a su fe, para llamarla una ilusión fanática; pero se sentía anonadado, y no podía entender la posición del pueblo de Dios en el tiempo profético” (WHITE, 1994, p. 66, grifo nosso). Los escritos de Elena G. de White revelan una posición profético-histórica dada por la comprensión de tiempos, personajes-sujetos y lugares-espacios proféticos fijos, establecidos e irrepetibles.



(2) “Y yo, si fuere levantado de la tierra, a todos atraeré a mí mismo” (Jn 12:32).

El primer texto lo usa para revalidar el aspecto eterno de la ley de Dios y la provisión del sacrificio para el perdón de los pecados debido a la transgresión de esa ley. Expresa que este texto se cumple en la Cruz de Cristo. El segundo, lo usa para corroborar la centralidad del sacrificio de Cristo como causa primera de redención, restauración y confirmación de la perpetuidad de la ley de Dios. Expresa que este texto describe la Cruz como el centro de la fuerza gravitacional del universo.

Elena G. de White estableció principios generales y jerárquicos sintetizadores y ensambladores de un sistema teológico de comprensión construido de mayor a menor, de lo macro a lo micro-hermenéutico pasando incluso por aspectos meso-hermenéuticos. Del canal mayor a sus afluentes menores sin restar importancia a uno o al otro, dado que lo macro no puede explicarse sin lo micro.

Si la hermenéutica intenta establecer las bases para una interpretación sería ella misma la plataforma desde la cual se establecen los significados posteriores.

En Elena G. de White, hay temas recurrentes y organizadores de su ser teológico. Por ejemplo, todo micro tema suyo (micro-hermenéutico) es tratado sobre la base hermenéutica de temas mayores o macro-hermenéuticos. Estos macro-temas-hermenéuticos pueden ser: 1) la creación en siete días literales; 2) la caída en el pecado; 3) el conflicto entre el bien y el mal; 4) la vigencia de los 10 mandamientos; 5) el sábado como día de adoración; 6) la justificación y la santificación por la fe en Cristo; 7) el Sumo Sacerdote ministrando en el santuario terrenal y su contraparte celestial; 8) la vigencia del espíritu de profecía; 9) el esquema profético-histórico revelado en las profecías de Daniel y Apocalipsis; 10) la naturaleza divino-humana de las Escrituras; 11) la segunda venida de Cristo; 12) la reforma pro-salud; 13) la inconsciencia como estado temporal de los muertos; y 14) el mensaje de los tres ángeles. Estos macro-temas forman parte de la plataforma filosófica y teológica inamovible de las creencias fundamentales de la Iglesia Adventista y de los exegetas adventistas sobre la cual se construye la teología, la reflexión adventista, se organizan los temas bíblicos y teológicos.⁵

Se percibe que aunque Elena G. de White no haya sido una hermeneuta de profesión, estableció un sistema totalizador de comprensión bíblico y desarrolló un cuerpo doctrinal organizador y agrupador de las creencias que le propuso en sus escritos a la Iglesia Adventista. Su método o sistema de interpretación profético-histórico organiza el destino temporal de su teología ubicándola precisamente en una coherente comprensión histórica referido al pasado, presente y futuro de la humanidad, de la iglesia, de la naturaleza y de cada individuo.

.....

⁵ Podrían proponerse además otros macro-temas.



Estructura y contenido general de la teología de Elena G. de White

Los temas articuladores de su sistema de pensamiento teológico podrían ser:

- 1) El sábado y el matrimonio: diferenciado fisiológicamente y el resultado primario de la combinación de ambas instituciones temporal y formal: la familia. Instituciones inseparables e interactivas, herencia de la esencia propia de la humanidad y parte de su existencia actual. Instituciones heredadas desde los días del Edén para toda la humanidad.
- 2) Conflicto de los siglos: implica conciencia y vivencia del bien y del mal y de la mezcla de estas dos entidades como definición de pecado. Comprensión de la realidad actual bajo el imperio del pecado y de la muerte. Juicio final para vindicar a Dios como no autor del pecado. Reivindicación de la ley de Dios.
- 3) El santuario terrenal y su correspondiente celestial: lugar de la expiación donde oficia el Sumo Sacerdote. Incluye un esquema temporal terrenal-celestial y un contenido tipológico formal y espacial. Condiciona la comprensión de la misión de Israel a las naciones y de la Iglesia Cristiana remanente en el tiempo del fin.
- 4) Espíritu de Profecía: auxilio permanente del pueblo de Dios después de la entrada del pecado. Desde los patriarcas hasta el tiempo del fin los profetas acompañan al pueblo de Dios. Se origina así el canon bíblico escrito. Sería el origen de la Biblia.
- 5) Estas doctrinas debieran estar resumidas en las series de Estudios Bíblicos.

21

Elena G. de White atestigua de un sistema de comprensión teológico y mayor leyendo dos de sus citas:

La doctrina del santuario, el sábado en su estrecha relación con la ley de Dios, el triple mensaje angélico o mensaje de los tres ángeles de Apocalipsis 14 y el estado inconsciente de los muertos (Ellen G. White, *Manuscrito 13*, 1889; ver CANALE, 2002, p. 169).



Podría considerarse como una construcción de una teología hermenéutica:

- 1) El santuario y su servicio.
- 2) El mensaje de los tres ángeles de Apocalipsis.
- 3) El sábado en su conexión con la ley.
- 4) El estado inconsciente de los muertos.

Los ministros frecuentemente descuidan estas importantes ramas de la obra: la reforma pro salud, los dones espirituales, la benevolencia sistemática y las grandes ramas de la obra misionera. Bajo sus labores gran número de personas abrazan la teoría de la verdad, pero con el tiempo resulta que hay muchos que no soportan la prueba de Dios. El ministro colocó sobre el fundamento, heno, madera y hojarasca, que será consumida por el fuego de la tentación (WHITE, 1878. p. 185).

22

Podría considerarse como una construcción de una teología misional:

- 1) Reforma pro-salud: la doctrina del cuerpo, el evangelio corporal.
- 2) Plan de benevolencia sistemático: diezmos y ofrendas.
- 3) Dones espirituales: don de profecía y todos los demás.
- 4) La obra misionera en sus diferentes manifestaciones: visitación casa por casa y campañas de evangelización pública para enseñar la Biblia usando como punto de partida el mensaje en pro de la salud y la educación cristiana.

Este esquema *teológico-hermenéutico* y el *teológico-misional* dieron como resultado en una metodología práctica o praxis teológica característica de Elena G. de White:

- 1) Publicaciones: colportaje, librerías.
- 2) El mensaje en pro de la salud: el cuerpo como unidad fundamental y de la vida invisible, manifestación visible del alma y del espíritu. Instituciones médicas de salud preventiva: consultorios de tratamientos rápidos y escuelas



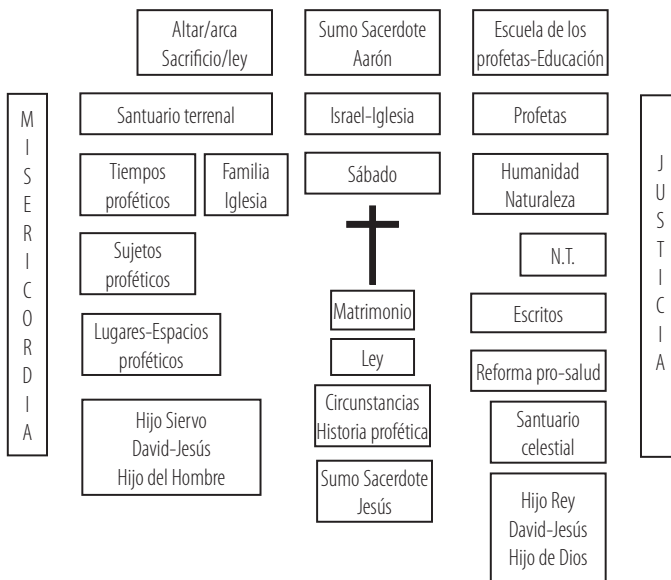
de salud. Promoción de la inauguración de sanatorios y clínicas de salud.

3) La educación cristiana: basada en el modelo de la educación patriarcal familiar, el santuario y la escuela de los profetas. Estimula la creación de instituciones educativas cuyo currículo esté fundamentado en la Biblia (Escuelas de iglesia, internados laborales y educativos).

Referencias teóricas de Elena G. de White

Sus referencias teóricas siempre fueron la Biblia, los libros del espíritu de profecía que ella misma escribió, sus testimonios, los libros de la iglesia y de ciencia en general.

Esquema conceptual de la *teología hermenéutica* y de la *teología misional* de Ellen White



Conclusión

Si trabajamos colectivamente con relación a la teología nos damos cuenta de que el sistema existe intuitivamente en la mente de cada teólogo adventista, porque el Espíritu Santo ha construido esa noción teológica adventista a partir de los escritos de Elena G. de White.

También entendemos que la teología no es una opción sino un asunto prescrito. Una teología implica un desafío personal y una decisión en el orden soteriológico en el esquema *esto o aquello*.

La teología de Elena G. de White no parece ser una opción sea en su aspecto teórico o práctico. Parece ser más bien una prescripción. Tiene además como implicación una metodología específica de procedimiento tanto en la evangelización como en la construcción teológica.

Alterar la esencia hermenéutica de su teología teórico-práctica implicaría un cambio fundamental en la esencia y manifestación de la Iglesia Adventista del Séptimo Día, en el ser teológico y misional de la misma. Si así fuera, su misión y su doctrina tomarían un camino contradictorio con respecto del esquema revelacional teológico elaborado, estructurado, sustentado y enseñado por Elena G. de White.

¡Qué don de Dios fue haber conocido y leído los libros de Elena G. de White!
¡Qué bendición de Dios es saber que su mente fue ordenadamente guiada por Él para desarrollar, articular y estructurar los temas principales y colaterales de su mensaje construyendo un esquema teológico que, al final, sigue ayudando para que la humanidad decida por un destino de gloria eterna y se aparte de los caminos del mal!

24

Referencias

BIBLICAL THEOLOGY. In: ROSNER, B. S.; ALEXANDER, T. D.; CARSON, D. A. (Eds.). **New Dictionary of Biblical Theology**. Nottingham: Inter-Varsity Press, 2000.

CANALE, F. Hermeneutica, Teologia, y Remanente. In: DEDEREN, R. *et al* (Colabs.). **Pensar la iglesia hoy: hacia una eclesiología adventista**. Libertador San Martín: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2002.

QUIROGA, R. Revisando el šabbāt como “día de reposo. **DavarLogos**, Libertador San Martín, v. 9, n. 2, p. 111-125, 2010.

QUIROGA, R. Cómo hacer teología o algunas ideas sobre el quehacer teológico. **Evangelio**, v. 5, n. 1, p. 1-5, 2012.

MARÍAS, J. **La historia de la filosofía**. Madrid: Ediciones Castilla, 1967.

MEDRANO, J. W. C. **Epistemología: caminos por transitar**. Vinto: Editorial Universidad Adventista de Bolivia, 2012.



MEDRANO, J. W. C. **Orientaciones epistemológicas**. Vinto: Editorial Universidad Adventista de Bolivia, 2013.

WHITE, E. G. Address and appeal, setting forth the importance of misión - ary work. **Review and Herald**, Battle Creek, v. 52, n. 24, p. 185-186, dez. 1878.

_____. **Conflicto de los Siglos**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1954.

_____. **El Deseado de todas las gentes**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1955.

_____. **Mensajes Selectos**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1966. v. 1.

_____. **Testimonios para los ministros**. Florida Oeste: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1979.

_____. **Notas biográficas de Elena G. White**. Doral: Asociación Publicadora Interamericana, 1994.

_____. **La Educación**. Florida Oeste: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1998.

YU, C. T. Theology in the crisis of humanity. In: WELKER, M; JARVIS, C. A (Eds.). **Loving God with our minds. The pastor as theologian**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2004.

O cuidado com o meio ambiente nos escritos de Ellen G. White

WELLINGTON DOS SANTOS SILVA¹

A religião exerce uma grande influência nas atitudes, percepções e nos valores das pessoas, possuindo um importante papel educativo. Entretanto, o envolvimento com a causa ambientalista não tem sido uma prática evidente nas igrejas evangélicas de modo geral, e na Igreja Adventista do Sétimo Dia em particular. Sendo assim, considerando-se a importância que os adventistas do sétimo dia dão aos escritos de Ellen G. White, faz-se necessário resgatar o que ela diz sobre o cuidado que devemos ter com o meio ambiente. Este artigo tem como objetivo apresentar o que a escritora adventista norte-americana Ellen G. White escreveu sobre o cuidado com a natureza em seus mais diversos aspectos, em harmonia com os valores defendidos para alcançarmos uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras-chaves: Meio ambiente; Teologia adventista; Ellen G. White.

Religion has a great influence on the attitudes, perceptions and values of people, having an important educational role. However, the involvement with the environmental cause has not been an obvious practice in evangelical churches in general and the Adventist Church in particular. Thus, considering the importance Seventh-day Adventists give to the writings of Ellen G. White, it is necessary to rescue what she says about the care we must have with the environment. This article aims to present what the American Adventist writer Ellen G. White wrote about the care of

.....

¹ Doutor em Patologia Molecular e Genética Molecular Humana pela Universidade de Brasília; Mestre em Genética e Evolução pela Universidade Federal de São Carlos. Professor de Genética Humana, Psicogenética, Bioética e Ciência e Religião na Faculdade Adventista da Bahia e de Ciência e Religião e Educação Ambiental no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia – Instituto Adventista de Ensino do Nordeste.

nature in its various aspects, in keeping with the values espoused to achieve a more just and egalitarian society.

Key words: Environment; Adventist Theology; Ellen G. White.

Ellen G. White e o cuidado da Terra

Ellen G. White foi uma ambientalista? Estava ela preocupada com questões ligadas à ecologia, reciclagem, poluentes químicos e os efeitos do consumismo desenfreado dos nossos dias? Embora tivesse vivido a maior parte de sua vida no século 19, antes de os plásticos serem inventados, da energia nuclear, de produtos químicos antropogênicos contaminarem nossos rios e córregos e antes de a ganância por petróleo poluir os ecossistemas, ela foi uma forte defensora do cuidado com o meio ambiente. Sua consciência ambiental veio de duas fontes: as Escrituras e a inspiração vinda de Deus.

28

Mas o que sobre todas as demais considerações deve levar-nos a apreciar a Bíblia é que nela está revelada aos homens a vontade de Deus. Ali aprendemos o objetivo de nossa criação e os meios pelos quais esse objetivo pode ser atingido. Aprendemos a melhorar sabiamente a presente vida, e a conseguir a futura (WHITE, 2007a, p. 53).

Em relação à fonte de seus conselhos, Ellen G. White (1971, p. 261) afirmou:

Nestas cartas que escrevo, nos testemunhos de que sou portadora, comunico-lhes aquilo que o Senhor me apresentou. Não escrevo um artigo sequer, na revista, expressando meramente ideias minhas. É o que Deus me revelou em visão – os preciosos raios de luz que brilham do trono.

Ellen G. White teve uma abordagem holística para sua vida e missão. Assim, para ela, cuidar da Terra não era uma atitude de distração para a alma. De fato, em sua visão de mundo, a própria alma é alimentada através da beleza do mundo criado por Deus.

[Jesus] veio como embaixador de Deus, para nos mostrar a maneira de viver de modo a conseguir na vida os melhores resultados. Quais foram as condições escolhidas pelo Pai



infinito para seu Filho? Uma habitação isolada nas colinas da Galileia, [...] a serenidade da alvorada ou do crepúsculo no verdor do vale; o sagrado ministério da natureza; o estudo da criação e da providência; a comunhão da alma com Deus – tais foram as condições e oportunidades dos primeiros anos de vida de Jesus (WHITE, 2006, p. 365-366).

Além disso, ela acreditava que a própria natureza não só promove a glória de Deus, mas também traz descanso e alegria para pessoas de todas as idades.

É repousante para os olhos e para a mente demorar-se sobre as cenas da natureza, sobre as florestas, os montes, vales e rios, desfrutando o prazer de infindáveis variedades de forma e cor, e a beleza com que as árvores, arbustos e flores estão agrupados no jardim da natureza, fazendo-a um quadro de beleza. Crianças, jovens e adultos podem igualmente encontrar repouso e satisfação aí (WHITE, 1990b, p. 154).

29

Ela também incentivava as pessoas a comprar um pedaço de terra para cultivar.

Compre um pequeno pedaço de terra, onde você pode ter um jardim, onde as crianças podem ver as flores crescendo, e aprender lições de simplicidade e pureza (*General Conference Bulletin*, 30 de março de 1903, p. 29).

Cultivar alimentos para a família não foi a única razão das vantagens que Ellen G. White via em cultivar a terra. Em sua opinião, as crianças que têm a oportunidade de cuidar de animais, de jardim, e ver as maravilhas da natureza, possuem vantagens educacionais e espirituais.

Quase todos os moradores do campo, ainda que pobres, poderiam ter ao redor de suas moradas um pedaço de gramado, algumas árvores de sombra, arbustos floridos, ou flores fragrantas. [...] Trarão para a vida doméstica influência amenizante, aperfeiçoadora, robustecendo o amor da natureza, e atraindo mais os membros da família uns para os outros e para Deus (WHITE, 2006, p. 370).

A apreciação das belezas naturais deveria ocupar um papel importante no desenvolvimento das faculdades das crianças e jovens. Daí a preocupação de que as instituições adventistas fossem estabelecidas com o propósito de colocar os alunos em contato íntimo com a natureza.

Deus ama o belo. Ele revestiu a Terra e o céu de beleza, e com alegria paternal contempla o deleite de seus filhos nas coisas que criou. Ele deseja que circundemos nossas habitações com a beleza das coisas naturais (WHITE, 2006, p. 370).

Ao incentivar a construção de hospitais em meio à natureza, Ellen G. White destacou que a saúde física é melhorada ao entrar em contato com as belezas naturais.

Adão e Eva [...] deleitavam-se no que viam e ouviam no Éden. E hoje, embora o pecado tenha lançado sombra sobre a Terra, Deus quer que seus filhos se deleitem nas obras de suas mãos. Localizar os nossos hospitais em meio das cenas da natureza equivale a seguir o plano de Deus; e, quanto mais minuciosamente ele for seguido, tanto mais maravilhosamente procederá Deus na restauração da humanidade sofredora (WHITE, 2007c, p. 266).

Ela também acreditava no poder terapêutico das plantas. “Há vivificantes propriedades no bálsamo do pinheiro, na fragrância do cedro e do abeto, e outras árvores têm também propriedades curadoras” (WHITE, 2006, p. 264).

Como Ellen G. White praticava o que ela pregou sobre ecologia? Ela gostava de jardinagem orgânica, caminhadas, acampar nas montanhas, piqueniques com a família ao ar livre, e deu (assim como recebeu) tratamento natural para os doentes, incluindo hidroterapia, massagem e outras intervenções de saúde integral. Em seu diário, durante a viagem no norte da Itália, Ellen G. White escreveu com entusiasmo sobre o mundo natural:

Temos outra bela manhã. Os Alpes cobertos de neve linda com o sol que descansa em cima [...] Este é o cenário mais impressionante que já vimos. Assemelha-se muito ao Colorado e suas montanhas rochosas selvagens, precipícios, ravinas, profundos desfiladeiros e vales estreitos (WHITE, 1993, p. 303).



Ela gostava muito de flores, e fazia paralelos entre o mundo botânico e o Criador da diversidade. Ela plantou seus canteiros de flores com cuidado e, na estação de crescimento, todos os sábados, buquês frescos enfeitavam sua mesa de jantar.

Olho para estas flores, e, cada vez que as vejo, penso no Éden. São uma expressão do amor de Deus por nós. Assim nos dá Ele, neste mundo, um pequenino sabor do Éden. Quer que nos deleitemos nas belas coisas de sua criação, e que nelas vejamos uma expressão do que Ele deseja fazer em nosso favor (WHITE, 2000, v. 2, p. 356).

Em sua última casa, em Elmshaven, Ellen G. White arrumava cuidadosamente sua mesa, e os seus netos se lembram de que havia argolas para guardanapos e buquês de flores no sábado. Para ela, a natureza é um dom de Deus para nós e Ele pretende que nós nos importemos com ela.

Ele pôs, no princípio, nossos primeiros pais entre os belos quadros e sons em que deseja que nos regozijemos ainda hoje. Quanto mais chegarmos a estar em harmonia com o plano original de Deus, mais favorável será nossa posição para assegurar saúde ao corpo, espírito e alma (WHITE, 2006, p. 365).

31

Estilo de vida saudável e seu impacto no meio ambiente

Provavelmente nenhum dos conselhos de Ellen G. White é tão voltado para o meio ambiente como sua defesa de uma dieta vegetariana. Observe que só o praticar o vegetarianismo resultaria em melhor saúde, e também poderia ajudar a salvar os animais e a Terra.

Cereais, frutas, nozes e verduras constituem o regime alimentar escolhido por nosso Criador. Esses alimentos, preparados da maneira mais simples e natural possível, são os mais saudáveis e nutritivos. Proporcionam uma força, uma resistência e vigor intelectual que não são promovidos por uma alimentação mais complexa e estimulante (WHITE, 2006, p. 296).

Cada refeição sem carne ajuda a reduzir o risco de doenças cardiovasculares e câncer ao eliminar a exposição a patógenos transmitidos pelos alimentos; fornece



uma resposta viável para alimentar o mundo com fome através do uso mais eficiente dos grãos e outros cultivos; salva animais em condições de sofrimento, de exploração em fábricas, da dor e terror da matança; diminui o consumo de água doce, preserva o solo fértil e ecossistemas insubstituíveis, tais como florestas tropicais e outros habitats da vida selvagem; diminui a emissão de gases do efeito estufa que estão acelerando a mudança climática; reduz a poluição ambiental cada vez maior na agricultura animal. Ao falar sobre os efeitos da carne na saúde humana, Ellen G. White escreveu:

Cânceres, tumores e toda enfermidade inflamatória são causados em grande parte pelo alimento cárneo. Segundo a luz que Deus me deu, a predominância do câncer e dos tumores é em grande parte devida ao uso abundante de carne de animais mortos (WHITE, 2007b, p. 388).

Essa afirmação já foi surpreendente, mas agora é corroborada pela ciência médica. Os adventistas do sétimo dia geralmente dão ênfase à dieta vegetariana por causa do cuidado que devem ter com o corpo como templo do Espírito Santo. Mas não foi apenas a saúde da humanidade que impulsionou a orientação de Ellen G. White sobre uma dieta vegetariana. Foi também a preocupação com o sofrimento dos animais:

Os animais são muitas vezes transportados a longas distâncias e sujeitos a grandes sofrimentos para chegar ao mercado. Tirados dos verdes pastos e viajando por fatigantes quilômetros sobre cálidos e poentos caminhos, ou aglomerados em carros sujos, febris e exaustos, muitas vezes privados por muitas horas de alimento e água, as pobres criaturas são conduzidas para a morte a fim de que seres humanos se banqueteiem com seu cadáver (WHITE, 2006, p. 314).

Cada minuto do dia, milhares de animais são cruelmente abatidos em matadouros. Antes do abate, os animais são tratados como objetos sem sentimentos, alimentados com hormônios para acelerar artificialmente o alimento de peso, abusados, castrados, amontoados em lugares inconcebivelmente pequenos. Considere as galinhas de granja. Uma grande parte do bico sensível de cada galinha é cortada com uma lâmina quente. Quando às garras e os pés das galinhas, ficam presos no fio de suas gaiolas, e as garras são simplesmente cortadas.

Atualmente, cada ovo de granjas industriais representa 27 horas de sofrimento para uma galinha, que é colocada dentro de uma gaiola do tamanho de uma gaveta



de armário com até 10 outras galinhas. As gaiolas são empilhadas em várias camadas e as fezes das gaiolas acima caem sobre as que estão em baixo. As galinhas se tornam aleijadas, desenvolvem osteoporose devido à imobilidade forçada e perda de cálcio por produzirem tantas cascas de ovos. Algumas aves morrem de desidratação quando ficam presas no arame da gaiola ou nas correias das transportadoras não conseguindo chegar até a água. Ellen G. White criticou a crueldade com os animais:

Os animais veem e ouvem, amam, temem e sofrem. [...] Pense na crueldade que o regime cárneo envolve para com os animais, e seus efeitos sobre os que a infligem e nos que a observam. [...] Que pessoa, dotada de um coração humano, havendo já cuidado de animais domésticos, poderia fitá-los nos olhos tão cheios de confiança e afeição, e entregá-los voluntariamente à faca do açougueiro? Como lhes poderia devorar a carne como um delicioso bocado? (WHITE, 2006, p. 315 e 316).

Embora Ellen G. White escrevesse antes da ganância por petróleo dominar a política do mundo, e que a água se tornasse um recurso ameaçado, sua defesa vegetariana pode proteger esses produtos em declínio. A produção de alimentos de origem vegetal requer muito menos fertilizantes, energia, pesticidas, água e menos terra do que a produção de alimentos de origem animal. Comer uma dieta baseada em vegetais protege nosso planeta, poluindo menos o ar e a água, produzindo menos gases causadores do efeito estufa e evitando a erosão do solo.

Em 2006, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) apresentou o primeiro relatório sobre o impacto da pecuária sobre o desmatamento. Segundo o relatório, a pecuária era responsável por 18% de todos os gases do efeito estufa gerados pela atividade humana. (*et al.*, 2006, p. 112). Em 2012, haviam 209 milhões de cabeças de gado no Brasil. Para tanto, são necessários 150 milhões de hectares de pastagem, mais 50 milhões de hectares para cultura da soja, cuja maior parte se tornará ração de boi e vaca. Ao todo, o Brasil utiliza 200 milhões de hectares para a manutenção da indústria da carne, o equivalente às regiões Sul e Sudeste juntas, mais o estado da Bahia (*Revista vida e saúde*, setembro de 2012, p.14).

Ellen G. White também reconheceu a importância da água pura e do ar limpo.

As preciosas coisas do vale se alimentam dessas montanhas eternas. Os Alpes da Europa são a sua glória. Os tesouros das colinas concedem suas bênçãos aos milhões. Observamos

inúmeras cataratas correndo dos topos das montanhas para os vales abaixo (WHITE, 1990a, v. 3, p. 215).

Embora não aborde diretamente o problema da poluição dos rios, córregos, lagos e oceanos, ela o faz indiretamente quando afirma: “Têm morrido por falta de água pura e puro ar, milhares de pessoas que poderiam ter vivido” (WHITE, 2000, v. 2, p. 456).

Em relação à poluição atmosférica, ela afirmou:

O ambiente material das cidades constitui muitas vezes um perigo para a saúde. O estar constantemente sujeito ao contato com doenças, o predomínio de ar poluído, água e alimento impuros, as habitações apinhadas, obscuras e insalubres, são alguns dos males a enfrentar (WHITE, 2006, p. 365).

Ellen G. White aconselhou a buscar tranquilidade na beleza e quietude da natureza; descansar o olhar nos campos verdejantes, nos bosques e colinas; erguer os olhos ao céu azul, não obscurecido pelo pó e fumaça das cidades e aspirar o ar celeste e revigorador (WHITE, 2006, p. 367). Na perspectiva da saúde, ela afirmava, a fumaça e a poeira das cidades são bastante prejudiciais (WHITE, 1948b, v. 7, p. 82).

Ela também reconheceu os efeitos nocivos da poluição sonora. Frequentemente, ela apontava para os benefícios de uma casa limpa ou mesmo uma caminhada no campo, proporcionando a paz, tranquilidade e descanso que são essenciais para a saúde mental e até mesmo a saúde do coração (WHITE, 1990b, p. 136-139; WHITE, 2007a, p. 187).

Ellen G. White foi uma recicladora! Ela gostava de fazer tapetes de trapos com roupas muito desgastadas e cuidadosamente remendava roupas de sua família para evitar seu desgaste. Sua neta Ella relembra de Ellen pedindo ao marido Tiago para não jogar fora uma garrafa de vidro. Quando mesmo assim ele o fez, Ellen G. White o repreendeu: “Oh, Tiago! Você poderia, pelo menos, ter mantido a rolha!” “Coisa alguma que possa ser utilizada deve ser lançada fora” (WHITE, 1996, p. 135). “Ao desperdiçar tempo ou material isto é desonestidade perante Deus” (WHITE, 1948a, v. 4, p. 451).

Ellen G. White insistiu continuamente que os cristãos devem rejeitar o materialismo e simplificar suas vidas, a fim de dispor de fundos para as missões e para os pobres. “O mundo é hoje amaldiçoado pela ávida avareza e pelos vícios de condescendência própria dos adoradores de Mamom [o materialismo]” (WHITE, 2014, p. 139).

O dinheiro é um legado de Deus. Não nos pertence para gastá-lo na satisfação do orgulho ou da ambição. Nas mãos dos filhos de Deus é alimento para o faminto, roupas para o nu, um meio de restituir a saúde ao enfermo e pregar o evangelho ao



pobre. “Poderíamos levar felicidade a muitos corações mediante o sábio emprego dos recursos [dinheiro] agora usados para exibição” (WHITE, 2006, p. 287).

A generosidade é um estado de coração, e não é determinado pela quantidade de dinheiro que uma pessoa tem. Existem pessoas muito pobres que são avarentas e mesquinhas e também pessoas muito ricas que são generosas, e vice-versa. O objetivo de cada um de nós é considerar tudo o que temos como sendo de Deus e perguntar a Ele como quer que usemos seus recursos.

Aquele [Cristo] que tinha todos os recursos às suas ordens deu a lição de que nenhum fragmento deve ser desperdiçado. Aquele que tem em abundância não deve desperdiçar. Coisa alguma que possa fazer algum bem a outros deve ser desperdiçada. Recolha cada pedaço, pois alguém necessitará dele (WHITE, 1997, p. 154). Muitos que usam o nome de Cristo estão empregando seu dinheiro em prazeres egoístas, para satisfação do apetite, em bebida forte e dispendiosos artigos delicados, casas, móveis e roupas de custo extravagante, ao passo que aos pobres seres humanos em sofrimento dificilmente concedem um olhar de piedade ou uma palavra de simpatia (WHITE, 1997, p. 188). O Criador escolheu para nossos primeiros pais o ambiente que mais convinha a sua saúde e felicidade. Não os colocou num palácio, nem os rodeou dos adornos e luxos artificiais que tantos lutam hoje em dia por obter. Ele os pôs em íntimo contato com a natureza, em estrita comunhão com os santos seres celestiais (WHITE, 2006, p. 261).

35

Ellen G. White tinha ainda uma ilustração prática sobre como viver com uma renda, e acumular menos “coisas” que poluem o meio ambiente:

Conheci uma família que ganhava uma elevada soma semanal e gastava até o último centavo. Outra, do mesmo tamanho, que recebia cerca de metade dessa importância por semana e punha de lado alguma coisa, conseguia economizar, evitando a compra de coisas que pareciam necessárias, mas podiam ser dispensadas (WHITE, 1990b, p. 396).

Ellen G. White vincula a ecologia à comissão evangélica, incluindo o que comemos, a forma como podemos viajar, como gastamos o nosso dinheiro, mesmo



como podemos restaurar terra utilizada abusivamente. Era o plano de Deus, pelo seu povo do passado e atualmente, ensinar todas as nações como cuidar da Terra de forma adequada e como se manter livre de doenças, apontando, assim, para o Criador como fonte de saúde, beleza e alegria. Qualquer coisa que o cristão faz para a melhoria do ambiente ecológico da humanidade oferece maior oportunidade para também melhorar a humanidade fisicamente e espiritualmente.

Desde o solene ribombar do trovão profundo e do bramir incessante do velho oceano, até os alegres cantos que fazem as florestas ressoarem de melodia, os milhares de vozes da natureza proclamam o seu [de Deus] louvor. Na terra, no mar e no céu, com seus maravilhosos matizes e cores, variando em esplendoroso contraste ou confundindo-se harmoniosamente, contemplamos sua glória. As colinas eternas falam de seu poder (WHITE, 2007a, p. 54).

Note o propósito da renovação ecológica: “As pessoas estavam cooperando com Deus em restaurar a terra doente à saúde, que pode ser um louvor e glória ao seu nome” (NICHOL, 1953, v. 1, p. 1112).

De fato, Ellen G. White sentiu que a agricultura orgânica é tão importante quanto o sacerdote!

Pelo [seu povo], o Senhor planejou ensinar todas as nações do mundo a como cultivar a terra de forma que isso renderia frutos saudáveis, livres de doenças. [...] Aqueles que cultivavam o solo perceberiam que estavam fazendo um serviço a Deus. Eles eram tão importantes em seu trabalho quanto foram os homens designados para ministrar no sacerdócio (NICHOL, 1953, v. 1, p. 1112).

Nos últimos anos, tem havido uma proliferação de pesquisas que mostram o potencial de desenvolvimento moral do mundo natural. No entanto, Ellen G. White falou sobre o potencial de desenvolvimento moral na natureza há mais de cem anos. Ela acreditava que a natureza proveu oportunidades para aprender e aprofundar os valores espirituais, que nos são intencionais em apontar para Deus como Criador da natureza (WHITE, 2002, v. 3, p. 376-377; WHITE, 2007a, p. 54-55). Assim, a ecologia não é um fim em si mesmo. Um ambiente intocado aponta para um Deus que se deleita na beleza.

O respeito pela criação, na visão de Ellen G. White, inclui o respeito pelo Criador. Ela reconheceu que os direitos humanos estão fundamentados na doutrina



da Criação. O pecado tem causado uma ruptura na relação da humanidade com Deus, com os outros e com a natureza. Motivados pela graça de Deus, devemos restaurar todas as três relações como um todo.

O governo que protege, restaura, alivia, mas nunca aprova a opressão. Os pobres especialmente devem ser tratados com amabilidade. [...] A ajuda deve ser dada aos oprimidos; não existe uma alma que tem a imagem de Deus que seja colocada abaixo de um ser humano. A maior gentileza possível e liberdade devem ser concedidas à aquisição do sangue de Cristo (WHITE, 1990a, v. 3, p. 37).

Como cristãos que acreditam na ligação entre ecologia e a *imago Dei* (imagem de Deus), torna-se então a nossa responsabilidade promover uma sociedade com consciência ambiental, considerar cada ser humano como merecedor de dignidade, preocupar-se com aqueles que não têm o mínimo para viverem com dignidade, rejeitar a tortura e agir de forma reflexiva.

Adão e Eva perderam o ambiente perfeito do Éden por causa do pecado. Estamos novamente correndo o risco de perder o nosso meio ambiente por causa dos pecados do materialismo, ganância, poluição e desprezo dos recursos ambientais. Em Cristo, podemos ser restaurados à imagem de Deus, uns com os outros e com a natureza. O cristão não deve olhar só para a frente, para a restauração final da Terra ao seu estado original, mas também honrar a Deus hoje, cuidando de forma responsável do planeta que Ele lhe confiou.

37

Referências

REVISTA Vida e saúde. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, setembro de 2012.

WHITE, E. G. **A ciência do bom viver.** 10. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

_____. **Beneficência social.** 3. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. **Conselhos aos pais, professores e estudantes.** 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.

_____. **Conselhos sobre mordomia.** 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.



_____. **Conselhos sobre regime alimentar.** 12. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.

_____. **Conselhos sobre saúde.** 4. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.

_____. **General Conference Proceedings.** Oakland: General Conference Bulletin, 30 de março de 1903. v. 5. N. 3. p. 29.

_____. **Manuscript releases.** 1. ed. Silver Springs: Ellen G. White Estate, 1990a. v. 3.

_____. **Manuscript releases.** 1. ed. Silver Springs: Ellen G. White Estate, 1993.

_____. **Mensagens escolhidas.** 4. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. v.2

_____. **O lar adventista.** 13. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1990b.

_____. **Orientação da criança:** conselhos aos pais adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996.

_____. **Testemunhos para a igreja.** 1. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002. v. 3.

_____. **Testemunhos seletos.** 4. ed. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1971. v. 2

_____. **Testimonies for the church.** 1. ed. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1948a. v. 4.

_____. **Testimonies for the church.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1948b. v.7.

NICHOL, F. D. **SDA Bible commentary.** Hagerstown: Review and Herald Publishing, 1953. v. 1.

STEINFELD, H.; GERBER, P.; WASSENAAR, T.; CASTEL, V.; ROSALES, M. and HAAN, C. **Livestock's long shadow:** environmental issues and options. Roma: Food and Agriculture Organization of the United Nations, 2006.

Elena G. de White y el sentido común en la alimentación

RENEL GÓMEZ PADRÓN¹

La Reforma Pro-salud forma parte del mensaje del Tercer Ángel. Este es un mensaje que es endémico de la Iglesia Adventista del Séptimo Día (IASD) para predicarlo y vivirlo de adentro hacia fuera y, aunque no se constituye en una prueba de discipulado, es clave en la disminución del sufrimiento y preparación de la iglesia para cumplir su misión. Sin embargo, a pesar de la abundante y convincente luz recibida se combinan aún el desconocimiento, la ignorancia y el descuido en su ejecución. Ocasión aprovechada por otros grupos e individuos, a veces dentro de la iglesia, a veces fuera de ella, para manipular la información y aplicación de esta “gran cuña de entrada del evangelio”. Es aquí donde es necesario el sentido común para leer e implementar correctamente estos grandes principios. El sentido común aplica el principio inspirado a la realidad humana, teniendo en cuenta el momento, lugar, tiempo o circunstancia. Es el nexo para que se tenga lugar de manera apropiada, sin crear prejuicio, la instrucción de Dios. El objetivo de este trabajo es mostrar por medio algunas citas escogidas el pensamiento progresivo de Elena G. de White en la Reforma Pro-salud, lleno de sentido común, substancialmente cuando se refirió a la elección y consumo de los alimentos y en especial al tema de comer carne.

Palabras claves: Reforma pro-salud; Teología adventista; Elena G. de White.

A Reforma de Saúde é parte da mensagem do terceiro anjo. Essa é uma mensagem endêmica à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que deve pregá-la e vivê-la de dentro para fora, e, ainda que não se constitua teste de discipulado, é vital na diminuição

.....

¹ Bacharel em Teologia na Universidad Adventista de Chile; capelão e pastor distrital na cidade de Iquique, Chile. Departamental de Jovens e Ministério da Família na Missão Norte Chilena (MNCh). Universidad Adventista de Chile, Chile. E-mail: renelgomez@unach.cl

do sofrimento e preparo da igreja para cumprir sua missão. No entanto, apesar da abundante e convincente luz recebida, ainda há desconhecimento, ignorância e descuido em sua execução. Esse fato tem sido aproveitado por grupos e indivíduos, às vezes dentro da igreja, outras vezes fora, para manipular a informação e aplicação dessa “grande cunha de entrada do evangelho”. Aqui é necessário o bom senso para ler e implementar corretamente esses grandes princípios. O bom senso aplica o princípio inspirado à realidade humana, levando em consideração o momento, lugar, tempo e circunstâncias. Essa é a condição para que as orientações de Deus ocorram de maneira apropriada, sem criar prejuízos. O objetivo deste estudo é mostrar, por meio de algumas citações selecionadas, o pensamento progressivo de Ellen G. White sobre a Reforma de Saúde, cheio de bom senso quando se referiu à escolha e consumo dos alimentos, especialmente o tema da carne.

Palavras-chaves: Reforma de saúde; Teologia adventista; Ellen G. White.

40

La Reforma Pro-salud atañe al ser humano en toda su integralidad, cuerpo, mente y espíritu, obtener el mayor desenvolvimiento de este sería el gran objeto de la reforma (WHITE, 1975, p. 550). Aunque son muchos los aspectos que pueden destacarse en la Reforma Pro-salud, éste trabajo se limitará solo al tema de la alimentación con énfasis en el uso de la carne. Es conveniente iniciar con este pasaje bíblico “No destruyas la obra de Dios por causa de la comida. Todas las cosas a la verdad son limpias; pero es malo que el hombre haga tropezar a otros con lo que come” Romanos 14:20. Puede ser el desconocimiento, la ignorancia y el descuido de este tema tan importante, que al final las personas en vez de construir estén destruyendo la orientación de Dios a su iglesia. Elena G. de White abogó por irradiar este mensaje ya que había una relación muy estrecha con los hábitos correctos con el discernimiento de la verdad divina.

Él se propone que el gran tema de la reforma pro salud sea debatido y que la mente del público se inquiete profundamente para investigar; porque es imposible que los hombres y mujeres con todos sus hábitos pecaminosos, que destruyen la salud y debilitan el cerebro, discernan la verdad sagrada, a través de la cual han de ser santificados, refinados, elevados y hechos idóneos para la compañía de los ángeles celestiales en el reino de gloria (WHITE, 2003, p. 181).



La alimentación visto a través de los años en Elena G. de White

Primeramente sería conveniente dejar establecido algunos conceptos porque nos ayudarían en el desarrollo y conclusiones de esta investigación. Hay tres palabras claves que estarían oyéndose periódicamente en esta investigación: principio, norma y sentido común. El *Diccionario de la lengua española*² define “principio” como “primer instante del ser de algo” también como “Base, origen, razón fundamental sobre la cual se procede discuriendo en cualquier materia”. El Diccionario inglés³ traduce como “una verdad o ley fundamental o general”. Elena G. de White asocia el amor-principio con el carácter⁴. Se puede deducir que el principio tiene un carácter de inmutabilidad, es una declaración correcta en todo tiempo y circunstancia. La palabra “norma” el *Diccionario de la lengua española* traduce como “Regla que se debe seguir o a que se deben ajustar las conductas, tareas, actividades”⁵. El diccionario inglés define como “una instrucción oficial sobre lo que debe o no debe hacerse”⁶. Elena G. de White también ve la norma como algo que debe hacerse⁷. Igualmente se puede deducir que la norma es “la forma, manera, método, regla, procedimiento para hacer algo”, en este sentido una norma podría ser enmarcada dentro de lo condicional. Ahora al referirnos al sentido común el diccionario de la lengua española lo define como “Modo de pensar y proceder tal como lo haría la generalidad de las personas”⁸ y el diccionario inglés como “la capacidad natural de ser prácticos y de tomar buenas decisiones”⁹. En el capítulo 34 y página 244 del libro *Consejos para los maestros, padres y alumnos*, Elena G. de White habla de que “debemos guiarnos por la teología verdadera y el sentido común”. El contexto de la cita esta en relación al trato de los maestros con sus alumnos, y en la página anterior ella dice: “Estoy constantemente presentando la necesidad que tiene cada hombre de hacer lo mejor que pueda como cristiano”. Posiblemente estas

41

.....

² Disponible: < <http://bit.ly/1nh4Msa> >

³ Cambridge Dictionary Online. Disponible: < <http://bit.ly/1VOYBaM> >

⁴ “El amor es el principio fundamental del gobierno de Dios en los cielos y en la tierra, y debe ser el fundamento del carácter del cristiano” (WHITE, 1970, p. 207).

⁵ Disponible: < <http://bit.ly/1nhhv8> >

⁶ Cambridge Dictionary Online. Disponible: < <http://bit.ly/1Tluj27> >

⁷ “Dios espera que edifiquemos nuestros caracteres de acuerdo con la norma que él nos ha dado” (WHITE, 1964, p. 151).

⁸ Disponible: < <http://bit.ly/1WV4gMF> >

⁹ Cambridge Dictionary Online. Disponible: <<http://bit.ly/1RogtFQ>>

palabras puedan definir el concepto de Elena G. de White de lo que es el sentido común “hacer lo mejor bajo cualquier situación o circunstancia”.

Aunque la Reforma Pro-salud es parte del mensaje del tercer ángel (WHITE, 1975, p. 36) y los principios de dicha reforma se encuentran en la Palabra de Dios (WHITE, 2014, p. 343), esta debe presentarse con profundo sentido común (WHITE, 1975, p. 232) “Existe verdadero sentido común en la reforma pro salud” (WHITE, 1989, p. 152). “Acerca de los testimonios, nada es ignorado, nada es puesto a un lado. Sin embargo, deben tomarse en cuenta el tiempo y el lugar” (WHITE, 1966, v. 1, p. 65). Es primordial entonces estudiar el momento, el lugar y las circunstancias en que Elena G. de White escribió para entender entonces lo que escribió. Solo así podremos conocer su intención, palabra y vida (DOUGLASS, 2000, p. 95). El sentido común aplica el principio bíblico a la realidad humana, teniendo en cuenta el momento, lugar, tiempo o circunstancia. Es el nexo para que se tenga lugar de manera apropiada, sin crear prejuicio, la instrucción de Dios. No para moldear lo que Dios manifiesta, sino para condicionar al hombre a recibir lo revelado por Dios. “Dios quiere que todos tengamos sentido común y que razonemos en base al sentido común. Las circunstancias alteran las condiciones. Las circunstancias cambian la relación de las cosas” (WHITE, 1966, v. 3, p. 312). El sentido común hace que los principios eternos se puedan aplicar a la situación humana, considerando todas las circunstancias, sin ser alterados o rebajados dichos principios.

Como una forma de recapitular las ideas anteriores podemos sustentar lo siguiente.

1. La IASD tiene una verdad y teología en constante desarrollo, o sea, es progresivo. Es la forma en que Dios conduce;
2. La verdad y teología están basados en principios inalterables e inmutables, pero que a su vez son desarrollados en normas;
3. Las normas o reglas pueden cambiar dependiendo del tiempo, lugar y circunstancias;
4. Las normas desarrollan los principios haciendo lo mejor posible dentro de las circunstancias;
5. El sentido común es la capacidad del individuo para concretar que esa norma se desarrolle en la práctica “lo mejor que uno pueda hacer”.



En 1863, Elena G. de White recibe su primera visión respecto al régimen Pro-salud en Otsego, Michigan. Antes y después de esa visión, Elena G. de White comía, pero no como parte regular de su dieta, “venado, pato, pollo, ostras y arenque” (COON, 1986). Elena G. de White no sostuvo que después de su visión de Otsego nunca volvería a comer carne. Antes de la visión, ella entendía que para “tener vigor” había que usar la carne. Y justamente como era una persona que tenía la tendencia a desmayarse por su frágil salud, creía que la carne era indispensable. En ese entonces, ella era una gran consumidora de carne, “era el principal alimento en su dieta” (WHITE, 1975, p. 584). “La reforma alimenticia debe ser progresiva” (WHITE, 1926, p. 247) “Dios siempre ha usado este principio al revelar su verdad” (WHITE, 1926, p. 34).

1848 - Visión sobre el efecto nocivo del tabaco, el café y el té. La falta de limpieza corporal y el dominio del apetito “Hace veintidós años, en este otoño, se nos llamó la atención a los efectos perniciosos del tabaco, el té y el café, por medio del testimonio de la Sra. White [...]” (WHITE, 1966, v. 3, p. 310).

1854 - Principios importantes revelados (WHITE, 1966, v. 3, p. 311-312). Entonces vi una falta de limpieza entre los observadores del sábado. Vi que Dios no reconocería como cristiana a una persona desaliñada y sucia. Vi que las casas de los santos deben conservarse limpias y ordenadas. Vi entonces que el apetito debe controlarse, que no deben prepararse alimentos muy sazonados, succulentos o grasosos. Vi que había muchos en el pueblo remanente que eran enfermizos, y que estaban así por complacer su apetito.

1863-1865 - Visión sobre el gran tema de la reforma Pro-salud, el cuidado de la salud es un deber espiritual (WHITE, 1975, p. 577-578). Pregunta sobre la visión: “¿Recibió Ud. sus puntos de vista sobre la reforma pro salud antes de visitar el Instituto de Salud de Dansville, Nueva York,* y antes de haber leído libros sobre el tema?” Respuesta: “Fue en la casa del Hno. A. Hilliard, en Otsego, Michigan, el 6 de junio de 1863, donde el gran tema de la reforma pro salud fue abierto delante de mí en visión. Yo no visité Dansville hasta agosto de 1864, catorce meses después de haber tenido la visión” (WHITE, 1966, v. 3, p. 314). Vi que era un deber sagrado atender nuestra salud, y despertar a otros ante su deber en este sentido. Los primeros adventistas consumían la carne de cerdo, porque no comprendían la distinción entre las carnes limpias e inmundas; Jaime de White. y Elena G. de White también la comían. Después de la visión de 1863, los White dejaron de comer la carne de cerdo (DOUGLASS, 2000, p. 315).

**1870** - A los visitantes que venían a su casa,

Si alguien quiere más que esto, está en libertad de encontrarlo en otra parte. No pongo en mi mesa nada de mantequilla ni de carne. Raramente hay torta allí. Por lo general tengo una provisión amplia de frutas, buen pan y hortalizas (WHITE, 1975, p. 583-584).

Elena G. de White enseñaba que cuando era difícil llevar una dieta adecuada, por algunas circunstancias como viajes, condiciones austeras, etc. se tenía que regir por el principio “de lo mejor”, y no meramente por lo que es “bueno”. Obviamente esto en el contexto de la luz obtenida sobre lo que es correcto. En los tiempos de los White las condiciones y circunstancias en los cuales se trasladaban los alimentos y refrigeraban eran bien difíciles, ejemplos:

44

- ◇ En aquellos días, se desconocían los métodos para la preservación de los alimentos perecederos.
- ◇ La refrigeración no existía como hoy. Algunas raíces de tubérculos, vegetales y frutas eran conservados en sótanos frescos, pero por tiempo limitado.
- ◇ Tentativas de preservar la fruta fueron los envasados, pero no había dado resultados apetecibles.
- ◇ La pasteurización no era practicada.
- ◇ La gente aguardaba las frutas y los vegetales de la estación, pero mientras esperaba, era objeto de enfermedades por su carencia.
- ◇ La carne era salada y secada, luego almacenada. Se usaban frutas secas. Elena G. de White practicó el secado de fruta acopiándola para su familia y para otros.
- ◇ El transporte fácil de alimentos desde largas distancias en nuestros días, era desconocido en aquellos años.

1873 - La Familia White de paseo y trabajo por las Montañas Rocallosas, no tuvieron otra opción para buscar alimentos que la caza y la pesca.

Nuestras provisiones habían estado muy escasas por algunos días. Muchos de nuestros víveres se habían terminado [...] esperábamos con seguridad que llegasen alimentos tres días



atrás, pero no ha llegado nada. Willie fue al lago en busca de agua. Oímos su escopeta y descubrimos que había cazado dos patos. Esto es realmente una bendición porque necesitamos algo con lo cual vivir (Elena G. de White, *Manuscrito 12, 1873*).

1882 - Elena G. de White en una carta a su nuera Mary le pide lo siguiente:

Si puedes conseguirme una buena caja de arenques frescos, por favor hazlo. Éstos últimos que Willie consiguió están amargos y viejos. Si puedes comprar...media docena de latas de tomates buenos, por favor hazlo. Lo necesitaremos. Y si puedes conseguir unas pocas latas de buenas ostras, consíguelas (COON, 1986, p. 19).

En este tópico es necesario revisar las citas en las cuales aparece el tema de los mariscos¹⁰.

a. AH – *The Adventist Home* (El Hogar Adventista, 1952, p. 467)

Bajo el subtítulo “El peligro de la libertad ilimitada”, Elena G. de White describe como los jóvenes hijos de gente religiosa se escabullen de noche a los salones de entretención y aprenden a beber, jugar cartas y a pedir sopa de ostras entre otras licencias.

b. FE – *Fundamentals of Christian Education* (Fundamentos de la Educación Cristiana, p. 63).

Se repite la misma cita anterior.

c. 4T – *Testimonies for the Church* vol.4 (Testimonios para la Iglesia, vol. 4, 1876-1881, p.435).

Relata como un joven que fue a estudiar a Battle Creek poco a poco se ve involucrado con las tentaciones de algunos de sus compañeros. Es llevado a un salón, en donde ostras y otros refrescos son ofrecidos. Es el inicio de un alejamiento de lo que sus padres temerosos de Dios le enseñaron.

.....

¹⁰ recopilación y traducción por Pablo Millanao.



d. MR852 – Manuscritos liberados nº 852, 2.3

Registra el informe del hijo W.C. de White. Al estar enfermo del estómago le recomendaron beber sopa de ostras, de la cual tomo una o dos cucharadas.

En 1882, al vivir en Healdsburg, le escribió a su nuera que si podía conseguir una lata de ostras sería bueno. Las ostras son referencias a otra personalidad de la Iglesia Adventista en sus albores y sus opiniones sobre las ostras en el contexto de Lev. 11 y la reforma Pro-salud. Y una de Fannie Bolton, pero que fue una mentira de Bolton Básicamente son 4 las citas que están ligadas directamente con Elena G. de White.

En la década de 1880 los adventistas no tenían claro todos los detalles de la reforma pro salud, Levíticos 11 no era muy comprendido, sucedía lo mismo con la década del 1850 y principio del 1860 donde se consumía sin ningún problema la carne de cerdo.

El matrimonio White creía que las restricciones dietéticas expuestas en Levítico 11 como parte de las leyes ceremoniales ya no se aplicaban a partir de la cruz (la carne de cerdo se dejaba por un aspecto fisiológico, en incluso Haskell, pastor adventista que defendía el no comer carne de cerdo, fue advertido por la hna. White a “tener más cuidado, hasta que Dios revelase más luz al respecto”, después de la visión de 1863, ella apoyo a Haskell (ojo, que no siempre es el profeta el que tiene toda la luz).

En el año (1883) el Pr. W.H. Littlejohn (pastor del Tabernáculo de Battle Creek) en una revista de la iglesia contestaba sobre si las ostras estaban incluidas entre los alimentos inmundos de Levíticos 11. El respondió “es difícil decidir con certeza si las ostras estarían con propiedad bajo la prohibición de Levíticos 11:9-12 [...] sin embargo, por el lenguaje parecería como si pudieran estarlo” (LITTLEJOHN, 1983, p. 528). Por lo que en este caso, no había una visión que proporcionara una instrucción adecuada, entonces se debería ir poco a poco hasta nueva luz.

1884 - Eran los meses de invierno, y por problemas de salud, Elena G. de White Decide ir al Retiro en Sta. Elena, donde había mejor clima. Allí, el médico, administrador y cocinero no favorecían una dieta vegetariana, a lo que ella escribe.

Quando llegue al Retiro, decidí no probar carne, pero difícilmente podía conseguir alguna otra cosa para comer, y por lo tanto comí un poco de carne, la que causó una acción anormal del corazón. No era el tipo correcto de alimentos [...] El uso de carne mientras estuve en el Retiro despertó el viejo apetito, y después que regresé



a casa, clamaba por ser complacido. Entonces resolví cambiar totalmente y bajo ninguna circunstancia comer carne y estimular este apetito. Desde que regresé de ese lugar, ninguna porción de carne o mantequilla ha estado sobre mi mesa. Tenemos leche, fruta, granos y vegetales. Por un tiempo perdí todo deseo de comer. Como los hijos de Israel, he anhelado la carne. Pero rehusé firmemente comprar carne o cocinarla. Estaba débil y temblorosa, como lo estará todo aquel que subsiste con carne y es privado del estímulo. Pero ahora me ha vuelto el apetito. Disfruto del pan y la fruta, mi cabeza generalmente esta despejada y mi fuerza está más firme. No tengo nada del agotamiento tan común en los consumidores de carne. He recibido mi lección y espero haberla aprendido bien (Elena G. de White, *Carta 2, 1884*).

Con esta declaración, uno podría sostener que Elena G. de White ya no ingeriría ningún tipo de carne, sin embargo, es la aplicación del sentido común lo que seguirá ‘haciendo entender’ cualquier otra “ingestión de carne”.

47

1890

Donde puede obtenerse abundancia de buena leche y frutas, raramente existe una excusa para consumir alimento animal [...] En ciertos casos de enfermedad o de agotamiento puede pensarse que es mejor emplear algo de carne, pero debe ejercerse con mucho cuidado en conseguir la carne de alimentos sanos [...] Cuando yo no podía obtener el alimento que necesitaba, a veces he comido un poco de carne; pero tengo cada vez más temor de hacerlo (WHITE, 1975, p. 471-472).

En Australia en la década de 1890, era difícil encontrar una dieta de calidad y la carne era el alimento más económico disponible.

Los que esperan la venida del Señor, con el tiempo eliminarán el consumo de carne; la carne dejará de formar parte del régimen. Siempre debiéramos tener este fin en cuenta, y esforzarnos para avanzar firmemente hacia él. No puedo pensar que en la práctica del consumo de carne nos hallemos en armonía con la luz que a Dios le ha agradado darnos (WHITE, 1975, p. 454).



1894 - En Australia, en el campastre de Brighton, hace la renovación de su promesa personal de no comer carne, escribiendo a su sobrina no adventista Mary Clough Watson dice:

Hace dos años (1894) llegué a la conclusión de que era peligroso usar la carne de animales muertos, y desde entonces no he comido carne en absoluto. Nunca se coloca en mi mesa. Uso pescado cuando puedo conseguirlo...tampoco uso té ni café. Como trabajo contra estas cosas, no puedo sino practicar lo que sé que es lo mejor para mi salud, y mi familia está en perfecto acuerdo conmigo. Tú ves, mi querida sobrina, que te estoy diciendo las cosas tal como son (Elena G. de White, *Carta 128, 1896*).

Yo he eliminado absolutamente la carne de mi mesa”. Por un tiempo había permitido que se sirviese algo de carne a los empleados y miembros de la familia. Desde ese momento en adelante (enero de 1894) quedó bien entendido “que ora sea que esté en casa o afuera, nada de esta clase ha de usarse en mi familia, o ha de ponerse sobre la mesa. He tenido muchas presentaciones sobre este tema en las horas de la noche (WHITE, 1975, p. 586).

48

Las citas más fuertes en contra de la carne fueron escritas después del voto de abstinencia total del uso de la carne en 1894.

1901 - Previo al congreso de la Asociación General de 1901, Elena G. de White dijo

Por años no he comido carne en mi casa. Pero no renunciéis al uso de la carne porque la Hna. White no la come. No daría un centavo por vuestra reforma pro salud si se basa en eso. Quiero que permanezcáis firmes en vuestra dignidad individual y en vuestra consagración ante Dios, con todo el ser dedicado a él [...] Quiero que penséis en estas cosas. No convirtáis a ningún ser humano en vuestro criterio” (Elena G. de White, *Manuscrito 43, 1901*).

1902

Deben verse mayores reformas entre nuestros hermanos que pretenden estar esperando la pronta venida de Cristo. La reforma pro salud ha de hacer entre nuestros hermanos un obra que todavía



no se ha hecho. Hay personas que debieran estar despiertas ante el peligro de comer carne, pero que continúan consumiendo carne de animales, poniendo así en peligro la salud **física, mental y espiritual. Muchos que están hoy solamente medio convertidos con respecto al consumo de carne abandonarán el pueblo de Dios para no andar más con el** (WHITE, 1975, p. 456).

1903

Las hortalizas, las legumbres, las frutas y los cereales deben constituir nuestro régimen alimenticio. Ni un grano de carne debiera entrar en nuestro estómago. El consumo de carne es antinatural. Hemos de regresar al propósito original que Dios tenía en la creación del hombre (WHITE, 1975, p. 454).

1905

¿No es tiempo ya de que todos prescindan de consumir carne? Como pueden seguir haciendo uso de un alimento cuyo efecto es tan pernicioso para el alma y el cuerpo los que se esfuerzan por llevar una vida pura, refinada y santa, para gozar de las compañías de los ángeles celestiales? (WHITE, 1975, p. 454).

49

1908

Es para el propio bien de la iglesia remanente por lo que el Señor le aconseja a ella que descarte el uso de la carne, el té y el café, así como otros alimentos perjudiciales. Hay abundancia de otras cosas que podemos usar, para sostener nuestra vida, que son sanas y buenas (WHITE, 1975, p. 455).

1909

Si pudiese beneficiarnos el satisfacer nuestro deseo de comer carne, no os dirigiría esta súplica; pero sé que ello es imposible. Los alimentos preparados a base de carne perjudican la salud física, y debemos aprender a vivir sin ellos (WHITE, 1975, p. 482).



1911 - “No estoy preparada para aconsejar que hagamos del asunto del consumo de carne una prueba para nuestro pueblo” (Elena G. de White, *Manuscrito 23, 1911*).

En todas las declaraciones expuestas Elena G. de White aplica el sentido común, y lo hace bajo los principios de preservar la mejor salud y comer lo que es más nutritivo. Estos dos principios los mantuvo por medio de normas que aplicó durante toda su vida. Por medio de esta luz aconsejó a que evitaran el consumo de carne, no porque se considera un pecado comer carne, sino porque no es saludable (Elena G. de White, *Manuscrito 15, 1889*). “En los países donde abundan las frutas, los cereales y las nueces, la carne no es el alimento adecuado para el pueblo de Dios” (WHITE, 2004, p. 359).

En la reforma alimenticia hay verdadero sentido común. El asunto debe ser estudiado con amplitud y profundidad, y nadie debe criticar a los demás porque sus prácticas no armonicen del todo con las propias. Es imposible prescribir una regla invariable para regular los hábitos de cada cual, y nadie debe erigirse en juez de los demás (WHITE, 1926, p. 246).

50

Pero también alertó sobre el extremismo de una reforma Pro-salud entregada en situaciones adversas. “si la reforma Pro-salud se enseñara en su forma extrema a los que no pueden adoptarla por las circunstancias especiales en que se encuentran, de ello resultaría más mal que bien” (WHITE, 1975, p. 557). También hablando a los nuevos miembros dijo:

Siento sincera piedad por las familias que acaban de aceptar la fe, y que están tan presionados por la pobreza que no saben de donde saldrá su próxima comida. No es mi deber darles un discurso acerca de la forma sana de comer. La oportunidad constituida por circunstancias de este orden es la de hablar palabras que animen y bendigan en vez de condenar y reprochar (WHITE, 1975, p. 556).

Conclusión

En el 2005 la revista *National Geographic* dio a conocer una investigación que demuestra que los adventistas vegetarianos de California viven un promedio de años más que el resto de la población y sin las enfermedades que padecen la

mayoría de sus contemporáneos (BUETTNER *apud* NUNEZ, 2007, p. 148). “Desde 1954 se han publicado 250 artículos en revistas científicas sobre el estilo de vida y la salud de los adventistas” (NUNEZ, 2007, p. 148). “Una investigación realizada en el contexto del Congreso de la Asociación General del año 2000 mostró que solo el 30% de los delegados eran vegetarianos. El porcentaje es muy bajo [...]” (NUNEZ, 2007, p. 150). Esto nos lleva a formular lo siguiente. En los instituciones adventistas como escuelas, universidades, hospitales, clínicas, o en actividades organizadas por la iglesia no se cocina carne, y se presentan alimentos sanos, pero [...] ¿y en los hogares? “La iglesia come platos vegetarianos solo en público. Proyecta al mundo una imagen de salud basada en el vegetarianismo, cuando la mayoría de sus miembros no lo practican” (LOCKHART *apud* NUNEZ, 2007, p. 15035; WHITE, 1975, p. 484). ¿Se predica sobre el estilo de vida sana de manera constante?, ¿o es que en realidad hay una gran distancia entre lo que se enseña y practica [...] y por eso mejor no lo predicamos?

Elena G. de White 6 años antes de morir mencionó:

Los adventistas del Séptimo día transmiten verdades trascendentales. Hace más de 40 años {1863} que el Señor nos dio luces especiales sobre la reforma Pro-salud; pero, ¿cómo seguimos esa luz? ¿Cuántos hay que han rehusado poner su vida en armonía con los consejos de Dios! Como pueblo, debiéramos realizar progresos proporcionales a la luz que hemos recibido. Es deber nuestro comprender y respetar los principios de la reforma pro salud. En el asunto de la temperancia, deberíamos dejar muy atrás a todos los demás; sin embargo, hay en nuestras iglesias miembros a quienes las instrucciones no han faltado, y hasta predicadores, que demuestran poco respeto por la luz que Dios nos ha dado tocante a este puntos (WHITE, 1975, p. 484).

Ante tan importante mensaje, clave para tener más apertura del evangelio y para vivir más y mejor, busquemos este camino y hagámoslo usando el sentido común. Recordemos que el mensaje Pro-salud no ha de presentarse como una prueba de discipulado ni constituye una serie de obligaciones y deberes con lo cual ganamos el amor de Dios. El mensaje Pro-salud está dentro del Evangelio eterno, es clave en la preparación de la iglesia para cumplir su misión evangélica. Y el mensaje de salud siempre serán elecciones que con el tiempo van ayudando a desarrollar progresivamente el carácter de aquel que quiere servir mejor.



Hacia el final de su vida Elena G. de White escribió

Algunos informan que yo no he vivido a la altura de los principios de la reforma Pro-salud, tal como los he presentado con mi pluma. Pero puedo decir que hasta ahora, por todo lo que yo sepa, no me he apartado de esos principios (WHITE, 1975, p. 590, 591). La obra de la reforma Pro-salud es el medio del Señor para disminuir el sufrimiento en el mundo y para purificar a su iglesia. Enseñad al pueblo el hecho de que puede actuar como la mano ayudadora de Dios, cooperando con el obrero maestro en la restauración de la salud física y espiritual. Esta obra lleva la rúbrica del cielo, y abrirá las puertas de entrada para otras verdades preciosas. Hay lugar para que trabajen todos los que quieren hacerse cargo de esta obra inteligentemente. Mantened la obra de la reforma pro salud en la vanguardia, es el mensaje que debo presentar, según la instrucción que he recibido (WHITE, 1975, p. 549).

52

¿O ignoráis que vuestro cuerpo es templo del Espíritu Santo, el cual está en vosotros, el cual tenéis de Dios, y que no sois vuestros? ²⁰ Porque habéis sido comprados por precio; glorificad, pues, a Dios en vuestro cuerpo y en vuestro espíritu, los cuales son de Dios.

Referencias

COON, R. W. **Elena White and Vegetarianism: did she practice what she preached?** Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1986.

DOUGLASS H. E. **Mensajera del Señor.** Nampa: Pacific Press Publishing Association, 2000.

LITTLEJOHN, W.H. The coming conflict. **Review and Herald**, v. 60, n. 33, p. 528, 1983.

NUNEZ M. A, **La verdad progresiva: el desarrollo histórico de la teología adventista,** Lima: **Fortaleza Ediciones**, 2007.

WHITE, E. G. **El ministerio de curación,** Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1926.



- _____. **Conducción del niño.** Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 1964.
- _____. **Mensajes selectos.** Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1966. v. 1.
- _____. **Mensajes selectos.** Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1966. v. 3.
- _____. **Consejos sobre mayordomía Cristiana.** Mountain View: Publicaciones Interamericanas, 1970.
- _____. **Consejos sobre el régimen alimenticio.** Mountain View: Publicaciones Interamericanas, 1975.
- _____. **Consejo sobre la salud.** Doral: Asociación Publicadora Interamericana, 1989.
- _____. **Testimonios para la iglesia.** Doral: Asociación Publicadora Interamericana, 2003. v. 1.
- _____. **Joyas de los Testimonios.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2004. v. 3.
- _____. **El ministerio médico.** Nampa: Pacific Press Publishing Association, 2014.

El concepto de remanente en Elena G. de White

CARMELO MARTINES¹

La investigación pretende presentar un estudio diacrónico del concepto de “remanente” en los escritos de Elena G. de White. Dada la actual discusión sobre el tema, su aporte es importante para corregir y evaluar las diversas posturas que se exponen.

Palabras claves: Remanente; Elena G. de White; Teología adventista.

Este artigo apresenta um estudo diacrônico do conceito de “remanescente” nos escritos de Ellen G. White. Dada a atual discussão sobre o tema, sua contribuição é importante para corrigir e avaliar as diversas posturas expostas.

Palavras-chaves: Remanescente; Ellen G. White; Teologia adventista.

Antes de presentar cómo el concepto de remanente fue desarrollado por Elena G. de White, conviene tener en cuenta dos aspectos importantes: 1) su experiencia religiosa antes del chasco de 1844; y 2) su función en el desarrollo de las doctrinas adventistas.

Elena Gould Harmon de White nació el 26 de noviembre de 1927 en Gorham, en el estado de Maine en Estados Unidos. Sus padres pertenecían a la Iglesia Metodista Episcopal² (WHITE, 1995, p. 19; WHITE, A., 1985a, v.1, p. 112).

En 1842 junto con su familia asistió a una serie de conferencias dictadas por Guillermo Miller, en Portland, Maine. Como consecuencia de ello aceptaron el

.....

¹ Professor e secretário de pós-graduação na Universidad Adventista del Plata, Argentina. E-mail: teoposgr@uap.edu.ar.

² En 30 de agosto de 1846 se une en matrimonio con el pastor Jaime White.



mensaje profético de la segunda venida de Cristo (WHITE, 1995, p. 22; WHITE, A., 1985a, v. 1, p. 36-37).

En 1842 Miller volvió a dar otra serie de conferencias en Portland. En esta ocasión hubo mayor conmoción y resistencia al mensaje de Miller (WHITE, 1995, p. 29-30). A pesar de ello la familia siguió asistiendo a las reuniones milleritas que se desarrollaban en la sala Beethoven de Portland (WHITE, 1995, p. 52).

Como consecuencia del rechazo al movimiento millerita, la familia Harmon fue expulsada de la Iglesia Metodista (WHITE, 1995, p. 58-59; WHITE, A., 1985a, v. 1, p. 44).

Elena G. de White pasó por la experiencia del gran chasco del 22 de octubre de 1844. Ella expresó: “Quedamos de nuevo chasqueados, pero no descorazonados” (WHITE, 1995, p. 68).

Con el correr de los años esta autora hizo la siguiente apreciación de su experiencia en el movimiento millerita:

Entre todos los grandes movimientos religiosos habidos desde los días de los apóstoles, ninguno resultó más libre de imperfecciones humanas y engaños de Satanás que el de otoño de 1844. Ahora mismo, después del transcurso de muchos años, todos los que tomaron parte en aquel movimiento y han permanecido firmes en la verdad, sienten aún la santa influencia de tan bendita obra y dan testimonio de que ella era de Dios (WHITE, 1977, p. 453; 1884, v. 4, p. 250).

También puntualizó dos cosas: 1) “Un número notable de los que habían profesado creer en la próxima venida de Cristo, abandonaron su fe” (WHITE, 1977, p. 455) y 2) “hubo algunos que permanecieron firmes” (WHITE, 1977, p. 457).

Se debe señalar cuál es el papel que desempeñó Elena G. de White en la doctrina adventista. Los pioneros declararon enfáticamente que las doctrinas estaban basadas en el principio de “la Biblia sola”, pero que la misma Biblia no descartaba la manifestación del don profético (WHITE, J., 1854, p. 60; 1856, p. 158; 1863, p. 52; 1870, p. 64-65). De esta manera, los pioneros manifestaron que las doctrinas tienen su base en la Biblia y no en Elena G. de White.

Por ejemplo, la participación de la Sra. White en los congresos sabáticos de 1848 fue mínima (GORDON, 1990, p. 7). Ella reconoce que el fundamento fue puesto mediante el estudio de la Palabra. Recuerda la participación, en la investigación bíblica, de Jaime de White, de José Bates e Hiram Edson entre otros. Ella recuerda su escasa colaboración en ese entonces por haber percibido que su “mente estaba cerrada” (WHITE, 1966, v. 1, p. 241; 1904, p. 51-59; 1995, p. 120-122; WHITE, A., 1985a, v. 1, p. 139-151).



Las visiones de la Sra. White confirmaban la verdad o señalaban el error y convalidaban los estudios hechos previamente sobre la Biblia. Su función en el desarrollo de la doctrina fue formativa y no normativa (GRAYBILL, 1981, p. 7-8; HAMMILL, 1982, p. 15; JEMISON, 1955, p. 364-374; DOUGLASS, 1998a, p. 416-425).

En resumen, el concepto y la doctrina del remanente en la Iglesia Adventista del Séptimo Día (IASD) no se originó pura y exclusivamente por la iniciativa de Elena G. de White. Aunque es importante observar cómo confirmó y convalidó la posición de los pioneros en este aspecto.

Sus primeras declaraciones sobre el remanente

Teniendo en mente su experiencia hasta el gran chasco del 22 de octubre de 1844, las primeras visiones de Elena G. de White debieron proporcionar consuelo y orientación a los creyentes.

Su primera visión ocurrió en diciembre de 1844. En la misma se hace referencia al “pueblo adventista”, a los “santos amados” y a los “144.000”, no hay referencia al concepto de remanente (WHITE, 1962, p. 13-15; WHITE, J., 1851; 1854). Lo interesante del caso es que esta primera visión se escribió el 10 de diciembre de 1845 como una carta a Enoch Jacobs. Luego apareció el 24 de enero de 1846 en el periódico *The Day-Star*. A posterior Jaime White y H. S. Gurney, el 6 de abril de 1846, publicaron la visión en un panfleto con el título *To the Little Remnant Scattered Abroad*.

Cuando Jaime White editó en 1847 la obra *A Word to the “Little Flock”*, incluyó esta primera visión con el título: *To the Remnant Scattered Abroad*.³ Es de destacar la insistencia de usar el término “remanente” en estas publicaciones.

Para la Sra. White, el pequeño grupo que quedó luego del chasco, constituye el remanente que es objeto de la simpatía divina (WHITE, 1962, p. 246). De acuerdo a una visión en 1849, ella declaró que los últimos acontecimientos escatológicos aún no estaban sucediendo. Cristo todavía intercede en el santuario celestial, por el remanente que aun está sin sellar⁴ (WHITE, 1962, p. 38, 119).

Por eso, ése era el tiempo de reunir o recobrar al remanente del pueblo de Dios. En este sentido ella cita explícitamente tres veces las palabras de Isaías 11:11, dándole

.....

³ A posterior fue publicada con el mismo título en *Review and Herald*, 1851.

⁴ Donde además de hablar del santuario y el sábado, destaca la intersección de Jesús con su sangre, por el remanente aún sin preparar y sellar.

una aplicación tipológica, relacionada con los eventos escatológicos⁵ (WHITE, 1962, p. 70, 74, 86; EDSON, 1856, p. 162-163; NEUFFER, 1971, p. 1-40). Quizá en este aspecto hay una singularidad en su planteo con respecto a la posición de los pioneros sobre el concepto de remanente.

Pero al igual que los argumentos de los pioneros, supo presentar al remanente en relación con el santuario, la obediencia y el tema del sábado (WHITE, 1962, p. 42, 58, 66, 255), aunque no con tanta insistencia y énfasis.

Previsora mente vinculó el motivo del remanente en contraste con el avance y crecimiento del espiritismo en sus días⁶ (WHITE, 1962, p. 88-89, 70, 74, 263; ANDREWS, 1889, p. 5, 8, 26, 31).

Además de estas vinculaciones, se evidencia en la Sra. White una preocupación por los aspectos pastorales y eclesiales del remanente.

Ella invitó a los creyentes a no confiar en la fuerza de los argumentos sino en la dependencia sobre Dios. La mera argumentación no mueve a tomar parte por el remanente. Amonesto a que la teoría de la verdad debe ir acompañada del poder de la verdad, invito a los creyentes a estar unidos para que Satanás no tome ventajas sobre el pueblo remanente (WHITE, 1948a, v. 1, p. 113, 210-211).

Dentro de esta preocupación pastoral, trató de ir colaborando con la identidad y peculiaridad del pueblo adventista. Por ejemplo, ella consideró apropiado el nombre de Adventista del séptimo día para el remanente. El nombre lleva los verdaderos rasgos de la fe que se profesa. Entonces invitó a levantar el estandarte y luchar por las peculiaridades de esa fe (WHITE, 1948a, v. 1, p. 223-224).

Citando Ap 12:17, Elena G. de White declaró que el remanente debe preservar sus sagradas peculiaridades que lo distinguen del mundo. Indicó que las “iglesias nominales” están en oscuridad y confusión (Elena G. de White, *carta 7, 1856*; WHITE, 1990a, v. 5, p. 290). Señaló que el remanente debe estar caracterizado por su unidad, su peculiaridad y elección como pueblo de Dios. Como consecuencia habrá una poderosa

.....

⁵ El texto de Is 11:11 fue clave para los dispensacionalistas y los historicistas. Para los dispensacionalistas se trataba de la reunión de un remanente judío en el tiempo del fin. Para los historicistas se trata de la reunión del último remanente cristiano. De esta manera la Sra. White proseguía la posición historicista. Para ella el remanente se estaba reuniendo en aquel entonces y no en un futuro mediano, además el remanente era cristiano y no judío.

⁶ Andrews también percibió la misma relación entre el remanente y el espiritismo al eslabonar Ap 12:17 con 13:13,14 y 16:13, quedando establecida así la triple alianza demoníaca.



convicción ante el mundo de que ellos tienen la verdad (WHITE, 1948a, v. 1, p. 327; WHITE, J., 1861, p. 37-39).⁷

Ahora bien, en esta primera etapa Elena G. de White no sólo señaló la identidad y peculiaridad del remanente sino también su misión. Su misión es doble: 1) anunciar el mensaje proclamado por los tres ángeles de Ap 14:6-12; y 2) como consecuencia de la invitación del mensaje, congregar a los *sinceros* que dejan sus iglesias caídas y se deciden por el remanente (WHITE, 1962, p. 258-261, véase también p. 232-239, 75, 254-258).

Sus declaraciones sobre el remanente en la etapa de consolidación y expansión

En esta etapa del desarrollo institucional, en lo que respecta a salud y educación, y el comienzo de la misión (KNIGHT, 1993, p. 55-70; SCHWARZ, 1970, p. 86-165), una visión clave dará a la Sra. White un motivo destacado en sus escritos.

Entre el 13 y 14 de marzo de 1858 en Lovett's Grove, Ohio, la Sra. White recibió la visión abarcante del gran conflicto entre Cristo y Satanás (WHITE, 1995, p. 177-180; WHITE, A., 1985a, v. 1, p. 279-366).

Esto dio origen a la serie de libros conocida como *El conflicto de los siglos*. Esta serie está compuesta por cuatro volúmenes de *Spiritual Gifts* y cuatro volúmenes de *Spirit of the Prophecy*, el último volumen de estos recibió el título de *The Great Controversy*, que apareció en 1888 (WHITE, A., 1969, p. 55-61).

Desde un punto de vista teológico, el tema del “gran conflicto”, constituye el tópico más importante en los escritos de Elena G. de White. Da una perspectiva de cómo ella entiende e interpreta la Biblia. Además, esto coloca un marco integrador y organizador a la gran variedad de asuntos que ella trató y escribió (BATTISTONE, 1978, p. 111); (DOUGLASS, 1998b, p. 13-15,19).

Esta escritora confirma la declaración de Ap 12:17, Satanás ejercerá su poder persecutorio contra el remanente y así espera envolverlo en la ruina final (WHITE, 1864, p. 45-46, 61); (WHITE, 1948e, v. 2, p. 105-109). Por eso la historia de Nehemías⁸ le sirve para ilustrar la intensa oposición contra la verdad y el remanente (WHITE, 1948c, v. 3, p. 572).

.....

⁷ Esta declaración corresponde al 3 agosto de 1861. Donde al citar Esd 9:1, 13-15, presenta la experiencia de la confusión de su identidad de remanente en los días Esdras. Entonces, declara que el Israel de Dios en estos últimos días está en igual peligro de perder su peculiaridad y declara: “All of God's people upon the earth are one body, from the beginning to the end of time”.

⁸ Recuerdese que Neh 1:3 hace referencia al remanente.

El mensaje del tercer ángel sería el último mensaje de misericordia al mundo y el sábado ocupará un lugar prominente. Las bestias simbólicas de Ap 12 y 13 son poderes terrenales en conflicto contra el pueblo de Dios. El pueblo de Dios simbolizados por la mujer y el niño son una minoría. Ella entonces dice: “In the last days only a remnant exists” [“En los últimos días sólo existirá un remanente”] y cita Ap 12:17 (WHITE, 1884, v. 4, p. 273-274).

En esta situación ella prevé la unión de la iglesia y el Estado y la imposición de la observancia del día domingo. La libertad de conciencia no será respetada. El conflicto es seguro e inminente según las palabras de Ap 12:17 (WHITE, 1884, v. 4, p. 410; WHITE, 1948b, v. 5, p. 449) .

Aunque la situación puede ser apremiante y el remanente es incapaz de defenderse a sí mismo de las huestes del dragón; el mismo, tiene su defensa en Dios⁹ (WHITE, 1948b, v. 5, p. 210-213) y aún sera provisto de lo necesario en el tiempo de tribulación (WHITE, 1864, v. 3, p. 252).

Continuando con estas declaraciones, ella exhorta a que el remanente confíe en Dios y tenga a Cristo por refugio (WHITE, 1882, p. 449); (WHITE, 1883, p. 545). Además, si Satanás sugiere la duda en cuanto a que éste es el pueblo de Dios, se debe presentar la clara evidencia de la Palabra de Dios: “...this is the remnant people who are keeping the commandments of God and the Faith of Jesus” [“... este es el remanente: las personas que guardan los mandamientos de Dios y mantienen la fe en Jesús”] (WHITE, 1884, p. 225).

En sus aseveraciones ubica al remanente en dos aspectos importantes: 1) en contraste con un mundo que está en oscuridad y en una era de ilegalidad (WHITE, 1883, p. 519; WHITE, 1888, p. 65); y 2) ella observó que aunque el fin de todo está cerca, Juan vio al remanente que era reunido de todo el mundo, en armonía con los preceptos de Dios (Elena G. de White, *Manuscrito 41*, 1886; WHITE, 1977b, p. 77).

Elena G. de White vuelve a destacar que la misión del remanente es proclamar a todo el mundo el mensaje contenido en Ap 12:17, es decir, que se deben guardar los mandamientos de Dios y tener el testimonio de Jesucristo (Elena G. de White, *Carta 37*, 1887). En resumen, sus declaraciones sobre el concepto de remanente en esta etapa son parecidas a la de los pioneros. El remanente está presentado en el contexto escatológico. Pero en este tema sus escritos enfatizan la protección y el cuidado de Dios por su pueblo ¹⁰ (BATTISTONE, 1978, p. 109).

.....
⁹ Estas declaraciones están en el contexto del sellamiento, donde ella cita Ez 9.

¹⁰ Battistone expresa que el suceso salvador no sólo tiene significado redentor, sino también revelador. La liberación del remanente es una manifestación de la gloria de Dios.

Sus declaraciones sobre el remanente en la etapa de las crisis teológicas

Para esta etapa hay que tener en cuenta varios detalles significativos. En 1888 el congreso de Minneapolis significó una crisis teológica en lo que respecta a la comprensión de la doctrina de la justificación por la fe. Como resultado, se desarrolló un énfasis cristocéntrico en el adventismo (OLSON, 1981; WALLENKAMPF, 1988; KNIGHT, 1989; SCHWARZ, 1970, p. 183-197; KNIGHT, 1993, p. 71-88).

Debido al crecimiento numérico de la denominación se creyó necesaria efectuar una reorganización administrativa para hacer más efectiva la misión de la iglesia. Aquí se destacan los congresos generales de 1901 y 1903 (OLSON, 1981, p.180-247; SCHWARZ, 1970, p. 267-281; KNIGHT, 1993, p. 89-103).

Desde 1901 a 1907 la iglesia enfrentó la delicada crisis administrativa y teológica planteada por el doctor John Harvey Kellogg (SCHWARZ, 1970, p. 174-192; SCHWARZ, 1995, p. 282-298).

Entre tanto la Sra. White tuvo una intensa actividad literaria en esta etapa. La serie *El gran conflicto* es ampliada en una serie de libros y preparada para el público en general (WHITE, A., 1984, v. 3, p. 434-447). Durante su estancia en Australia (1891-1900), ella comienza a escribir sobre la vida y el ministerio de Cristo (WHITE, A., 1983, v. 4, p. 375-393), completando así la serie con un marcado énfasis cristocéntrico.¹¹

Resulta llamativo que antes del congreso de Minneapolis, ya la Sra. White se había adelantado a una de las discusiones principales: la justificación por la fe. Cuando ella comenta la visión del sacerdote Josué en Zac 3, declara que Satanás ataca al remanente que acepta la salvación ofrecida por Cristo. Ella presenta que la visión se aplica al pueblo de Dios o la Iglesia remanente, al finalizar el día anti-típico de la expiación. El remanente conoce su situación pecaminosa y débil, su única esperanza está en la misericordia de Dios¹² (WHITE, 1948b, v. 5, p. 470,-472) . El remanente perdonado y aceptado está en el monte Sión con el Cordero (cita Ap 14:1-5) ;(WHITE, 1948b, v. 5, p. 475).

La Sra. White señala que el cambio de ropa, en la visión representa la justicia imputada de Cristo al pecador. Cristo es así la justicia, santificación y redención (WHITE, 1948b, v. 5, p. 467, 469, 471- 472, 475- 476). Afirma que por el

.....
¹¹ La serie, ordenada progresivamente por la temática, se compone de las siguientes obras: *Patriarcas y profetas* (1890), *Profetas y reyes* (1916), *El Deseado de todas las gentes* (1898), *El discurso maestro de Jesucristo* (1896), *Palabras de vida del gran Maestro* (1900), *Los hechos de los apóstoles* (1911), *El gran conflicto* (1888).

¹² Estas declaraciones corresponden al año 1885.

arrepentimiento y la fe se es capaz de obedecer a todos los mandamientos de Dios (WHITE, 1948b, v. 5, p. 471).

Cabe destacar la manera como Elena G. de White vincula el concepto de “remanente” con lo soteriológico y cristológico (WHITE, 1886, p. 593; WHITE, 1898, p. 277). No obstante el nuevo énfasis que se originó a partir de 1888, la Sra. White no abandonó la temática profética y escatológica en sus escritos.

El concepto de remanente siguió relacionado con lo sucesos escatológicos: la fidelidad, el sello de Dios y la persecución de los poderes demoníacos (WHITE, 1888b, p. 690; WHITE, 1889, p. 241-242; WHITE, 1892, p. 753; WHITE, 1894a, p. 243-244; WHITE, 1894b, p. 500-501; WHITE, 1895, p. 690; WHITE, 1896b, p. 225).

En esa época los adventistas observaron con expectativa e interés el movimiento sobre la ley dominical (SCHWARZ, 1995, p. 250-256; KNIGHT, 1989, p. 116-128). Esto confirmaba de alguna manera su interpretación profética del tiempo del fin y la relación que esos sucesos tendrían en oposición y conflicto con la Iglesia remanente (JONES, 1901, p. 164-168; JONES, 1893a, p. 68; JONES, 1893b, p. 164-170; KNIGHT, 1987, p. 75-89, 117-131). La Sra. White también confirmó que el movimiento de la ley dominical era un indicio de: 1) la unión de los poderes religiosos; 2) la unión del poder civil y eclesiástico; 3) la libertad de conciencia amenazada; 4) la imposición del domingo como día de reposo. Por su puesto que todo esto relacionado con el concepto de remanente (WHITE, 1889, p. 2-3; WHITE, 1896a, p. 166-167; WHITE, 1899, p. 722-723; WHITE, 1901, p. 451).

Es importante recordar que la Sra. White aclaró que el congreso de Minneapolis de 1888 no significó el abandono de los hitos antiguos (Elena G. de White, *manuscrito 13 de 1889*; Ellen G. White, *Manuscrito 55, 1890*). Esto quiere decir que el tema del remanente siguió siendo tratado en el contexto escatológico, pero a partir de 1888 se lo vincularía también al contexto soteriológico y cristológico. Entonces Minneapolis no significó un cambio de énfasis, sino más bien un agregado. No hubo supresión, sino suplemento (WHITE, 1948d, p. 14-22).

Durante 1893, la Sra. White escribió una serie de artículos para la *Review and Herald*, titulados “*La Iglesia Remanente no es Babilonia*” (WHITE, 1893, p. 530; WHITE, 1977b, p. 32-62). Mediante estas declaraciones, ella debatió contra un folleto escrito por un grupo de adventistas, que acusaban a la iglesia de ser Babilonia e instaba a separarse de ella (WHITE, 1977b, p. 32, 36). Elena G. de White expone que Dios tiene una iglesia, pero esta es militante no triunfante (WHITE, 1977b, p. 45). Es honesta al declarar que en ella hay miembros defectuosos y, aunque es débil e imperfecta, no es destruida dado que “es el único objeto de esta tierra al cual Cristo concede su consideración suprema” (WHITE, 1977b, p. 41, 45, 46, 49; WHITE, 1894c, p. 177-178; WHITE, 1903, p. 8-9).

Elena G. de White advierte a aquellos que critican al único pueblo que cumple la descripción de “pueblo remanente”: 1) guarda los mandamientos de Dios; 2) tiene la fe de Jesús y 3) exalta la norma de la justicia en los postreros días. Y aclara que



la superioridad del pueblo remanente está en la capacidad de enseñar la verdad y vindicar la ley de Dios (WHITE, 1977b, p. 57-58). Resulta claro, por lo expuesto, que la superioridad no está dada por la perfección del remanente (WHITE, 1977b, p. 61).

Elena G. de White, anticipadamente, escribió en 1888 que habrá entre el remanente de los últimos días individuos que se moverán independientemente del cuerpo de la iglesia (Elena G. de White, *carta 33*, 1888; WHITE, 2000, v. 3, p. 20, 24). Esta situación se planteo con la crisis de John Harvey Kellogg.

Kellogg no sólo originó una crisis administrativa en lo que respecta al manejo de la obra médica, sino también originó una crisis teológica con la publicación, en 1903, de su libro *The Living Temple* (SCHWARZ, 1970, p. 184-186; WHITE, A., 1981, v. 5, p. 280-306).

Elena G. de White reaccionó decididamente con respecto a los errores contenidos en el libro de Kellogg¹³ (WHITE, 1966, v. 1, p. 226-243). Ella consideró a dichos errores como el alfa y anticipó una omega en el futuro, que será mucho más peligrosa (WHITE, 1966, v. 1, p. 231, 233, 237).

En la experiencia de la crisis de Kellogg, la Sra. White anticipo lo siguiente: 1) una reforma que consiste en renunciar a las columnas doctrinales de la fe adventista; 2) comenzaría un proceso de reorganización; 3) los principio de verdad dados a la Iglesia remanente serían descartados; 4) sería cambiada la religión adventista; 5) los principios formulados por los pioneros serían considerados como error; 6) se establecería una nueva organización; 7) se escribirían libros con una nueva orientación; 8) se tendría poco en cuenta al sábado y al Dios que lo creó (WHITE, 1966, v. 1, p. 238-239). En definitiva, lo que ella percibió fue la perdida de la identidad de la Iglesia remanente.

En esta etapa, la Sra. White volvió a puntualizar ciertos aspectos de la misión del remanente. Al citar las palabras de Isa 11:10.11 define que “Estas palabras resumen nuestra obra.” (WHITE, 1904a, p. 8). Recalcó que en las ciudades y naciones del mundo, se encuentran, entre los incrédulos un “remanente” que apreciará la Palabra de Dios y recibirá a Cristo como su salvador (WHITE, 1904b, p. 7). Por eso, como consecuencia del testimonio de la obra médica, entre otras cosas, cuando venga la prueba final no pocos tomarán parte con el pueblo remanente de Dios (WHITE, 1948d, v. 6, p. 226). Vuelve a ser clara la misión de convocar y congregar.

En otra declaración, da a entender que el pueblo remanente se ha hecho depositario de la verdad que ha pasado de época en época y que esas gemas de la verdad son para brindarlas al mundo (WHITE, 1890, p. 785). Es claro entonces, que el remanente preserva la verdad.

.....

¹³ La Sra. White publico un folleto *Special Testimonies*, que contiene sus amonestaciones concernientes a las ideas de Kellogg.

Sus últimas declaraciones sobre el remanente

Esta etapa se destaca por el cambio de la sede de Battle Creek a Takoma Park, Maryland. Surgen numerosas instituciones médicas y educativas. Hay una continua expansión misionera por todo el mundo (SCHWARZ, 1995, p. 299-332; KNIGHT, 1993, p. 97-103; ver WHITE, A., 1985b, v. 6).

Elena G. de White continuó manteniendo el concepto de remanente en el contexto escatológico. Pero agregó una interesante perspectiva, y esta es que lo único que resiste la supremacía satánica en el mundo es el remanente. Por eso si fuera eliminado el triunfo de Satanás sería completo (WHITE, 1908a, p. 8; WHITE, 1948f, p. 231). Por su puesto que en este conflicto final la unión de los poderes religiosos y civiles tendrá una parte fundamental (WHITE, 1908b, p. 8; WHITE, 1910b, p. 119).

Es importante recordar que en el año 1911 se publicó la última edición ampliada de *The Great Controversy* (WHITE, A., 1985b, p. 302-321). En este libro, la única referencia a Ap 12:17 está en relación con la unión de protestantes y católicos y el papel destacado de Estados Unidos en los eventos escatológicos (WHITE, 1950a, p. 582-592; WHITE, 1977a, p. 639-650). Teniendo en cuenta lo anterior, para Elena G. de White, el remanente es el único testimonio que Dios tiene en favor de la verdad. Su preservación y cuidado entonces es indispensable para los propósitos divinos.

Durante esta etapa Elena G. de White presentó una decidida preocupación por la situación espiritual de la Iglesia remanente. Exhortó a que la misma camine delante de Dios en humildad y fe, de esa manera Dios cumplirá su propósito a través de ellos¹⁴ (WHITE, 1948f, v. 9, p. 274). Posteriormente, en 1908, en una carta consignó que el pueblo remanente debe ser un pueblo convertido. Y que los mensajes y amonestaciones recibidos dan como resultado la conversión y la santificación del alma (Elena G. de White, *Carta 190*, 1908; WHITE, 1990a, v. 5, p. 54; WHITE, 1950b). Esta importante declaración fue repetida en los años siguientes.

En 1909 desde 13 de mayo al 6 de junio se desarrolló el congreso de Asociación General; la Sra. White asistió y presentó una serie de mensajes a los delegados (WHITE, A., 1985b, v. 6, p. 186-197). En el mensaje del 31 de mayo, relacionado con la reforma Prosalud, volvió a repetir la importancia de la conversión y santificación en el pueblo remanente (WHITE, 1948f, v. 9, p. 154, 156, 166; WHITE, 1909, p. 9; WHITE, 1910a, p. 7-8).

En conexión con la misión del remanente, vuelve a citar el texto de Isa 11:11. Los siervos son enviados a aquellos que claman por la Palabra de Dios, enviados a menudo a las estaciones misioneras entre los paganos (WHITE, 1908c, p. 8; WHITE, 1915, p. 3). Elena G. de White señala que el mundo nunca fue dejado sin testigos del poder salvador de Dios. Y

.....

¹⁴ ella hizo esta declaración en 1907.



en las escenas finales de la historia de esta tierra, se podrá decir que el remanente permanece fiel a Dios (cita Ap 14:12) (WHITE, 1913, p. 3). De este modo, el remanente como entidad corporativa, es testigo del accionar de Dios en favor de la salvación este mundo.

Por último, al realizar un comentario sobre el libro de Apocalipsis, ella declara que: “En santa visión el profeta vislumbró el postrer triunfo de la Iglesia remanente de Dios” (WHITE, 1977c, p. 487).

Conclusiones

La posición de Elena G. de White con respecto al concepto de remanente se puede resumir en los siguientes puntos:

1. En sus primeras declaraciones, destaca que luego de 1844 comenzó el tiempo de reunir al remanente de Dios, por eso cita reiteradamente Is 11:11. Aunque coincidió con los argumentos presentados por los pioneros en relación con el remanente, su énfasis fue más pastoral y eclesial. Consideró que la misión del remanente era la proclamación de triple mensaje angélico de Ap 14:6-12, y congregar a los sinceros.
2. Sus declaraciones en la etapa de consolidación y expansión, ubican al remanente en el contexto de su punto de vista del “gran conflicto”. En este sentido, es importante Ap 12:17 y las características del remanente son la obediencia y la fe en Jesús. Al presentar al remanente en un contexto escatológico, en sus escritos enfatiza la protección y el cuidado de Dios por su pueblo.
3. Durante la etapa de las crisis teológicas y a posterior del congreso de Minneapolis de 1888, vinculó el concepto de remanente al contexto soteriológico y cristológico. En 1893, en reacción a ciertas acusaciones sobre la Iglesia Adventista, destacó que el único pueblo que cumple la descripción de “pueblo remanente” es: 1) guarda los mandamientos; 2) tiene la fe de Jesús y 3) exalta la norma de la justicia en el tiempo del fin. Con respecto a la misión del remanente destaca que el remanente es depositario de la verdad que ha pasado de época en época, el remanente *preserva la verdad* (misión estática) y esta verdad es la que debe comunicarse al mundo mediante la predicación, la obra médica y educativa, el remanente *transmite la verdad* (misión dinámica) (MAHONEY, 1947, p. 390; ROWLEY, 1953, p. 72; HANSON, 1961, p. 22, 86, 155, 157, 164).



4. En sus últimas declaraciones hay una preocupación por la situación espiritual de la Iglesia remanente, lo que indica que en la perspectiva de Elena G. de White el remanente no se compone de seres impecables y perfectos. La conversión y santificación es un proceso necesario y continuo en el remanente. Pero a pesar de las dificultades espirituales, Elena G. de White considera que el remanente es el único testimonio que Dios tiene en favor de la verdad, entonces es indispensable su preservación y cuidado para los propósitos divinos.

5. En sus declaraciones no se observan los conceptos de que la Iglesia Adventista es “parte de un remanente” o “remanente del remanente”; ella fue clara, la Iglesia Adventista **es** el remanente de la profecía bíblica.

Referencias

66

ANDREWS, J. N. **Samuel and the witch of Endor: or, the sin of witchcraft**. Nampa: Pacific Press Publishing Company, 1889.

BATTISTONE, J. **The great controversy theme in E. G. White Writings**. Berrien Springs: Andrews University Press, 1978.

DOUGLASS, H. E. **Messenger of the Lord**. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1998a.

_____. Elena White y la teología adventista. **Dialogo universitario**, v. 10, n. 1, p. 13-15, 19, 1998b.

EDSON, H. The Time of the Gentiles. **Review and Herald**, v. 7, n. 21, p. 162-163, 1856.

GORDON, P. A. **Elena de White, su autoridad profética, y el desarrollo doctrinal de la Iglesia Adventista**. Entre Ríos: Colegio Adventista Del Plata, Centro de Investigaciones White, 1990.

GRAYBILL, R. Ellen White's Role in Doctrine Formation. **Ministry**, p. 7-8, 1981.

HAMMILL, R. Spiritual Gifts in the Church today. **Ministry**, p. 15, 1982.

HANSON, A. T. **The pioneer ministry**. Philadelphia: The Westminster Press, 1961.



JEMISON, T. H. **A prophet among you.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1955.

JONES, E. A. T. The Third Angel's Message- N° 3. **General Conference Daily Bulletin**, v. 5, n. 3, p. 68, 1893a.

_____. **The great nations of today.** Battle Creek: Review and Herald Publishing Co., 1901.

_____. The Third Angel's Message- N° 8. **General Conference Daily Bulletin**, v. 5, n. 6, p. 164-170, 1893b.

KNIGHT, G. R. **Angry saints.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1989.

_____. **Anticipating the Advent:** A Brief History of Seventh-Day Adventists. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1993.

_____. **From 1888 to apostasy:** The Case of A. T. Jones. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1987.

MAHONEY, C. K. The Doctrine of the Remnant. **Religion in life**, v. 17, n. 3, 1947.

MILLER, W. **Miller's works.** Joshua Vaughan Himes (ed.), [s.l], [s.d], [s.f], 1841.

NEUFFER, J. The Gathering of Israel. **Ministry**, p. 1-40, 1971.

OLSON, A. V. **Thirteen crisis years.** edic. rev. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1981.

ROWLEY, H. H. **The unity of the Bible.** Philadelphia: The Westminster Press, 1953.

SCHWARZ, R. **Light bearers:** A history of Seventh-day Adventist Church. Nampa: Pacific Press Publishing Association, 1995.

_____. **John Harvey Kellogg M. D.** Nashville: Southern Publishing Association, 1970.

WALLENKAMPE, A. V. **What every adventist should know about 1888.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1988.



WHITE, A. L. **Ellen G. White: the Australian years 1891-1900.** 1. ed. Washington: Review and Herald, 1983. v. 4.

_____. **Elena G. White: Mensajera de la Iglesia Remanente.** 1. ed. Washington : Junta de los Fideicomisarios de las publicaciones de Helena G. de White, 1956.

_____. **Ellen G. White: the early elmshaven years 1900.** 1. ed. Washington: Review and Herald, 1981. v. 5.

_____. **Ellen G. White: the early years 1827- 1862.** 1. ed. Washington: Review and Herald, 1985a. v. 1.

_____. **Ellen G. White: the lonely years 1876-1891.** 1. ed. Washington: Review and Herald, 1984. v. 3.

_____. **Ellen White.** 1. ed. Washington: Review and Herald , 1985b. v. 6.

_____. **Ellen G. White messenger to the Remnant.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1969.

WHITE, E. G. A personal appeal to every believer. **Review and Herald**, v. 80, n. 15, p. 8-9, 1903.

_____. The return of the exiles -N° 9. Joshua and the Angel (Concluded)”, **Review and Herald**, 9 enero 1908,

_____. A present help in every time of trouble. **Review and Herald**, v. 78, n. 29, p. 451, 1901.

_____. A solemn appeal. **Signs of the Times**, n. 44, p. 519, 1883.

_____. An address in regard to sunday movement. **Review and Herald**, p.2-3, 1889.

_____. Be zealous and repent. **Review and Herald**, v.67, n. 50, p. 785, 1890.

_____. Character of the last conflict. **Review and Herald**, v. 73, n. 15, p. 225, 1896b.

_____. Christ our sacrifice. **Review and Herald**, v. 63, n. 38, p. 593, 1886.



_____. Christ the center of the message. **Review and Herald**, v. 71, n. 12, p. 177-178, 1894c.

_____. **Counsels to writers and Editors**. Nashville: Southern Publishing Association, 1946.

_____. Defying God. **Review and Herald**, v. 90, n. 30, p. 3, 1913.

_____. **El Conflicto de los siglos**. 10. ed. Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1977a.

_____. **Evangelism**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1970, p. 179.

_____. Faithfulness in health reform. **Review and Herald**, v. 87, n.9, p. 7-8, 24, 1910a.

_____. God's desire for his people. **Review and Herald**, v. 86, n. 34, p. 9, 1909.

_____. God's law immutable. **Signs of the Times**, n. 11, p. 166-167, 1896a.

_____. God's standard of character. **Review and Herald**, v. 75, n. 18, p. 277, 1898.

_____. Harmony with the apostate powers a sign of emmity to God (concluded). **Signs of the Times**, n. 32, p. 500-501, 1894b.

_____. Hope for the heathen (Concluded). **Review and Herald**, v. 92, n. 3, p. 3, 1915.

_____. Humility and faithfulness in laborers. **Review and Herald**, v. 61, n. 15, p.225, 1884.

_____. Let the trumpet give a certain sound. **Review and Herald**, v. 69, n. 48, p. 753, 1892.

_____. **Los hechos de los Apóstoles**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1977c.

_____. **Manuscript releases**. 1. ed. Silver Springs: Ellen G. White Estate, 1990a. v. 5.



- _____. **Manuscript releases.** Silver Spring: Ellen G. White Estate, 1990b. v. 3.
- _____. **Mensajes selectos.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1966. v. 1.
- _____. **Mensajes selectos.** Washington: Ellen G. White Estate, 2000. v. 3.
- _____. **Notas biográficas de Elena G. de White.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995.
- _____. Our present position. **Review and Herald**, v. 60, n. 35, p. 545, 1883.
- _____. Our work. **Review and Herald**, v. 81, n. 25, p. 8, 1904a.
- _____. Preparation for the testing-time. **Signs of the Times**, n. 16, p. 241-242, 1889.
- _____. **Primeiros escritos.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1962.
- _____. Return of the exiles – N° 14. A revival and reformation (Concluded). **Review and Herald**, v. 85, n. 9, p. 8, 1908c.
- _____. Romanism the religion of human nature. **Signs of the Times**, n. 16, p. 243-244, 1894a.
- _____. Serve the lord whit gladness. **Signs of the Times**, n. 5, p. 65, 1888a.
- _____. **Spirit of prophecy.** Battle Creek: Review and Herald Publishing Co., 1884. v. 4.
- _____. **Spiritual gifts.** Battle Creek: Steam Press of the Seventh-day Adventist Press Association, 1864. v. 3 e 4.
- _____. **Testimonies for the church.** Mountain View : Pacific Press Publishing Association, 1948d. v. 6.
- _____. **Testimonies for the church.** Mountain View : Pacific Press Publishing Association, 1948f. v. 9.



_____. **Testimonies for the Church.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1948a. v. 1.

_____. **Testimonio para los ministros.** 2° ed., rev. y aum. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1977b.

_____. **Testimonios para los ministros.** Florida: Associação Casa *Editora Sudamericana*, 1979.

_____. The final test of God's people. **Signs of the Times**, n. 37, p. 119, 1910b.

_____. The first prophecy. **Review and Herald**, v. 59, n. 29, p. 449, 1882.

_____. **The great controversy.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1950a.

_____. The power of the word of God. **Review and Herald**, v. 81, n. 45, p. 7, 1904b.

_____. The remnant church not Babylon. **Review and Herald**, v. 70, n. 34, p. 530, 1893.

71

_____. **The remnant church.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1950b.

_____. The return of the exiles N° 11 - In the days of Queen Esther. **Review and Herald**, v. 85, n. 4, p. 8, 1908b.

_____. The return of the exiles N° 9 - Joshua and the angel (Concluded). **Review and Herald**, v. 85, n. 2, p. 8, 1908a.

_____. **Testimonies for the church.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1948b. v. 5. p. 295.

_____. **Testimonies for the church.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1948c. v. 3. p. 572.

_____. **Testimonies for the church.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1948e. v. 2.

_____. A present help in every time of trouble. **Review and Herald**, v. 78, n. 29, p. 451, 1901.

_____. Satan's malignity against Christ and his people (concluded). **Review and Herald**, v. 72, n. 44, p. 690, 1895.

_____. Some shall depart from the faith. **Review and Herald**, v. 65, n. 19, p. 19, 1888b.

_____. The goal of God- N° 2. **Signs of the Times**, n. 45, p. 722-723 , 1899.

WHITE, J. S. Power of example. **Review and Herald**, v. 18, n. 5, p. 37-39, 1861.

_____. Communications. **Review and Herald**, v. 7, n. 20, p. 158, 1856.

_____. Do we discard the Bible by endorsing the Visions?. **Review and Herald**, v. 21, n. 7, p. 52, 1863.

72 _____ . Gifts of the gospel church. **Review and Herald**, v. 6, n. 8, p. 60, 1854.

_____. Our use of the visions of Sr. **White**. **Review and Herald**, v. 35, n. 8 y 9, p. 64-65 , 1870.

_____. To the remnant scattered abroad. **Review and Herald**, v. 2, n. 1, p. 2-3, 1851.

_____. **A sketch of the Christian experience and views of Ellen G. White**. Advent Source Collection, 1851.

_____. **Supplement to the Christian experience and views of Ellen G. White**. Advent Source Collection, 1854.

WHITE, A. L. ; BATES, J.; WHITE, E. G. **A word to the little flock**. Ringgold: TEACH Services, Inc., 2005.

La tipología como elemento para revelar la existencia de una corriente entre la literatura canónica y extra canónica en Elena G. de White

PAULO CLEZIO DOS SANTOS¹

El propósito general de este estudio es buscar la correspondencia tipológica en la vida y ministerio de Juan el Bautista que lo convierte en prefiguración tipológica de la vida y el ministerio profético ejercido por Elena G. de White. Con este objetivo, el estudio comienza analizando diversos elementos de la vida, obra y preparación del camino para la primera venida de Cristo a esta tierra, relatados por los evangelios concerniente al ministerio de Juan el Bautista. Y su correspondencia, en la vida, obra y preparación del camino para la segunda venida de Cristo a esta tierra, en el ministerio de Elena G. de White bosquejado en sus escritos.

Palabras claves: Juan el Batista; Elena G. de White; Tipología.

Objetivo geral deste estudo é buscar a correspondência tipológica na vida e no ministério de João Batista, que o torna uma prefiguração tipológica da vida e do ministério profético exercido por Ellen White. Com esse objetivo, o estudo começa por analisar vários elementos da vida, obra e preparo do caminho para a primeira vinda de Cristo à Terra contada pelos Evangelhos a respeito do ministério de João Batista. E sua correspondência na vida, obra e preparo do caminho para a segunda vinda de Cristo à Terra, no ministério de Ellen G. White esboçou em seus escritos.

Palavras-chaves: João Batista; Ellen G. White; Tipologia.

.....

¹ Doutorando de ThD pela Universidade Peruana Unión, Lima, Peru. Doutor em Teologia Pastoral pelo SALT; licenciado em Teología pela Universidade Adventista del Plata. Atualmente é o diretor do SALT sede IAP em Maringá, Paraná. E-mail: psantos@uab.edu.bo.



En décadas recientes, el academicismo bíblico reanudó la investigación de uno de los principales métodos de interpretación de la Sagrada Escritura. Este método a pesar de ser empleado por Cristo y los apóstoles, fue obscurecido a lo largo de los siglos por el sincretismo religioso vivenciado por la iglesia cristiana. Estamos refiriéndonos a la exégesis tipológica, la cual fue teñida por procedimientos alegórico-místicos, que despojó la literatura bíblica de su sentido literal (FOUNTAIN, 1984, p. 96). Entre los teólogos de renombre que se han abocado al estudio del método tipológico se destacan: Leonard Goppelt, Walther Zimmerli, Walther Eichrodt, Georg Fohrer y hasta el propio Von Rad, entre otros. Estos eruditos han redescubierto que la tipología bíblica, es una herramienta útil no sólo para la exégesis bíblica, pero también para detectar vínculos teológicos entre el Antiguo y el Nuevo Testamento.²

De este modo, estos eruditos detectaron elementos tipológicos en el Antiguo Testamento, tales como “personas, instituciones y acontecimientos que fornecen modelos y prefiguraciones divinamente establecidas de realidades correspondientes en la historia de la salvación del Nuevo Testamento” (WESTERMANN, 1963, p. 225). Su exposición parece concordar con las concepciones tradicionales del cristianismo primitivo.³ Por intermedio de una tipología debidamente considerada, no solo descubrieron un excelente elemento para la exégesis bíblica y modelos en el Antiguo Testamento para la historia de la salvación en el Nuevo; como también, la unidad que existe entre los testamentos. Descubrieron también que el Antiguo Testamento mira continuamente hacia adelante para algo más allá de sí mismo, en cuanto que el Nuevo, mira continuamente hacia atrás, es decir, para el Antiguo.

Entre la serie de factores que se sumaron a la tipología para refrendar la inter-relación, el padrón de unidad, continuidad y una avenida doble que se mueve y es mantenida entre los dos testamentos; se destacan la dependencia escriturística, citas, vocabulario (en el cual se destacan palabras claves), a pesar de que uno de los Testamentos sea escrito en hebreo y el otro en griego. Un padrón de “inicio en el Antiguo Testamento, continuación en el Nuevo Testamento” (HASEL, 2012, p. 364-374).

Las inter-conexiones fueron percibidas a través del contenido también, pues los temas trascendentes del Antiguo Testamento hallan su correspondencia en el Nuevo.

.....

² A través de este método, algunos de estos eruditos descubrieron una inter-relación múltiple entre los testamentos que elucidan la unidad de la literatura canónica, sin imponer una uniformidad a los diversos testimonios bíblicos, o sea una unidad en la diversidad.

³ Es interesante observar en Lucas 24:27, como Jesús explico el Antiguo Testamento a los dos discípulos que iban camino a Emaús, aplicando la Escritura a sí mismo, con lo cual el Antiguo Testamento debe leerse e interpretarse cristológicamente. Pablo expone lo mismo en 1 Corintios 3:14. Por otro lado Von Rad considera que la historia del pueblo de Dios, las instituciones y profecías del Antiguo Testamento son los elementos, que fornece los prototipos para los antitipos del Nuevo Testamento (RAD, 1962, p. 365-372).



Generalmente, en el Antiguo Testamento el tema se inicia con una promesa la cual avanza para el cumplimiento en el Nuevo.⁴ Alguno de estos teólogos descubrieron a través de la tipología, un relacionamiento de reciprocidad entre los dos testamentos, a saber, “además del movimiento histórico del Antiguo Testamento para el Nuevo, y este mirando hacia atrás”. También, detectaron una corriente de vida fluyendo en dirección inversa, del Nuevo Testamento para o Antiguo. Algo así como una avenida de doble mano que conduce en ambos sentidos (EICHRODT, 1961, p. 26).

Pero este vínculo, la interrelación, así como los demás elementos detectados por estos eruditos, no queda restringido a la literatura canónica. Esta interrelación, esta corriente que fluye en dirección inversa, puede ser percibida de modo semejante en la relación que mantiene la Sagrada Escritura con las obras de Elena G. de White.⁵ Seguidamente, el presente estudio a través de una analogía tipológica que vincula el misterio de Juan el Bautista y el ministerio de Elena G. de White; destaca: (1) la existencia de las interconexiones y corriente que fluye en dirección inversa entre la literatura canónica y los escritos de Elena G. de White y (2) el modo como la literatura canónica legitima el don de profecía ejercido por Elena G. de White.⁶

Motivo por el cual Dios levantó a estos dos profetas

Durante más de mil años, los judíos habían esperado la venida del Salvador, y sobre este acontecimiento se habían cifrado sus más gloriosas esperanzas.

.....

⁴ Pero la promesa y el cumplimiento constituyen un acontecimiento unitario, relatado tanto en el Antiguo cuanto en el Nuevo Testamento.

⁵ De este modo algunas de las mismas señales de unidad, que vincula el Antiguo al Nuevo Testamento, la inter relación que conecta uno al otro, la avenida de doble mano que los habilita para recordar el pasado y prever el futuro, siguiendo una línea que apunta para el escatón final y la victoria del pueblo de Dios; puede ser apreciada en el relacionamiento que mantiene las obras de Elena G. de White con los escritos canónicos.

⁶ Este hecho puede ser refrendado a través de dos elementos destacados por los escritos inspirados. El primero, es subrayado por intermedio de la afirmación inspirada que la profecía no fue traída por voluntad humana, sino que los santos hombres de Dios hablaron siendo inspirados por el Espíritu Santo (2P 1:21). Y a la vez, el Espíritu que inspiró a los autores del Antiguo y Nuevo Testamento fue el mismo que eligió e inspiró a Elena G. de White.

Aproximándose el tiempo de su concretización, Dios levantó un profeta para que diese publicidad al sublime acontecimiento (Mc 1:1-16).

Juan el Bautista

La última semana de la profecía de Daniel 9:24-27⁷ “Setenta semanas están determinadas sobre tu pueblo y sobre tu santa ciudad, [...] habrá siete semanas, y sesenta y dos semanas; [...] Y por otra semana confirmará el pacto con muchos; a la mitad de la semana hará cesar el sacrificio y la ofrenda” (Dn 9:24, 27); contempla tres hechos trascendentales en la historia del pueblo de Dios: Bautismo, muerte de Cristo y el injerto del olivo silvestre al árbol de olivo. Cuando el tiempo profético estaba alcanzando su cumplimiento, Dios levantó un profeta para dar publicidad de estos hechos trascendentes. El Evangelio de Marcos describe al profeta y la publicidad ofrecida por él con las siguientes palabras:

Voz del que clama en el desierto: Preparad el camino del Señor; Enderezad sus sendas. Bautizaba Juan en el desierto, y predicaba el bautismo de arrepentimiento para perdón de pecados. Y salían a él toda la provincia de Judea, y todos los de Jerusalén; y eran bautizados por él en el río Jordán, confesando sus pecados. Yo a la verdad os he bautizado con agua; pero él os bautizará con Espíritu Santo. [...] Jesús vino a Galilea predicando el evangelio del reino de Dios, diciendo: El tiempo se ha cumplido, y el reino de Dios se ha acercado (Mc 1:2-6; 14, 15).

Igualmente, durante mil ochocientos años, la iglesia cristiana había esperado la segunda venida del Salvador, y el establecimiento del reino de gloria aquí en esta Tierra. Este acontecimiento había engendrado sus más gloriosas esperanzas. Aproximándose

.....

⁷ Setenta semanas están determinadas sobre tu pueblo y sobre tu santa ciudad, para terminar la prevaricación, y poner fin al pecado, y expiar la iniquidad, para traer la justicia perdurable, y sellar la visión y la profecía, y ungir al Santo de los santos. Sabe, pues, y entiende, que desde la salida de la orden para restaurar y edificar a Jerusalén hasta el Mesías Príncipe, habrá siete semanas, y sesenta y dos semanas; se volverá a edificar la plaza y el muro en tiempos angustiosos. Y después de las sesenta y dos semanas se quitará la vida al Mesías, mas no por sí; y el pueblo de un príncipe que ha de venir destruirá la ciudad y el santuario; y su fin será con inundación, y hasta el fin de la guerra durarán las devastaciones. Y por otra semana confirmará el pacto con muchos; a la mitad de la semana hará cesar el sacrificio y la ofrenda. Después con la muchedumbre de las abominaciones vendrá el desolador, hasta que venga la consumación, y lo que está determinado se derrame sobre el desolador.



el tiempo de su concretización, Dios levantó un profeta para que diese publicidad al sublime acontecimiento (Ap 14:6, 7; 12:17; 19:10; 22:9).⁸

Elena G. de White

Poco después de pasada la fecha de 1844, tuve mi primera visión. Estaba en Portland, de visita en casa de la Sra. de Haines, una querida hermana en Cristo, cuyo corazón estaba ligado al mío. Nos hallábamos allí cinco hermanas adventistas silenciosamente arrodilladas ante el altar de la familia. Mientras orábamos, el poder de Dios descendió sobre mí como nunca hasta entonces (WHITE, 1942, p. 56).

Ambos son profetas extra canónicos

No se ha presentado ningún argumento por eruditos cristianos que reduzca la influencia de Juan el Bautista o de su ministerio, por el hecho de que su nombre no figure entre los profetas canónicos. Del mismo modo, entre los teólogos adventistas del séptimo día, no se ha levantado ningún debate que cuestione la trascendencia del ministerio de Elena G. de White, debido a que sus escritos no hacen parte de la literatura canónica.

??

Ambos son contemplados en el cuadro profético

Juan el Bautista

El evangelio de Mateo refiriéndose a Juan el Bautista, afirma que: “Éste es Aquel de quien habló el profeta Isaías, cuando dijo: Voz del que clama en el desierto: Preparad el camino del Señor” (Mt 3:3). Y el evangelio de Lucas citando la profecía de Malaquías 3:1 advierte:

Mas ¿qué salisteis a ver? ¿A un profeta? Sí, os digo, y más que profeta. Este es de quien está escrito: He aquí, envío mi mensajero

.....

⁸ La profecía de Daniel 8:14 “Hasta dos mil trescientas tardes y mañanas; luego el santuario será purificado.” Alcanzó su cumplimiento, a través del pueblo que comió el librito que había sido cerrado en Daniel 12:4, y abierto en Apocalipsis 10:2. Dios levantó un profeta para dar publicidad concerniente a los hechos trascendentes del surgimiento de iglesia que durante 1260 años había permanecido oculta, y su predicación del “Evangelio Eterno” y el “inicio del Juicio” (Ap 14:6, 7).



delante de tu faz, El cual preparará tu camino delante de ti. Os digo que entre los nacidos de mujeres, no hay mayor profeta que Juan el Bautista; pero el más pequeño en el reino de Dios es mayor que él. Enderezad sus sendas (Lc 7:26-28).

Elena G. de White

De modo semejante el cuadro profético apuntaba para el surgimiento de un profeta en el seno de la iglesia del Dios vivo *columna y baluarte de la verdad*. Esto puede ser detectado en el centro de la profecía que anunció el surgimiento del remanente (Ap 12:17), allí se destaca que el Dragón arremetería contra la mujer (iglesia) que guarda los mandamientos de Dios y tiene el testimonio de Jesús.

En otros dos pasajes del libro de Apocalipsis se aclara que, esta mujer o iglesia, tendría el testimonio de Jesús (Ap 19:10). Se menciona que el apóstol Juan fue visitado por el ángel: “y se postró a sus pies para adorarlo. Y él le dijo: Mira, no lo hagas; yo soy consiervo tuyo, y de tus hermanos que retienen el testimonio de Jesús. Adora a Dios; porque *el testimonio de Jesús es el espíritu de la profecía*” (Ap 19:10, el subrayado es nuestro).

Y en Apocalipsis 22:9 el mismo ángel termina de dilucidar el tema con la repetición de la misma cláusula:

Y después que las hube oído y visto, me postré para adorar a los pies del ángel que me mostraba estas cosas. Pero él me dijo: Mira, no lo hagas; porque yo soy consiervo tuyo, *de tus hermanos los profetas*, y de los que guardan las palabras de este libro. Adora a Dios (Ap 22:8, 9, el subrayado es nuestro).

En el primer pasaje, Apocalipsis 19:10 el ángel revela que “*el testimonio de Jesús es el espíritu de la profecía*”, y en el segundo, Apocalipsis 22:8, 9 corre la cortina para informar que el *espíritu de la profecía* es lo mismo que “*tus hermanos los profetas*”. En otras palabras, en Apocalipsis 12:17 se afirma que la mujer, la iglesia tendría el testimonio de Jesús, y en el 19:10 revela que, “*el testimonio de Jesús es el espíritu de la profecía*” y en Apocalipsis 22:8, 9 concluye la aclaración afirmando que son los profetas.

Entonces, de forma directa, la profecía de Apocalipsis 12:17 puede ser reescrita de la siguiente manera: “Entonces el dragón se llenó de ira contra la mujer; y se fue a hacer guerra contra el resto de la descendencia de ella, los que guardan los mandamientos de Dios y tienen un profeta.” O sea, la iglesia de Apocalipsis 12:17, surgiría después de la persecución de tiempo tiempos y medio tiempo, 1798, guardaría los mandamientos de Dios y tendría un profeta.



Tanto Juan cuanto Elena G. de White atestiguaron una efervescencia religiosa

Juan el Bautista

Y Juan estaba vestido de pelo de camello y tenía un cinto de cuero alrededor de sus lomos y su comida era langostas y miel silvestre. Y salía a él Jerusalén, y toda Judea, y toda la provincia de alrededor del Jordán, y eran bautizados por él en el Jordán, confesando sus pecados. Al ver él que muchos de los fariseos y de los saduceos venían a su bautismo, les decía: ¡Generación de víboras! ¿Quién os enseñó a huir de la ira venidera? (Mt 3:4-7).

Elena G. de White

En la profecía del primer mensaje angelical, en el capítulo 14 del Apocalipsis, se predice un gran despertar religioso bajo la influencia de la proclamación de la próxima venida de Cristo. [...] El mismo mensaje revela el tiempo en que este movimiento debe realizarse. Se dice que forma parte del “evangelio eterno” y que anuncia el principio del juicio. [...] Tanto en Europa como en América, hubo hombres de fe y de oración que fueron inducidos a estudiar las profecías, y que al escudriñar la Palabra inspirada, hallaron pruebas convincentes de que el fin de todas las cosas era inminente.

En diferentes países había grupos aislados de cristianos, que por el solo estudio de las Escrituras, llegaron a creer que el advenimiento del Señor estaba cerca. [...] La gente oía temblando, al Espíritu convincente de que Dios hablaba a sus corazones. Muchos eran inducidos a escudriñar las Santas Escrituras con profundo interés; los intemperantes y los viciosos se enmendaban, otros renunciaban a sus hábitos deshonestos y se realizaba una obra tal, que hasta los ministros de la iglesia oficial se vieron obligados a reconocer que la mano de Dios estaba en el movimiento (WHITE, 1999, p. 404, 405, 406, 416).

La década de 1840 fue un período turbulento en lo que se refiere a reivindicaciones proféticas. Uno de los aspectos más destacados en ese período es que mucho del interés, quedó fuera de los límites de la religión convencional.

Tanto uno cuanto el otro vivieron en la época en que se purificó el templo

Juan el Bautista

He aquí, yo envío mi mensajero, el cual preparará el camino delante de mí; y vendrá súbitamente a su templo el Señor a quien vosotros buscáis, y el ángel del pacto, a quien deseáis vosotros. He aquí viene, ha dicho Jehová de los ejércitos. ¿Y quién podrá soportar el tiempo de su venida? ¿O quién podrá estar en pie cuando él se manifieste? Porque él es como fuego purificador, y como jabón de lavadores. Y se sentará para afinar y limpiar la plata; porque limpiará a los hijos de Leví, los afinará como a oro y como a plata, y traerán a Jehová ofrenda en justicia (Ml 3:1-3).

80

Durante su ministerio, Cristo, en dos oportunidades purificó el templo. La primera fue en la pascua, en el año 28 d. C (NICHOL, 1996, p. 900).

Estaba cerca la pascua de los judíos; y subió Jesús a Jerusalén, y halló en el templo a los que vendían bueyes, ovejas y palomas, y a los cambistas allí sentados. Y haciendo un azote de cuerdas, echó fuera del templo a todos, a las ovejas y los bueyes; y esparció las monedas de los cambistas, y volcó las mesas; y dijo a los que vendían palomas: Quitad de aquí esto, y no hagáis de la casa de mi Padre casa de mercado (Jn 2:13-22; Mt 21:12-17).

La segunda limpieza aconteció tres años más tarde, en ocasión de la cuarta pascua como un recordativo de que el derecho de Cristo todavía era válido (NICHOL, 1996, p. 900).

Elena G. de White

Tanto la profecía de Daniel 8:14: “Hasta dos mil y trescientas tardes y mañanas; entonces será purificado el Santuario”, como el mensaje del primer ángel: “¡Temed a Dios y dadle gloria; porque ha llegado la hora de su juicio!” señalaban al ministerio de



Cristo en el lugar santísimo, el juicio investigador, y no a la venida de Cristo para la redención de su pueblo y la destrucción de los impíos.⁹

El paralelismo es real, en cuanto durante el ministerio de Juan el Bautista Cristo viene al templo para purificarlo, literalmente; en el transcurso del ministerio de Elena G. de White Cristo entra en el templo del cielo, en el lugar santísimo para la purificación del santuario.¹⁰

Ambos llevan el título de mensajeros del Señor

Juan el Bautista

“Porque éste es de quien está escrito: He aquí, yo envío mi *mensajero* delante de tu faz, en (Mt 11:10, 11) leemos que: “Este es de quien está escrito: He aquí, envío mi mensajero delante de tu faz, El cual preparará tu camino delante de ti. Os digo que entre los nacidos de mujeres, no hay mayor profeta que Juan el Bautista” (Lc 7:27, 28).

Elena G. de White

En mi temprana juventud se me preguntó varias veces: ¿Es Ud. profetiza? Siempre he respondido: Soy la *mensajera* del Señor. Sé que muchos me han llamado profetiza, pero no he pretendido ese título. Mi Salvador me declaró que era su mensajera “Tú obra”, me indicó, “es llevar mi palabra” (WHITE, 1942, p. 36, el subrayado es nuestro).

.....

⁹ Los expositores adventistas del séptimo día entienden que el juicio que aquí se menciona fue el que comenzó en 1884, representando simbólicamente por la purificación del santuario terrenal (ver com. Dn. 8:14). Puede deducirse que no se refiere al ejecutivo cuando venga Cristo y todos recibirán su retribución, porque los mensajes de los tres ángeles (Ap 14: 6-12) preceden a la segunda venida de Cristo (v. 14). Además, el mensaje concerniente al juicio es acompañado por una exhortación y una amonestación que revelan que el día de la salvación aún no ha pasado. Los hombres pueden aún buscar a Dios y escapar de la ira que vendrá. La predicación de Guillermo Miller y sus colaboradores en el período desde 1831 hasta 1884, respecto a la terminación de los 2.300 días en 1844, puede considerarse históricamente como el comienzo de la predicación del mensaje del primer ángel (NICHOL, 1996, p. 842; 1945, p. 284).

¹⁰ Además de la venida del Señor a su templo, Malaquías predice también su segundo advenimiento, su venida para la ejecución del juicio, con estas palabras: Y yo me acercaré a vosotros para juicio; y seré veloz testigo contra los hechiceros, y contra los adúlteros, y contra los que juran en falso, y contra los que defraudan al jornalero de su salario, y oprimen a la viuda y al huérfano, y apartan al extranjero de su derecho; y no me temen a mí, dice Jehová de los Ejércitos (WHITE, 1999, p. 478- 479).



Ambos son más que un profeta

Juan el Bautista

¿O qué salisteis a ver? ¿A un hombre cubierto de vestiduras delicadas? He aquí, los que llevan vestiduras delicadas, en las casas de los reyes están. Pero ¿qué salisteis a ver? ¿A un profeta? Sí, os digo, y *más que profeta*” (Mt 11:8, 9, el subrayado es nuestro). En el evangelio de Lucas se repite la misma cláusula: Mas ¿qué salisteis a ver? ¿A un profeta? Sí, os digo, y *más que profeta* (Lc 7:26).

Elena G. de White

Durante el discurso [pronunciado en *Battle Creek*, el 2 de octubre de 1904] dije que no pretendía ser profetiza. Algunos se sorprendieron ante esta declaración, y como se está diciendo mucho acerca de esto, daré una explicación. Otros me han llamado profetiza, pero nunca pretendí ese título. No he sentido que era mi deber llamarme así. Los que osadamente pretenden que son profetas en estos nuestros días, son con frecuencia un baldón para la causa de Cristo. Mi obra incluye mucho *más de lo que significa ese nombre*. Me considero a mí misma como una mensajera, a quien el Señor le ha confiado mensajes para su pueblo (WHITE, 1942, p. 40; *Carta 55*, 1905).

82

Ambos son considerados luz menor

Juan el Bautista

En el evangelio según Juan el capítulo 1:6-8; el apóstol afirma que él no era la luz, la luz era Cristo: “Hubo un hombre enviado de Dios, el cual se llamaba Juan. Este vino por testimonio, para que diese testimonio de la luz, a fin de que todos creyesen por Él. No era él la luz, sino para que diese testimonio de la luz” (Jn 1:6-8).

Pero en Juan 5:35, Cristo afirma que Juan el Bautista era la antorcha:

Vosotros enviasteis mensajeros a Juan, y él dio testimonio de la verdad. Pero yo no recibo testimonio de hombre alguno;



mas digo esto, para que vosotros seáis salvos. Él *era antorcha* que ardía y alumbraba; y vosotros quisisteis regocijaros por un tiempo en *su luz*. Mas yo tengo mayor testimonio que el de Juan; porque las obras que el Padre me dio para que cumpliese, las mismas obras que yo hago, dan testimonio de mí, que el Padre me ha enviado. [...] Escudriñad las Escrituras; porque a vosotros os parece que en ellas tenéis la vida eterna; y ellas son las que dan testimonio de mí (Jn 5:35-39).

¿Cómo podemos entender esta contradicción?

Los vocablos luz de Juan 1:6-8 y el de Juan 5:33-36 son distintos. En Juan 1:6-8 el termino griego luz que se refiere a Cristo es *phōtos*, φωτός, y *phōs*, φῶς. Significa una luminaria grande expresiva en contraste con las tinieblas. Puede traducirse por fogata, hoguera y luz del día, una luz que ofusca y rodea el trono de Dios (SWANSON, 1997, p. 2455, ver φῶς). Pero el termino en Juan 5:35 que se refiere a Juan, es *luxnos*, λύχνος. *Luxnos*, puede significar una vela una luz pequeña, menor (ZODHIATES, 2000, p. 2288, ver λύχνος). Timothy Friberg señala que, metafóricamente λύχνος puede significar personas o cosas que capaciten o colaboren para el entendimiento espiritual de las profecías (FRIBERG *et al.*, 2000, p. 250).

El mensaje es claro, Cristo presentado por toda las Escrituras es la luz mayor φωτός (Jn 5:39), en cuanto Juan que condujo al pueblo hacia la luz mayor es λύχνος la luz menor.

Elena G. de White

El Espíritu Santo es el autor de las Escrituras y también del espíritu de profecía. Estos escritos no han de ser desvirtuados para hacer que signifiquen lo que el hombre quiera hacerlos significar, para expresar ideas y sentimientos humanos o para llevar adelante planes humanos a toda costa (WHITE, *Carta 92*, 1900; 1967, p. 32). Poco caso se hace de la Biblia, y el Señor ha dado una *luz menor* para guiar a los hombres y mujeres a la luz mayor (WHITE, 1995, p. 129).

El testimonio de ambos se hizo necesario por la falta de aceptación de la Sagrada Escritura

Juan el Bautista

Si yo doy testimonio acerca de mí mismo, mi testimonio no es verdadero. Otro es el que da testimonio acerca de mí, y sé que el testimonio que da de mí es verdadero. Vosotros enviasteis mensajeros a Juan, y él dio testimonio de la verdad. Pero yo no recibo testimonio de hombre alguno; mas digo esto, para que vosotros seáis salvos. [...] Escudriñad las Escrituras; porque a vosotros os parece que en ellas tenéis la vida eterna; y ellas son las que dan testimonio de mí; Yo he venido en nombre de mi Padre, y no me recibís; si otro viniere en su propio nombre, a ése recibiréis. No penséis que yo voy a acusaros delante del Padre; hay quien os acusa, Moisés, en quien tenéis vuestra esperanza. Porque si creyeseis a Moisés, me creeríais a mí, porque de mí escribió él. Pero si no creéis a sus escritos, ¿cómo creeréis a mis palabras? (Jn 5:31, 32, 39, 43, 45-47).

84

Elena G. de White

Si os hubieseis dedicado a estudiar la Palabra de Dios, con un deseo de alcanzar la norma de la Biblia y la perfección cristiana, no habríais necesitado los Testimonios. Es porque habéis descuidado el familiarizaros con el Libro inspirado de Dios por lo que él ha tratado de alcanzaros por medio de testimonios simples y directos (WHITE, 1987, p. 280-281).

Es claro entonces, el porqué de la necesidad del testimonio de Juan el Bautista y los testimonios de Elena G. de White, la incredulidad en la palabra de Cristo, la palabra de Dios.

Ambos fueron enviados al pueblo de Dios

Juan el Bautista



Tanto Juan cuanto Elena G. de White fueron comisionados para el desempeño de un ministerio entre el pueblo de Dios. En el caso de Juan, a inspiración subraya que:

Hará que muchos de los hijos de Israel se conviertan al Señor Dios de ellos. E irá delante de Él con el espíritu y el poder de Elías, para hacer volver los corazones de los padres a los hijos, y de los rebeldes a la prudencia de los justos, para preparar al Señor un pueblo bien dispuesto” (Lc 1:15-17).

Antes de su venida, predicó Juan el bautismo de arrepentimiento a todo el pueblo de Israel (Hch 13:24).

Elena G. de White

Nadie cuestiona el hecho que el mensaje de los testimonios, fueron dirigidos a los adventistas del séptimo día. Por medio de los testimonios dados, el Señor quiere advertir, reprender y aconsejar a Sus hijos e impresionarles el espíritu.

85

Ambos fueron comisionados para restaurar verdades antiguas

Juan el Bautista

“Entonces sus discípulos le preguntaron, diciendo: ¿Por qué, pues, dicen los escribas que es necesario que Elías venga primero? Respondiendo Jesús y les dijo: A la verdad, Elías viene primero, y *restaurará* todas las cosas” (Mt 17:11). El comentario bíblico Adventista afirma que: “Juan el Bautista proclamó el bautismo del arrepentimiento del pecado y el retorno al verdadero espíritu de la adoración” (NICHOL, 1996, p. 430).

Elena G. de White

El Señor quiere amonestaros, reprenderos, aconsejaros, por medio de los testimonios dados, y grabar en vuestra mente la importancia de la verdad de su Palabra. Los testimonios escritos no son dados para proporcionar nueva luz, sino para impresionar vívidamente en el corazón las verdades de la inspiración ya reveladas. El deber del hombre hacia Dios y sus semejantes ha sido especificado distintamente en la Palabra de Dios. Sin embargo, son pocos entre vosotros los



que obedecen a la luz dada. No son sacadas a relucir verdades adicionales; sino que Dios ha simplificado por medio de los Testimonios las grandes verdades ya dadas, y en la forma de su elección, las ha presentado a la gente, para despertar e impresionar su mente con ellas, a fin de que todos queden sin excusa (WHITE, 1987, p. 280- 281).

Ambos surgen después de un largo período de ausencia profética

Juan el Bautista

El Don de Profecía a lo largo del Antiguo Testamento termina con lo que se conoce como el período inter-testamentario. Entre Malaquías y Juan el Bautista la nación quedó privada del beneficio del ministerio profético. Elena G. de White comenta:

El don de profecía se manifestó en la iglesia durante la economía judaica. Si bien desapareció por algunos siglos, a causa de la condición corrupta de la iglesia hacia fines de dicha economía, volvió a aparecer para introducir al Mesías. Zacarías, padre de Juan Bautista, “fue lleno del Espíritu Santo, y profetizó.” Simón, hombre justo y devoto que “esperaba la consolación de Israel.” (WHITE, 1962, p. 133). [Además afirma]: “Fuera de la nación judaica hubo hombres que predijeron el aparecimiento de un instructor [divino...] y les fue comunicado el Espíritu de inspiración (WHITE, 1984, p. 24).

Malaquías el último profeta del Antiguo Testamento encerró su testimonio con esta profecía: “He aquí, yo os envío el profeta Elías, antes que venga el día de Jehová, grande y terrible” (Mal 4:5). Es incuestionable que esta predicción apunta en primera instancia para Juan el Bautista.

Elena G. de White

A semejanza de lo que ocurrió en el período inter-testamentario, en la era pós-postólica hubo una declinación en el don de profecía debido a la apostasía prevaliente. Pero, el cuadro profético señalaba que en el surgimiento de la iglesia



columna y baluarte de la verdad, este don sería nuevamente manifestado (Ap 12:17; 19:10; 22:8, 9). Y a semejanza de Juan el Bautista, en el momento previsto por la profecía (Is 40:1-3; Ml 3:1), Elena G. de White surgió como mensajera del Señor para orientar el pueblo remanente (DOUGLAS, 1974, p. 806-807).

El ministerio de ambos tuvo un propósito análogo

Juan el Bautista

El propósito del ministerio de Juan fue “preparar al Señor un pueblo bien dispuesto” (Lc 1:17), visando la primera venida de Cristo a esta Tierra.

Elena G. de White

Es incuestionable que el propósito del ministerio de Elena G. de White ha sido una brújula en la preparación del pueblo para la segunda venida del Mesías.

Conclusión

87

De este modo los trece elementos tipológicos, existentes entre el ministerio de Juan el Bautista y el de Elena G. de White, destacan hechos análogos como: 1) razón que motivó el ministerio tanto de uno como del otro; 2) ministerios extra canónicos; 3) ministerio de ambos, anunciado por el cuadro profético; 4) surgimiento en época de gran despertar religioso; 5) purificación del templo durante el tiempo del ministerio de ambos; 6) título de mensajeros del señor; 7) agregan responsabilidades más serias que el ministerio normal de un profeta; 8) considerados como luz menor; 9) ministerio requerido por falta de aceptación de la Escritura Sagrada; 10) envió al pueblo de Dios; 11) restauración de antiguos marcos doctrinarios; 12) surgimiento después de un vacío profético y 13) el propósito análogo de ambos ministerios, entre otros.

Revelan que la exposición tipológica no solo es útil para vincular e interrelacionar y revelar la existencia de una corriente viva e inversa entre los dos testamentos, pero, a la vez, es útil para destacar que estos mismos elementos se encuentran presente en la literatura inspirada sea esta canónica o extra canónica. De modo semejante y de manera ineludible, permiten refrendar la autenticidad del don profético y el ministerio de Elena G. de White, en el seno del movimiento Adventista del Séptimo día.

Bibliografía

DOUGLAS, J. D. (Ed.). **Prophecy: the new international dictionary of the christian church**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

EICHRODT, W. **Theology of the Old Testament**. Philadelphia: The Westminster Press, 1961. v. 1.

FOUNTAIN, T. **Claves de la interpretación bíblica**. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1984.

FRIBERG, T.; FRIBERG B.; MILLER, N. F. **Analytical lexicon of the greek new testament, Baker's Greek new testament library**. Grand Rapids: Baker Books, 2000. v. 4.

GOPPELT, L. **Typos**. Grand Rapids: Eerdmans, 1982.

HASEL, G. F. **Teologia do antigo e novo testamento: questões básicas no debate atual**. São Paulo: Ed. Academia Cristã Ltda, 2012.

NICHOL, F. D. **Comentario bíblico Adventista del Séptimo Día: Filipenses a apocalipsis**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1996. t. 7.

_____. **The midnight cry**. Michigan: Review and Herald Publishing Association, 1945.

RAD, G. V. **Old Testament theology**. 2. ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 1962. v. 1.

_____. **Old Testament theology**. Edinburgh: Oliver and Boyd, 1965. vol. 2.

SWANSON, J. **Dictionary of biblical languages with semantic domains: "Greek". New Testament**. Oak Harbor: Logos Research Systems, Inc., 1997.

WESTERMANN, C. **Essays on Old Testament hermeneutics**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1963.

WHITE, E. G. **Deseado de toda las gestes**. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1984.



_____. **El colportor evangélico.** 1. ed. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995.

_____. **El conflicto de los siglos.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.

_____. **El hogar cristiano.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1995.

_____. **Joyas de los testimonios.** 3. ed. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1987. v. 2.

_____. **Mensajes Selectos.** 3. ed. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1967.

_____. **Palabras de vida del gran maestro.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1999.

_____. **Primeros escritos.** California: Pacific Press Publishing Association, 1962.

_____. **Testimonios selectos.** Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1942. v. 1.

_____. **Verdade sobre os anjos.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

ZODHIATES, S. **The complete word study dictionary: New Testament.** Chattanooga: AMG Publishers, 1993.

“Las bodas del Esposo” como nominación distintiva del ministerio Sacerdotal de Jesús

MERLING ALOMÍA¹

Por alguna razón no entendida o, más bien, mal comprendida, algunos han estado enseñando que Elena G. de White afirma que en 1844 ocurrió la “Cena de Bodas del Cordero” y que desde entonces el evento ya ocurrió en los cielos. ¿Cuán cierto es esto? ¿Cuál es la Boda a la cual la Biblia y Ellen White se refieren? ¿Cómo estamos nosotros involucrados en esto?

Palabras claves: 1844; Elena G. de White; Cena de Bodas del Cordero.

Por alguma razão não compreendida, ou melhor, mal interpretada, alguns têm ensinado que Ellen G. White afirma que, em 1844, ocorreu a “Ceia das Bodas do Cordeiro” e, desde então, o evento já aconteceu no Céu. Essa teoria é correta? O que é a Ceia das Bodas à qual a Bíblia e Ellen White se referem? Como estamos envolvidos nisso?

Palavras-chaves: 1844; Ellen G. White; Ceia das bodas do Cordeiro.

Por alguna razón no entendida o, más bien, mal comprendida algunos han estado enseñando que Elena G. de White afirma que en 1844 ocurrió la “Cena de bodas del Cordero” y que desde entonces el evento ya se realizó en los cielos. ¿Cuán cierto es esto? ¿Cuál es la Boda a la cual la Biblia y Elena G. de White se refieren? ¿Cómo estamos nosotros involucrados con esto?

La Cena de Bodas del Cordero es un evento escatológico inconfundible que ocurrirá cuando Cristo esté ya reunido con los suyos en la Patria celestial tras su victoria sobre la Bestia y su imagen y después de haber regresado a la tierra por Segunda vez,

.....

¹ Profesor principal na Facultad de Teología de la Universidad Peruana Unión (UPeU). Doutorado em Antigo Testamento na Andrews University. Cofundador do Simpósio Teológico Adventista.



rescatado a los suyos y haberlos llevado a las mansiones celestiales². Es decir, Juan es claro al desplegar los eventos señalando que la Cena de Bodas del Cordero se realiza en el cielo después que el Cordero de Dios haya vuelto como “Rey de reyes y Señor de señores” a la tierra y rescatado a su novia del ataque unido del dragón, bestia y falso profeta.

Hay pasajes bíblicos que deben ser mencionados con relación a las Bodas del Esposo los cuales presentan el escenario de los sucesos en forma muy explícita.

Escenario presentado en varias maneras

Daniel 7:13 – “[EL] hijo de hombre *vino* hasta el anciano de días, y le hicieron acercarse delante de él”.

Daniel 8:14 – [Infiere] la *venida* hasta [del Hijo del Hombre] al lugar santísimo para purificar el santuario.

Malaquías 3:1, 5 – He aquí [...] *vendrá súbitamente* a su templo Jehová [...] y *vendré* a vosotros para juicio”.

Mateo 25:1-13 – “Salieron a recibir al esposo [...] He aquí *viene* el esposo salid a recibirle”.

Lucas 14:36 – “Sed [...] semejantes a hombres que *aguardan a que su señor regrese de las bodas* [...]”

Todos los pasajes leídos son descripciones de un solo suceso y los cinco hablan de una “venida”, pero el término “venida” no describe ni se refiere a la Segunda Venida de Jesús, sino de la llegada al juicio previo o anterior a la Segunda Venida de Cristo viniendo para iniciar el juicio en el lugar santísimo del Santuario celestial. Así nos es mostrado y resulta claro cuando consideramos cada escenario por separado y en su debido contexto. Salta a la vista que lo descrito es de importancia vital, pues es presentado y representado de diferentes modos y figuras. Así, veamos cada uno de ellos.

.....

² Guthrie (1981, p. 886) señala que la “Cena de Bodas del Cordero es el evento más significativo del futuro relacionado con el pueblo de Dios”. Para un estudio breve de los eventos propios de la Cena de Bodas del Cordero (ver ALOMÍA, 1968, p. 7-11).



El escenario de Daniel 7:13

A. La secuencia mostrada a Daniel:

[1] Daniel 7 es el despliegue de las naciones contra el Mesías y su pueblo en esta Tierra. De modo especial le muestra cómo la bestia se ensaña contra el pueblo de Dios y despliega su encono contra Dios.

[2] Parecería que Dios no iba a hacer nada contra el enemigo y sus huestes, pero Él sí actuaría y muy eficazmente en y desde su Santuario.

[3] En la Tierra habrían dos poderes actuando contra Dios y su pueblo: La bestia (Roma pagana) y el “Cuerno pequeño” cristiano apostólico y romano, que se ensañarían contra el pueblo de Dios y estarían muy airados contra Dios.

a. La bestia “devoraba y desmenuzaba, y pisoteaba” a quien se le antojaba o conquistaba entre las naciones (7:7, 19, 23).

b. El cuerno pequeño “eliminó a sus contrarios”, que eran 3, y blasfemó como quiso al Altísimo, quebrantó a los santos, cambió a su antojo la ley, y al pueblo de Dios persiguió con encono y crueldad por milenio y cuarto ¡Por 1260 años! (7:8, 11, 20, 21, 24-25).

c. ¿Cómo era posible que Dios no hiciera algo por el mundo y sobre todo por su pueblo?

d. ¿Dónde estaba su poder, compasión y su justicia?

[4] A Daniel se le muestra que para contrarrestar y acabar con este atrevimiento y sobre todo con la gran rebelión, Dios iniciaría el juicio de los siglos en su tribunal, y a favor de su pueblo (7:22) en el cual vindicará a sus santos.

[5] A Daniel se le revela que en el Juicio divino antes del Segundo advenimiento de Jesús a la Tierra, el Padre (como anciano de días) actúa presidiéndolo, y el Hijo (ya encarnado), como Hijo del hombre, actúa como abogado nuestro, es decir, actúa en el juicio de Dios como abogado de los juzgados y en favor de los fieles.

[6] Tras el resultado final del Juicio (que es un mega-evento en tres etapas) el Hijo del Hombre, ya coronado como rey del reino eterno, reina con sus santos por la eternidad (7:14, 18, 22, 26-27).

[7] La secuencia de los hechos es explícita y clara: cuatro bestias, Cuerno pequeño por 1260 años, Juicio en el cielo, con la venida del Hijo del hombre justo ante

el “anciano de días” o el Juez, arruinamiento del “cuerno pequeño” hasta el fin, entrega del reino al Hijo del hombre y el reino de Dios por la eternidad.

B. ¿Dónde se inserta las Bodas del Cordero?

[1] Daniel 7:22 – “[...] y llegó el tiempo y los santos recibieron el reino”.

[2] La fiesta de las Bodas del Cordero es parte de los festejos de la recepción de Reino cuando “le sea dado dominio, gloria y reino, para que todos los pueblos, naciones y lenguas le sirvan”. Entonces “su dominio es eterno, que nunca pasará, y su reino uno que no será destruido” (Dan 7:14).

[3] Esta realidad le es repetida a Daniel tres veces por Gabriel cuando viene a interpretar a Daniel lo que no entiende de lo mostrado.

a. v. 17-18

b. v. 21-22

c. v. 26-27

[4] No puede haber festejo de victoria sino al final de todo, cuando Cristo ya coronado como Rey de reyes haya rescatado a los suyos y, tras haber derrotado al gran rebelde haya concluido para siempre la gran controversia.

El escenario de Daniel 8:14

[1] Daniel 8 presenta el mismo escenario hostil de las naciones y en especial del “Cuerno pequeño” contra Dios y su reino, pero mostrándonos otra faceta de la acción de Dios al responder con su Juicio en el Santuario celestial.

[2] Se le muestra a Daniel que la iglesia romana es la actora principal del enemigo pues toda su acción es contra Cristo y su ministerio sacerdotal en su Santuario y contra el pueblo de Dios (8:9-13). Todo el actuar anticristiano del “Cuerno pequeño”, que es el papado, contaminando el Santuario, tal como contaminó por siglos el iniciador de la gran controversia.

[3] Luego se le muestra que el Hijo de Dios, ya encarnado y como Santísimo Sumo Sacerdote, comienza a purificar su Santuario, mediante el juicio previo a su Segunda Venida.



[4] En el capítulo 8 se le muestran a Daniel las acciones del enemigo de Dios y de su pueblo en la Gran Controversia en torno a lo que él hace en el Santuario, sin fechar los eventos, ya que recién en el capítulo 9 se le dan las fechas de todo el ministerio milenar de Jesús, como nuestro santísimo Pontífice celestial.

[5] Aunque se da la fecha del inicio de su ministerio sacerdotal, no se precisa la fecha del término de él, sólo se mencionan los eventos de su terminación.

[6] Con las visiones de los capítulos 8 y 9, Dios muestra a Daniel con amplitud lo que se le mostró del juicio en el capítulo 7, y especialmente en los v. 13-14.

[7] Es decir la “venida del Hijo de Hombre” a las Bodas del Esposo.

El escenario de Malaquías 3:1-5

[1] Malaquías habla de la cercanía del juicio antes de la segunda venida de Cristo.

95

[2] Menciona que el Mesías vendría al templo de manera repentina y para juicio.

[3] Menciona igualmente que la venida a su templo es para limpiar a sus hijos, a fin de que Jehová los considere como justos.

[4] Ese momento y esa tarea de juicio y justificación solo se la hace en el Santuario celestial y bajo la intercesión del Mesías como nuestro Santísimo Sumo Sacerdote.

[5] Daniel habla de esta misma tarea purificadora no solo del Santuario (8:14), sino de su pueblo entendido (Dn 12:10).

El escenario de Mateo 25:1-13; 22:1-14 y Lucas 12:25-37

[1] La parábola de las Bodas a las cuales las 10 vírgenes van con gozo a recibir al esposo contiene muchas enseñanzas, pero lo que más destaca es que solo logran acompañarlo “las que estaban preparadas”.



[2] En Mateo 25 no se hace ninguna aclaración del momento sino sólo de la necesidad de preparación para el evento que ocurre en cualquier momento de la cercanía de su venida, o del “tiempo del fin”.

[3] Pero en Mateo 22 sí se alude a las Bodas y a los convidados, recalando lo que éstos deben procurar y tener en cuenta antes del mismo evento. El Rey hace su invitación, sus provisiones y preparativos.

a. Hay un detalle muy importante con relación a cada invitado, pues el rey quiere que todos estén vestidos apropiadamente para la ocasión, por lo tanto provee un vestido de bodas muy peculiar.

b. No sólo lo provee sino que inspecciona a los invitados para estar seguro de que lo provisto sea acepto de modo que no haya incongruencias en la fiesta de bodas.

[4] Es Lucas quien aclara y hace diferencia entre los eventos relacionados con “las Bodas” y las profecías que señalan los eventos distintivos en Lucas 12:35-37

96

Estén ceñidos vuestro lomos, y vuestras lámparas encendidas; y vosotros sed semejantes a *hombres que aguardan a que su señor regrese de las bodas*, para que cuando llegue y llame, le abran en seguida. Bienaventurados aquellos siervos a los cuales su señor, cuando venga, halle velando; de cierto os digo que *se ceñirá y hará que se sienten a la mesa, y vendrá a servirles* (el subrayado es nuestro).

[5] Lucas nos habla de los siervos vigilantes que aguardan fielmente “que su Señor *regrese de las bodas*”, es decir, que regrese a la Tierra por segunda vez, tras finalizar su obra intercesora en el Santuario justificando a los suyos.

Las menciones de Elena G. de White de las Bodas de Dios

La venida de Cristo como nuestro Sumo Sacerdote al lugar Santísimo para la purificación del santuario, de la que habla Daniel 8:14; la venida del Hijo del hombre al lugar donde está el Anciano de días, tal como está representada en Daniel 7:13, y la venida del Señor a su templo predicha por Malaquías [3:1, 5] son descripciones del mismo acontecimiento representado también por la venida del esposo a las bodas, descrita por Cristo en la



parábola de las diez vírgenes, según Mateo 25 (WHITE, 1954, p. 479, el subrayado es nuestro).

En la parábola, cuando vino el Esposo, ‘las que estaban preparadas entraron con él a las bodas’. La venida del esposo, presentada aquí, se verifica antes de la boda. La boda representa el acto de ser investido Cristo de la dignidad de Rey [...] [luego] después de recibir el reino, vendrá en su gloria, como Rey de Rey de reyes y Señor de señores para redimir a los suyos, que ‘se sentarán con Abraham, Isaac y Jacob’, en su reino (Mat 8:11; Luc 22:30), para participar en la cena de bodas del Cordero (WHITE, 1954, p. 480).

La proclamación: ‘¡He aquí viene el esposo!’ en el verano de 1844, indujo a miles de personas a esperar el advenimiento inmediato del Señor. *En el tiempo señalado, vino el Esposo, no a la tierra, como el pueblo lo esperaba, sino hasta el Anciano de días en el cielo, a las bodas [...]* ‘Las que estaban preparadas, entraron con él a las bodas [...]’ No iban a asistir en persona a las bodas, ya que éstas se verifican en el cielo mientras que ellas están en la tierra. *Los discípulos de Cristo han de esperar ‘a su Señor, cuando haya de volver de las bodas’ (Luc 12:36). Pero deben comprender su obra, y seguirle por fe mientras entran en la presencia de Dios. En este sentido es en el que se dice que ellos van con él a las bodas (WHITE, 1954, p. 479-481, el subrayado es nuestro).*

97

El vestido de boda de la parábola representa el carácter puro y sin mancha que poseerán los verdaderos seguidores de Cristo [...] ningún vestido común a la usanza mundana, podrán emplear aquellos que se sienten con Cristo y los ángeles en la cena de las bodas del Cordero [...] Vestidos con el glorioso manto de la justicia de Cristo, poseen un lugar en el banquete del Rey. Tienen derecho a unirse a la multitud que ha sido lavada con sangre. El hombre que vino a la fiesta sin el vestido de bodas representa la condición de muchos de los habitantes de nuestro mundo actual. Profesan ser cristianos y reclaman las bendiciones y privilegios del Evangelio; no obstante no sienten la necesidad de una transformación del carácter (WHITE, 1960, p. 294-298).



Invariablemente cada uno de los escenarios presenta una diferencia entre las Bodas del Esposo y las Bodas del Cordero. Sin embargo es Jesús mismo quien, en sus parábolas, establece la diferencia entre ambas. Es decir, él mismo señala además del momento, la secuencia, las características y los sucesos de cada una de ellas. Al cotejar la revelación dada por Dios en las profecías del Antiguo y Nuevo Testamento así como en los escritos de la profetisa del tiempo del fin el cuadro es aún más claro. Ambos eventos requieren nuestra atención, estudio, entendimiento y aceptación. Ambos proporcionan promesa, esperanza, consuelo, fortaleza y seguridad pues son parte de lo dispuesto y ejecutado por Dios y el Cordero en favor nuestro en la lucha milenaria de la gran controversia.

A nuestro entender, todo apunta que “las Bodas del Esposo” es una manera peculiar de llamar al momento cuando el Señor realiza la expiación cósmica, purificando su Santuario mediante nuestro Sumo Sacerdote Jesús. Es durante este tiempo cuando se hacen todos los preparativos necesarios para el acontecimiento final de todos los siglos: las Bodas del Cordero. Durante ese tiempo se determina quiénes de los llamados a la Bodas del Cordero quedan en la lista como dignos de estar en el evento. Igualmente es en este tiempo cuando se determina quienes de los invitados son justificados, es decir, quienes son vestidos con la justicia del Santísimo Pontífice. Solo este vestido los habilita para estar en las Bodas del Cordero. Daniel lo señala diciendo que en este tiempo “muchos serán limpios, emblanquecidos y purificados” (12:10a). Las Bodas del Cordero es la celebración final de la victoria de Cristo y sus santos tras la culminación de la Gran Controversia. Se podría decir que con el asunto de las Bodas del Esposo y las Bodas de Cordero acontece el mismo entendimiento que con el Reino de los cielos o el Reino de Dios, que son dos expresiones intercambiables de una misma realidad, que tienen tanto un presente real como un futuro irrefutable.

Las cien referencias al Reino de Dios solo en los evangelios nos introducen a lo que Jesús vino a revelar y establecer, tanto en la realidad presente del reino de gracia como en la promesa futura del reino de gloria. Si no entramos en el presente, jamás entraremos al segundo, y el Señor anhela ardientemente que podamos experimentar el primero anhelando entrar en el segundo. Es por demás explícito que preguntado Jesús acerca de la realidad y cercanía del mismo, dijo dos cosas: “El reino de los cielos se ha acercado” (Mc 1:14) pero también “El Reino de los cielos está entre vosotros” (Lc 11:21). Admirablemente estos dos momentos son descritos y desplegados en Mateo 22:1-14 y en la profecía de los 2300 años. Jesús establece en la parábola de la fiesta de Bodas, que el Padre hace la Fiesta e invita primero de modo especial a Israel y luego todos los demás (v. 2-10). Luego en el Juicio se cerciora de manera personal que todo esté en orden antes de la Fiesta investigando a cada invitado (v. 11-13). Después, aunque muchos serán los invitados, sólo estarán los escogidos (v.14).



Así entonces, las Bodas del Esposo es una manera distintiva y peculiar de denominar al ministerio sacerdotal del Cordero en el Santuario celestial mientras él actúe como intercesor nuestro en el Juicio celestial antes de su regreso a la Tierra.

El reino de los cielos es semejante a un rey que hizo fiesta de bodas a su hijo [...] Y entró el rey para ver a los convidados, y vio allí a un hombre que no estaba vestido de boda. Y le dijo: Amigo, ¿cómo entraste aquí, sin estar vestido de boda? Mas él enmudeció. Entonces el rey dijo a los que servían: Atadle de pies y manos, y echadle en las tinieblas de afuera; allí será el lloro y el crujir de dientes. Porque muchos son llamados, y pocos escogidos (Mt 22:1, 11-14).

Después de esto oí una gran voz de gran multitud en el cielo, que decía: ¡Aleluya! Salvación y honra y gloria y poder son del Señor Dios nuestro [...] Gocémonos y alegrémonos y démosle gloria; porque han llegado las bodas del Cordero, y su esposa se ha preparado. Y a ella se le ha concedido que se vista de lino fino, limpio y resplandeciente; porque el lino fino es las acciones justas de los santos. Y el ángel me dijo: Escribe: Bienaventurados los que son llamados a la cena de las bodas del Cordero. Y me dijo: Éstas son palabras verdaderas de Dios (Ap 19:2, 7-9).

Nuestra oportunidad hoy: Hebreos 4:14-16

[1] Al presentar la obra sacerdotal intercesora de Jesús en el Juicio de Dios, la Palabra de Dios nos habla de su venida a ese evento como “Esposo a las Bodas” lo cual no debe de ser confundida con la Cena de Bodas del Cordero.

[2] La Palabra de Dios llama a este momento cuando Jesús está en su Santuario como nuestro Santísimo Sumo Sacerdote, momento de Boda, debido a que es aquí donde se decide quiénes acompañarán al Verbo de Dios en su fiesta de Bodas, la Cena de Bodas del Cordero.

[3] Además, lo llama de esta forma a este momento que va corriendo desde 1844, porque es aquí donde se decide el nombre de los que estarán en la lista de los invitados y,



sobre todo, porque es aquí donde se otorga el vestido de Bodas y cuando cada uno de los invitados deciden estar o no presentes como convidados en esta fastuosa Boda.

[4] La verdad es que gracias a las Bodas del esposo, las Bodas del Cordero pueden ser alistadas y llevadas a efecto. Es gracias a ellas que la esposa del Cordero puede prepararse para el evento final de sus bodas (Ap 19:7). Es gracias a ellas que la iglesia podrá estar en sus Bodas y ya vestida “de lino fino y resplandeciente” (Ap 19:8).

[5] Las Bodas del Esposo, al igual que el Juicio, es un inmenso mega-evento cuyas etapas abarcan tres realidades o momentos: [a] El llamado a las Bodas, [b] la selección (o la habilitación) de los convidados y [c] las Bodas del Cordero.

[6] Ciertamente, “bienaventurados los que son llamados a la cena de las bodas del Cordero” (Ap 19:7).

Referencias

100

GUTHRIE, D. **New Testament theology**. Downers Grove: Inter-Varsity Press, 1981.

ALOMÍA, M. Las dos cenas apocalípticas. **El ministerio adventista**, p. 7-11, nov-dic. 1968.

WHITE, E. G. **El conflicto de los siglos**. Mountain View: Publicaciones Interamericanas, 1954.

_____. **Palabras de vida del gran Maestro**. Buenos Aires: Casa Editora Sudamericana, 1960.

Elena G. de White y la disidencia

CRISTIAN GONZALES YUPANQUI¹

Este estudio presentará un desarrollo histórico-cronológico acerca del uso que hace Elena G. de White acerca de la “disidencia” en su contexto. Se estudiará dos términos usados por ella: “*dissent*” (disidencia) y “*dissenters*” (disidentes). El pensamiento de Elena G. de White, acerca de la “disidencia” tiene que ver más allá de apenas un significado literal de la palabra. Ella presenta que en el desenlace entre el bien y el mal, el pensamiento “disidente” tuvo su origen en Lucifer, quien se opuso a la voluntad de Dios. Este pensamiento tratará de destruir al pueblo de Dios en la tierra a través de aquellos que permiten que estos pensamientos gobiernen sus mentes, volviendo sus dones y su ser entero en contra del pueblo de Dios.

Palabras claves: Disidente; Disidencia; Elena G. de White.

Este estudo apresenta um desenvolvimento histórico-cronológico do uso feito por Ellen G. White da “dissidência” em seu contexto. São estudados os termos usados por ela: “*dissent*” (dissidência) e “*dissenters*” (dissidentes). O pensamento de Ellen G. White acerca da dissidência vai além de um significado literal da palavra. Ela declara que, no conflito entre o bem e o mal, o pensamento “dissidente” teve origem em Lúcifer, que se opôs à vontade de Deus. Esse pensamento buscaria destruir o povo de Deus por meio daqueles que permitem que tais pensamentos controlem sua mente, voltando suas habilidades e todo o seu ser contra o povo de Deus.

.....
¹ Docente da Faculdade de Teologia na Universidad Peruana Unión. Estudou Religião e Saúde Pública na Universidad Peruana Unión. É conselheiro da Sociedad Unionista de Honor de Investigación Teológica (SUHIT). Mestrando em “Sagradas Escrituras” na Universidad Peruana Unión. E-mail: christiangonzales@teologia.edu.pe

Palavras-chaves: Dissidente; Dissidência; Ellen G. White.

En esta investigación se analizará dos palabras utilizadas por Elena G. de White para referirse a la disidencia. El verbo *dissent* (disidencia) y el sustantivo *dissenters* (disidentes), por lo cual ella utilizó a estos términos de diferentes maneras, entre ellas se encuentra en relación a pasajes de la Biblia, eventos históricos que tienen que ver con el pueblo de Dios, con actitudes de líderes destacados contemporáneos a ella dentro de la iglesia, y finalmente se refirió para nombrar a Lucifer señalándolo como el autor de la disidencia. El término disidencia es una palabra que denota un cambio de pensamiento en asuntos de doctrina, comportamiento entre otros. Por lo cual, disentir de la Palabra de Dios, es ir en contra de Dios en algún punto de esta. Elena, no se refirió acerca de este término para desarrollar una teología o comentario, ella lo utilizó para describir como este cambio de pensamiento, conducta y doctrina se llevó a cabo entre aquellos que tenían privilegios en conocer de cerca a Dios y su carácter, para luego volver todos sus dones en contra del pueblo de Dios. Cabe señalar, que el pensamiento disidente puede estar presente en cualquier persona que le da espacio a satanás para disentir en contra de la voluntad de Dios expresado en la doctrina y prácticas de esta iglesia, esto incluye a los líderes de iglesia. Para expresar el uso que Elena G. de White hizo de estos términos, el estudio se desarrollará haciendo un repaso histórico de como ella fue utilizando los mismos a través de sus escritos, cartas y libros en forma cronológica.

102

1851

La primera cita sobre “disidencia”² utilizada por Elena G. de White fue publicada en el año de 1851, en aquel entonces Elena recibió algunas visiones³, entre ellas acerca

.....

² Todas las traducciones del presente trabajo de investigación fueron realizados por el investigador.

³ El White State contiene nueve documentos, los cuales contienen sus visiones desde Marzo 1850 y Setiembre de 1852, de los cuales no existen originales (véase Elena G. de White, *Manuscrito 1a de 1851*), presenta una controvertida visión debido a sus implicaciones acerca de la “puerta cerrada”. En aquel entonces existió conflictos con la fecha del itinerario de Elena, ya que ella no estaba en Camden después del 24 de junio. No existe un original y el único recurso para la visión es una copia provista por R. R. Chapin quien llegó a ser uno de los opositores de Elena G. de White (véase Elena G. de White, *Manuscrito 3 de 1851*) también presenta una carta que no existe en original.

el mensaje del tercer ángel (WHITE, A., 1985a, v.1, p. 209). Por otro lado la *Review and Herald* recién había comenzado a trabajar y por ende estaba comenzando las publicaciones de sus visiones (WHITE, A., 1985a, v. 1, p. 203). En esta cita encontramos la interpretación que ella realizó acerca de la experiencia del pueblo de Israel en el monte Carmelo (1 Re 18:20-46). El pueblo había sido contaminado por un liderazgo totalmente opuesto a la voluntad de Dios. El rey de Israel, Acab, se casó con Jezabel, quien mandó a destruir todos los altares edificadas para Dios y fueron reemplazados por altares a Baal y Asera. El pueblo de Israel había olvidado su adoración a Dios y, por causa de esto, estaba envuelto entre dos pensamientos (1 Re 18:21). Entonces Dios envió a su profeta Elías para volver el corazón de ellos (1 Re 18:37). Elías propuso probar el poder de Dios y de los otros dioses por medio del fuego, el pueblo respondió diciendo: Bien dicho (1 Re 18:24).

La propuesta de Elías era tan razonable que el pueblo no podía eludirla, de modo que tuvo valor para responder: “Bien dicho.” Los profetas de Baal no se atrevían a elevar la voz para disentir; y dirigiéndose a ellos, Elías les indicó: “Escogeos un buey, y haced primero, pues que vosotros sois más: e invocad en el nombre de vuestros dioses, mas no pongáis fuego debajo (WHITE, 1913, p. 891).

103

Existe otra cita del mismo año en la cual Elena menciona como era el trato de la Iglesia Católica Apostólica Romana durante el periodo de dominación papal (538 – 1798 D.C.) con aquellos que disintían con sus dogmas y credos. Estos disidentes preferían obedecer y ser fieles a Dios y a su Palabra. Estos fueron considerados rebeldes a la fe católica.

Los que han diferido de las doctrinas establecidas han sido encarcelados, condenados a la tortura y a la muerte, debido a que los dignatarios de la iglesia no podían soportar a los que disintían de las ideas que estos líderes consideran que es verdad. Satanás mismo es el sembrador de cizaña; pero a pesar de que él es el sembrador de ellos, que no deben ser arrancados de raíz, no sea que por casualidad el trigo sea desarraigado con ellos [...]. Celo diabólico se ha manifestado en la exclusión de los disidentes de la comunión de la iglesia, y que pasa sobre ellos la sentencia de excomunión por el cual la Iglesia Romana afirmó su poder de excluirlos de toda posibilidad de entrar en el cielo (WHITE, 1893, p. 17).



1868

En este año Elena decidió publicar las cartas y manuscritos personales que, hasta ese año, ella había enviado de forma confidencial y puntual en determinadas ocasiones, porque ella creyó que sería de mucha utilidad para la iglesia por la experiencia y los consejos narrados allí. Entre ellos está una carta a los hermanos Bordeau y Matteson, apelando reformar su plan de trabajo para no llegar a agotarse (Elena G. de White, *Manuscrito 03, 1868*). La visión del 12 de Junio de 1868, fue muy importante, entre los diferentes consejos que fueron expresados como amonestación para evitar que el mundo entrara a las iglesias, de forma especial quizá se está refiriendo a la iglesia de Bushnell, dado que el manuscrito 08 del mismo año ella les escribió.

Por otro lado también en el manuscrito 7 del mismo año, Elena se refiere a Elder L. L. Howard reprendiéndolo de la misma manera: “Se sienten en su interior un espíritu a rebelarse en contra de ser instado y un espíritu terco viene a algunos, y cuando deberían ayudar obstaculizan” (Elena G. de White, *Manuscrito 09, 1868*). Estas reprobaciones tienen como propósito abandonar hábitos que los alejan de Dios y a elevar la espiritualidad entre los miembros.

104

Si tomamos equivocadamente la sabiduría del hombre por la de Dios, nos extraviará la insensatez de la sabiduría humana. Tal es el gran peligro de muchos de los que están en _____. No tienen experiencia propia. No han seguido el hábito de considerar con oración por su cuenta, sin prejuicios, las cuestiones y los temas nuevos que puedan surgir. Esperan para ver lo que piensan otros. El disentimiento ajeno es todo lo que se necesita para convencerlos de que el tema considerado carece de importancia. Aunque esta clase de personas es numerosa, ello no cambia el hecho de que no tienen experiencia y que su mente es débil porque cedieron durante mucho tiempo al enemigo. Serán siempre tan enfermizos como infantes; andarán a la luz ajena y vivirán según la experiencia de otros; sentirán como sientan los demás, y actuarán como ellos, como si no tuvieran individualidad, porque su identidad está fundida en la ajena. Son simplemente sombras de quienes para ellos tienen razón (WHITE, 1875, v. 2, p. 129).



1884

Para el año de 1884, Elena estaba escribiendo el cuarto volumen del *Espíritu de Profecía* (Spirit of Prophecy), material que más adelante fue usado en *El Gran Conflicto* (Great Controversy). Este volumen es muy importante porque describe la lucha entre Cristo y Satanás. W. C. White, lo describe de la siguiente manera: “Varios capítulos están especialmente dedicada a una exposición de los grandes engaños por el cual el archi rebelde ha llevado al mundo en cautividad, [...] Para una amplia gama de temas y la presentación de los hechos de interés general, este trabajo supera todos sus antiguos volúmenes” (WHITE, A., 1985b, p. 243). Por otro lado es necesario mencionar que Dudley Canright, en el año de 1883 se alejó de la iglesia. Él mencionó a Uriah Smith, la razón por la cual él tomaba esta decisión: “no le gustaba mucho Elena G. de White y había estado pensando en unirse a otra iglesia,” sin embargo, en 1884 regresó a la iglesia por intervención de Butler (NEUFELD, 1976).

En la cita abajo referida Elena mencionó que en la lucha entre el pueblo de Dios y Satanás, la supremacía de Roma desea desaparecer toda evidencia de oposición a sus intereses sin importar su clase social, Elena lo presenta de esta manera:

La historia del pueblo de Dios durante los siglos de oscuridad que siguieron a la supremacía de Roma, está escrita en el cielo, aunque ocupa escaso lugar en las crónicas de la humanidad. Pocas son las huellas que de su existencia pueden encontrarse fuera de las que se encuentran en las acusaciones de sus perseguidores. La política de Roma consistió en hacer desaparecer toda huella de oposición a sus doctrinas y decretos. Trató de destruir todo lo que era herético, bien se tratase de personas o de escritos. Las simples expresiones de duda u objeciones acerca de la autoridad de los dogmas papales bastaban para quitarle la vida al rico o al pobre, al poderoso o al humilde (WHITE, 1884, v. 4, p. 66).

En esta cita se puede ver como la Iglesia Católica Apostólica Romana persiguió a los fieles hijos de Dios hasta quitarles la vida por disentir con sus doctrinas y decretos. La siguiente cita es una continuación de la anterior, sin embargo tiene una mayor explicación acerca de cómo los concilios papales se esforzaron por eliminar libros o escritos que hablen de los disidentes:

Igualmente se esforzó Roma en destruir todo lo que denunciase su crueldad contra los disidentes. Los concilios papales decretaron que los libros o escritos que hablasen sobre el particular fuesen

105



quemados. Antes de la invención de la imprenta eran pocos los libros, y su forma no se prestaba para conservarlos, de modo que los romanistas encontraron pocos obstáculos para llevar a cabo sus propósitos (WHITE, 1884, v. 4, p. 66-67).

En la presentación de otra cita del mismo año se muestra que la Iglesia apostata se reproduce en otra haciendo lo mismo con los hijos de Dios:

La Iglesia de Inglaterra, siguiendo las huellas de Roma, persiguió a los disidentes desde la fe establecida. En el siglo XVII miles de pastores piadosos fueron expulsados de sus puestos. Las personas fueron prohibidas, bajo pena de fuertes multas, prisión y destierro, a asistir a las reuniones religiosas, excepto tal como fueron sancionados por la iglesia (WHITE, 1884, v. 4, p. 174).

La Iglesia de Inglaterra aparentemente se presentaba como una iglesia que pretendía reformar las huellas de la Iglesia Romana, sin embargo en el transcurso del tiempo terminó haciendo lo mismo que la Iglesia Católica.

106

Por otro lado, la siguiente cita menciona que la Iglesia Romana es una organización eclesiástica investida con poder civil que tiene autoridad para castigar a los disidentes. La cita alude a los Estados Unidos como la imagen de la bestia con poderes similares en un nacimiento pacífico como una imagen del papado.

Mediante esa primera bestia se representa a la Iglesia Romana, una organización eclesiástica investida de poder civil, con autoridad para castigar a los disidentes. La imagen de la bestia representa otra organización religiosa investida de poderes similares. La formación de esa imagen es obra de la bestia cuyo pacífico surgimiento y disposición aparentemente bondadosa hacen de ella un notable símbolo de los Estados Unidos. Aquí se puede encontrar una imagen del papado (WHITE, 1884, v. 4, p. 278).

1885

En este año Elena es invitada a participar de las reuniones de la iglesia en Europa, ella describe esta experiencia de esta manera: “Para viajar por todo el continente en el calor del



verano y en mi condición de salud”, escribió, “parecía casi presuntuoso” (*Review and Herald*, 15 de setiembre, 1885, p. 557). Ella viajó a diferentes países con una agenda ajustada hasta su participación de la reunión del Concilio Misionero Europeo (WHITE, A. 1985a, p. 299–315). Además viajó a Escandinavia, Italia, Suiza entre otros países (WHITE, A. 1985, p. 316-343).

En esta primera cita, Elena presenta que la obra misionera en estos países todavía está en su infancia, sin embargo, la obra podría avanzar más sino fuera por Daniel Bourdeau, el líder de la iglesia en Francia, quien se negaba trabajar en favor de la unidad de Europa, sino alentaba la desunión:

Ella señaló que la causa estaba aún en su infancia en los países europeos y que de seguir esta sugerencia se traduciría en debilitar la iglesia. Ante este disentimiento, Bourdeau se acaloró y declaró que había sido objeto de abusos mientras trabajaba en la causa, y citó ejemplos. Elena de White salió de la sala. Cuando volvió a escribió en su diario, ella declaró: “No aprobaré ningún espíritu de esa índole (Ellen G. White, *Manuscrito 16a*, 1885).

La reunión comenzó en la mañana del 23 de setiembre de 1885, en Basilea. En aquella reunión se encontraban los hermanos Bourdeau, Elder Whitney, su esposa y el hermano Kellog. Elena anhelaba la unidad de la iglesia en Europa, por lo cual declaró: “Yo tenía la carga de hablar de las diferentes nacionalidades y la necesidad de la unión y la armonización de sus esfuerzos, que italianos, alemanes, franceses, suecos, y cada tribu y nación tienen, no seis caminos, sino sólo un modelo a copiar y éste molde para recibir - Jesucristo el ejemplo perfecto” (Elena G. de White, *Manuscrito 16a*, 1885). Elena G. de White censuró la actitud Bourdeau, líder que estaba en oposición de la unidad de la iglesia en Europa. En una carta Elena G. de White en 1879 escribió que el primer año de Bourdeau en Europa en 1876 había sido un desastre para la obra allí. El temperamento impulsivo de Bourdeau, su constante interés en sí mismo y sus logros, y su espíritu independiente y mentalidad trajeron cargas intolerables a J. N. Andrews. Ella creía firmemente que Bourdeau no debía volver a Europa a menos que otros administradores de la iglesia lo invitaran a hacerlo (WHITE A., 1985b, p. 306). Sin embargo, Bourdeau regresó a Europa en 1883 (WHITE A., 1985b, p. 306).

En la siguiente cita, Elena se refiere a los disidentes como aquellos que fueron perseguidos por la Iglesia Romana explicada anteriormente. Ella presenta que en una casa se reunían de diferentes denominaciones para adorar:

En este lugar está una de las empresas más antiguas de los observadores del sábado en Suecia. Suman unos cincuenta años.



Allí estaba el mayor interés en las reuniones. Nuestro pueblo tenían sus reuniones en una casa construida por la unión a los disidentes, y abierto a todas las denominaciones. Aquí está un plan bastante común en Suecia, pero nuevo para nosotros, se adoptó suplir la falta de un órgano (WHITE, 1886, p. 194-195).

1886

108 En noviembre, a fines de 1885 Elena G. de White terminó su trabajo en Noruega , y tuvo la sensación de que, antes de regresar a los Estados Unidos debería ir en otra gira por los países escandinavos (WHITE A., 1985b, p. 360). Para el sábado 25 de septiembre, Elena G. de White se encontraba en Inglaterra, en una semana larga de reunión del consejo, allí se dirigió desde la sede de la misión en una pequeña habitación mal ventilada a las 5:30 am. El aire viciado casi la paralizó no pudiendo dormir aquella noche por la inflamación de la cabeza, el estómago y pulmones (WHITE A., 1985b, p. 353). Elena se sintió muy preocupada, al punto de no poder seguir en las reuniones, en una carta le escribió a George Butler expresando desaliento: “Te digo, estos puntos duros en mi experiencia me hacen tener el deseo del clima de California, y el refugio de la casa. ¿Quiero ir a casa? ¿Dónde está?” (Elena G. de White a George Butler, *carta 114, 1886*). Aunque no es usual para ella escribir cartas de desaliento. Sin embargo su condición física y anímica la llevaron a sentirse desanimada.

En la cita de abajo, se puede apreciar que el egoísmo y la desunión estaban gobernando las mentes de los hermanos en Europa por lo cual ella les escribe:

Cuan importantes son estos consejos donde los negocios son transacciones las cuales deberá llegar a la eternidad. Y sinceramente cada uno debería buscar a Dios y hacer esfuerzos más intensos para librar el alma de todo un carácter egoísta que el amor y la unión y la armonía pueden caracterizar estas reuniones. Nadie debe mirar para ver si no pueden encontrar una oportunidad de disentir de las proposiciones de sus hermanos (Elena G. de White, *Manuscrito 59, 1886*).

Elena sugiere que evitemos disentir rápidamente en nuestras opiniones, sino, debemos cuidar la unidad de la iglesia en procura de un avance unido y sostenido de la obra.



1887

Este fue su último año de Elena G. de White en Europa, este año en marzo, Elena de White recibió la noticia de la última deserción D. M. Canright y su petición de que su nombre sea eliminado de los libros de la iglesia en Otsego, Michigan. En enero Canright había tomado la posición de que ya no sería un Adventista del Séptimo Día⁴ (WHITE A., 1985b, p. 354). Ese año también fue la primera reunión Campamento Europeo en Moss, Noruega (WHITE A., 1985b, p. 367). Además, en julio, viajó de regreso a su país. Participó de la 26va sesión de la Conferencia General en la iglesia de Oakland (WHITE A., 1985b, p. 376). Para el 08 de diciembre, Elena presentó en *The Signs of Times* un artículo “Regalos para Cristo”, en la cual ella apela a los miembros de iglesia a que en lugar de gastar el dinero en navidad en placeres egoístas, debemos de usarlo en favor de la obra en Europa, ella presentó la gran necesidad que hay allí:

En casi todos los lugares de Europa las leyes son más o menos opresiva sobre los que observan el día de reposo. Pero son pocos los países en los que las dificultades en la forma de presentar la verdad son mayores que en Rusia. El Proselitismo desde la iglesia del Estado está prohibido; predicando por medio de los disidentes está prohibido; incluso el colportaje debe llevarse a cabo con mucho cuidado, o el misionero estará en peligro de exponerse a prisión o el exilio a Siberia. Sin embargo, a pesar de todo esto, y aunque relativamente poca mano de obra se ha dado a este campo, hay doscientos observadores del sábado en Rusia. Este resultado se debe en gran medida a la influencia de nuestras publicaciones. En todo el amplio campo estos mensajeros silenciosos están preparando los corazones para recibir la advertencia (WHITE, 1887, p. 737).

109

En la cita arriba mencionada los disidentes son considerados como aquellos que no están de acuerdo con la iglesia del estado y son aquellos que guardan el día sábado. Ella expone lo difícil que es presentar el evangelio en lugares como Rusia. Son los mensajeros silenciosos, los libros aquellos que prepararan los corazones para recibir el evangelio.

.....

⁴ La acción fue tomada por la iglesia en la noche del 17 de febrero en una reunión en la que Butler, presidente tanto de la Conferencia General y la Asociación de Michigan, ha presidido.



1888

En este año se llevó a cabo una de las sesiones más importantes de la iglesia, celebrada en Minneapolis. Elena G. de White tuvo que realizar un viaje peligroso para poder participar de la Conferencia General: “Me atreví a cruzar las montañas rocosas con el propósito de asistir a la Conferencia General celebrada en Minneapolis” (Elena G. de White, *Manuscrito 59, 1886*). Además, en California ella había sentido resistencia a su obra especial de advertir y nutrir la iglesia. Poco se dio cuenta de que tal experiencia era sino un anticipo de lo que sucedió mientras ella estaba de viaje, “Satanás sigilosamente se había preparado para adelantarse a la iglesia en Minneapolis [...] La incredulidad y la resistencia a la reprensión se estaban generalizando” (WHITE, A., 1985b, p. 386). Además había sido instruida por Dios que se prepare porque esa sesión de la conferencia no sería fácil:

110

Yo había sido instruida en lo que respecta a muchos males que habían estado viniendo entre nosotros mientras yo estaba en Europa, y había escrito cómo era la mente del Señor en referencia a ellos. También me había dicho que el testimonio que Dios me había dado no sería recibido, porque los corazones de aquellos habían sido reprobados no estaban en un estado de humildad tal que puedan ser corregidos y recibir reprensión [...] El maligno estaba decidido a cortar la luz que Dios tenía para su pueblo, que todo hombre camine en su propia luz y siga su propio juicio, y ninguna voz se escucha decir: “¿Por qué hacéis eso?” Una sólida, y firme resistencia fue manifestado por muchos contra todo lo que debe interferir contra su propia idea personal, su propia línea de acción. Esto sentó sobre mí las cargas más pesadas que pude posiblemente soportar (Elena G. de White, *Manuscrito 2, 1888*).

De seguro esta experiencia sería una de las que marcó a la iglesia y de forma especial la vida de Elena G. de White. Para aquel tiempo ella se sentía tan mal que cayó postrada por dos semanas sin deseo de orar y con deseo de morir (Elena G. de White, *Manuscrito 2, 1888*).

Deseaba descansar de la mente y del cuerpo (WHITE A., 1985b, p. 386-387). En este año se dio a conocer la posición de J. H. Waggoner y Jones acerca de la justificación por la ley. Elena recibió una visión en la que declara que su guía dijo:

Sígueme, tengo algunas cosas para mostrarte.” Él me llevó donde yo estaba como un espectador de las escenas que ocurrieron en esa reunión. Se me mostró la actitud de algunos de los ministros, usted



mismo, en particular, en esa reunión, y puedo decir con usted, mi hermano, que era una terrible conferencia. Mi guía entonces tenía muchas cosas que decir que dejó una impresión indeleble en mi mente. Sus palabras fueron solemnes y serias... Estiró sus brazos hacia el Dr. Waggoner y a usted, el pastor Butler, y dijo en sustancia lo siguiente: “Ninguno tiene toda la luz sobre la ley; ninguna de estas posiciones es perfecta” (Ellen G. White a Butler *Carta 21*, 1888).

Por otro lado, la discordia entre los principales ministros y actitudes negativas hacia Elena y los mensajes del Espíritu de Profecía, eran puntos vitales, como el gran adversario intentó robar el avance de la iglesia. La sesión de Minneapolis y sus problemas no se convirtieron en un tema al que Elena G. de White a menudo se refería. Fue un evento entre otros en su experiencia de vida. Ella no estaba obsesionado con el asunto (WHITE A., 1985b, p. 396-397). Estos breves antecedentes ilustran las preocupaciones de Elena en un año muy difícil para ella, pero a la vez de mucha bendición para la iglesia, porque los escritos que ella hizo fueron muy significativos.

Les presentamos una serie de citas dadas ese año las cuales no están en orden cronológico, puesto que no se sabe con exactitud la fecha exacta de su composición:

111

La política de Roma consistió en hacer desaparecer toda huella de oposición a sus doctrinas y decretos. Trató de destruir todo lo que era herético, bien se tratase de personas o de escritos. Las simples expresiones de duda u objeciones acerca de la autoridad de los dogmas papales bastaban para quitarle la vida al rico o al pobre, al poderoso o al humilde. Igualmente se esforzó Roma en destruir todo lo que denunciase su crueldad contra los disidentes. Los concilios papales decretaron que los libros o escritos que hablasen sobre el particular fuesen quemados (WHITE, 1888, p. 61).

En la cita de arriba Elena menciona que de acuerdo con la Iglesia Romana, las personas que no estaban de acuerdo con sus dogmas y prácticas eclesiásticas eran considerados “disidentes”, y fue su deseo de eliminarlos por completo, ya sean las personas o escritos. En la siguiente cita, Elena menciona que las iglesias protestantes que siguieron las huellas de Roma al aliarse con los poderes mundanos, manifestaron el mismo deseo de restringir la libertad de conciencia:

Siempre que la iglesia alcanzó el poder civil, lo empleó para castigar a los que no admitían todas sus doctrinas. Las iglesias protestantes que



siguieron las huellas de Roma al aliarse con los poderes mundanos, manifestaron el mismo deseo de restringir la libertad de conciencia. Ejemplo de esto lo tenemos en la larga persecución de los disidentes por la iglesia de Inglaterra. Durante los siglos XVI y XVII miles de ministros no conformistas fueron obligados a abandonar sus iglesias, y a muchos pastores y feligreses se les impusieron multas, encarcelamientos, torturas y el martirio (WHITE, 1888, p. 443).

En esta cita también se puede apreciar que las iglesias protestantes como la Iglesia de Inglaterra cometieron los mismos agravios contra los llamados “disidentes”. Elena lo llamó la hija de la Iglesia de Roma. En la siguiente cita, se puede apreciar que la iglesia de Inglaterra no se reformó por completo, el papa fue reemplazado por el monarca. Además se puede apreciar una imposición de doctrinas y cultos de adoración, realizando persecuciones violentas contra los “herejes” o “disidentes”.

112

En Inglaterra el establecimiento del protestantismo como religión nacional, hizo menguar la persecución, pero no la hizo cesar por completo. Aunque muchas de las doctrinas de Roma fueron suprimidas, se conservaron muchas de sus formas de culto. La supremacía del papa fue rechazada, pero en su lugar se puso al monarca como cabeza de la iglesia. Mucho distaban aún los servicios de la iglesia de la pureza y sencillez del evangelio. El gran principio de la libertad religiosa no era aún entendido. Si bien es verdad que pocas veces apelaron los gobernantes protestantes a las horribles crueldades de que se valía Roma contra los herejes, no se reconocía el derecho que tiene todo hombre de adorar a Dios según los dictados de su conciencia. Se exigía de todos que aceptaran las doctrinas y observaran las formas de culto prescritas por la iglesia establecida. Aún se siguió persiguiendo a los disidentes por centenares de años con mayor o menor encarnizamiento (WHITE, 1888, p. 251-252).

En la siguiente cita se puede apreciar que la iglesia anglicana estaba sostenida por el poder civil, no permitía que nadie sustente opiniones diferentes. Esta mezcla entre el poder religioso y el poder civil sometía a los disidentes evitando otro tipo de iglesia o adoración:

Consideraban muchas de las costumbres arraigadas en la iglesia anglicana como monumentos de idolatría y no



podían en conciencia unirse a dicha iglesia en su culto; pero como la iglesia estaba sostenida por el poder civil no consentía que nadie sustentara opiniones diferentes en asunto de formas. La asistencia a los cultos era requerida por la ley, y no podían celebrarse sin licencia asambleas religiosas de otra naturaleza, so pena de prisión, destierro o muerte (WHITE, 1888, p. 290).

Sin embargo desde 1826, el mensaje del advenimiento comenzó a predicarse en Inglaterra. El escritor Mourant Brock, mencionó que 700 ministros predicaron la segunda venida, pero no se obtuvo el impacto esperado:

Desde 1826 el mensaje del advenimiento empezó a ser predicado en Inglaterra. Pero en este país el movimiento no tomó forma tan definida como en los Estados Unidos de Norteamérica; no se enseñaba tan generalmente la fecha exacta del advenimiento, pero la gran verdad de la próxima venida de Cristo en poder y gloria fue extensamente proclamada. Y eso no solo entre los disidentes y no conformistas. El escritor inglés Mourant Brock dice que cerca de setecientos ministros de la iglesia anglicana predicaban este “evangelio del reino”. El mensaje que fijaba el año 1844 como fecha de la venida del Señor fue también proclamado en Gran Bretaña. Circularon profusamente las publicaciones adventistas procedentes de los Estados Unidos (WHITE, 1888, p. 362).

113

Elena G. de White, presenta una cita profética en relación al ecumenismo (la unión de las iglesias protestantes) con el estado. Estados Unidos dejará de ser el país protestante y se convertirá en la imagen de la Iglesia Romana que castigará a los “disidentes”.

Cuando las iglesias principales de los Estados Unidos, uniéndose en puntos comunes de doctrina, influyan sobre el estado para que imponga los decretos y las instituciones de ellas, entonces la América protestante habrá formado una imagen de la jerarquía romana, y la inflicción de pena civiles contra los disidentes será el resultado inevitable (WHITE, 1888, p. 445).



En relación a la cita anterior, esta cita profética presenta que cuando el estado les quite las leyes de protección, comenzará la persecución hacia los “disidentes” con el deseo de eliminarlos. Esto será en el tiempo el fin, antes del decreto dominical:

Cuando los que honran la ley de Dios hayan sido privados de la protección de las leyes humanas, empezará en varios países un movimiento simultáneo para destruirlos. Conforme vaya acercándose el tiempo señalado en el decreto, el pueblo conspirará para extirpar la secta aborrecida. Se convendrá en dar una noche el golpe decisivo, que reducirá completamente al silencio la voz disidente y reprensora (WHITE, 1888, p. 635).

En la siguiente cita Elena, hace una exhortación a los líderes de la Iglesia Adventista, para no concentrar su dones en habladurías sino dedicarse a la oración, sus palabras debe estar de acuerdo con la voluntad de Dios. Esto es un asunto serio e importante. El llamado que ella hace es no deshonrar a Dios y arruinar las almas:

114

Ningún consejo fortuito debe salir de los labios de cualquier embajador de Cristo. Él debe temer al Señor y sus palabras tienen que estar de acuerdo con la voluntad y los caminos de Dios. Este es un tiempo de mucha oración y menos habladurías. Este tema no es un asunto para el cual dar un asentimiento con la mano izquierda o disentir. Es maravillosa, sagrada y solemne la tierra en la que nos encontramos y que no puede moverse imprudentemente sin deshonrar a Dios y arruinar las almas (WHITE, 1990, p. 475).

1889

Para este año en la revista *The Signs of the Times*, Elena, presenta la edición revisada y ampliada de la gran controversia entre Cristo y Satanás. Con el tiempo el libro del Conflicto de los siglos llegó a ser el libro líder en venta por los colportores (WHITE A., 1985b, p. 442-443). En la siguiente cita Elena, presenta una advertencia para que ningún hijo de Dios se responsabilice por otro que difiera en su fe religiosa evitando así la burla. Ella lo compara que el mismo espíritu de ellos es igual al de



los perseguidores de los herejes, quienes se burlaban para intimidarlos a ellos, pero terminaban en ridículo:

Nunca le deje a quién es nombrado como un hijo de Dios, que se responsabilice por otro que difiere con él en su fe religiosa con un espíritu de burla. Éste fue el espíritu que los perseguidores de los protestantes tuvieron cuando trataron con esos que llamaron “los herejes.” No podían mostrar dónde estaba el error de los disidentes “la ley y el testimonio,” y por eso recurrieron al ridículo (WHITE, 1894, p. 176).

1890

En este año se publicó el libro *Patriarcas y Profetas* de la serie del “*Gran Conflicto*”. Elena, al hablar acerca de esta publicación, dijo: “ésta luz fue necesaria para preparar a la gente para el gran día del Señor.” (Elena G. de White, *Manuscrito 23*, 1890).

115

El primero de Agosto de 1894 Elena, en el periódico *The Home Missionary* titulado “Nuestro Trabajo y la Manera de Hacerlo”, ella cita la referencia mencionada y expone ampliando su idea acerca de que nuestra influencia es para el bien o para el mal, y que esta tiene un alcance hasta la eternidad. Además ella aduce que:

Si los que están en defensa de la verdad están bajo el control del Espíritu de Cristo serán tranquilos, serenos, amables y corteses, y no serán traicionados en el uso de un lenguaje duro. No serán acusadores de los que honestamente se diferencian de ellos en la opinión, ni consideran sus propias ideas como infalible (WHITE, 1894, p. 176).

En la siguiente cita Elena presenta el origen y el originador de la “disidencia”, explicando con detalles como actuó para convencer a los ángeles sobre su descontento interpretando erróneamente los designios de Dios. Aseveraba ser leal a Dios, pero reclamaba cambios para establecer armonía en el gobierno de Dios:

Valiéndose de la amorosa y leal confianza depositada en él por los seres celestiales que estaban bajo sus órdenes, habían inculcado tan insidiosamente en sus mentes su propia desconfianza y descontento, que su influencia no se discernía. Lucifer había presentado con engaño



los designios de Dios, interpretándolos torcida y erróneamente, a fin de producir disensión y descontento. Con astucia inducía a sus oyentes a que expresaran sus sentimientos; luego, cuando así convenía a sus intereses, repetía esas declaraciones en prueba de que los ángeles no estaban del todo en armonía con el gobierno de Dios. Mientras aseveraba tener perfecta lealtad hacia Dios, insistía en que era necesario que se hicieran cambios en el orden y las leyes del cielo para asegurar la estabilidad del gobierno divino... Mientras fomentaba secretamente el desacuerdo y la rebelión, con pericia consumada aparentaba que su único fin era promover la lealtad y preservar la armonía y la paz (WHITE, 1890, p. 38).

1907

116

Este año fue muy productivo para Elena, porque viajó muy poco y eso le permitió escribir y publicar más (WHITE A., 1911, p. 119). Ese año ella también pone en alerta acerca del movimiento de A.T. Jones, quién estaba en estrecho contacto con Sheafe y el Dr. JH Kellogg, los cuales habían abandonado la fe Adventista (WHITE A., 1911, p. 120) y su movimiento resultaba ser una amenaza porque deseaban el control del Tabernáculo en Battle Creek. Elena llamó a la unidad para hacer frente a la amenaza (WHITE A., 1911, p. 121). Ese año Elena se sintió muy sola, Dios la consoló a través de una voz que le dijo: “Encomienda tu alma a Él que te ha dado su trabajo especial” (WHITE A., 1911, p. 122). Además le dijo que todas las falsas declaraciones hechas sólo aparecerán como ellas son, porque están en contra de Cristo es por que hacen ese mal, trabajando del lado del enemigo (WHITE A., 1911, p. 123).

Me encuentro con frecuencia ubicada en situaciones donde no me atrevo a dar consentimiento ni a la disidencia a las proposiciones que se presentan sometidas a mí; debido al peligro de que cualquier palabra que yo pueda hablar serán reportadas como algo que el Señor me ha dado. No siempre es seguro para mí expresar mi propio juicio; porque a veces cuando alguien desea llevar a cabo su propósito, él mirará cualquier palabra favorable yo puedo hablar como una luz tan especial del Señor. Seré cautelosa en todos mis movimientos (Elena G. de White a W. C. White *Carta 162, 1907*).



La preocupación de Elena se basaba sobre la importancia de su opinión respecto de las cosas comunes de la vida y de las cosas sagradas de Dios, algunas personas entendían que todo lo que ella hablaba debía ser infalible, porque creían que el Espíritu de Dios la usaba hasta para decir cosas comunes y sin importancia. En el tomo uno del libro Mensajes Selectos se puede ver un ejemplo de cómo una persona entendía de esta manera: Un hermano había observado una declaración hecha por parte de Elena, en la cual ella mencionó que había cuarenta habitaciones refiriéndose al Sanatorio de Paradise Valley, cuando en realidad son treinta y ocho, esto fue motivo para que el hermano deje de creer en los testimonios (WHITE, 1958, v. 1, p. 38-39).

Conclusión

Al estudiar toda la producción literaria publicada por Elena G. de White, acerca de los términos “disidencia” y “disidente”, se puede entender que los términos tienen que ver con un cambio de pensamiento, conducta y doctrina sobre aquellos que conociendo la voluntad de Dios a través de su Palabra y carácter, vuelven sus dones en contra de aquel que les dio todo, permitiendo que estos pensamientos gobiernen sus mentes. Satanás es el primer disidente que se opuso a Dios, instigando a los ángeles hacer lo mismo. Al trasladarse la maldad a esta tierra, se puede contemplar toda su obra, a través de aquellos que estando cerca de Dios, vuelvan sus pensamientos en su contra, como en el monte Carmelo, el pueblo de Dios estaba confundido. Sin embargo, a lo largo de la historia humana, aquellos que fueron considerados y reconocidos de parte del pueblo de Dios, volvieron sus armas de ataque en contra del verdadero pueblo de Dios, como es el caso de la Iglesia Católica, que intentó eliminar al pueblo de Dios. También, en el último periodo de la existencia humana, los verdaderos hijos de Dios, serán perseguidos por aquellos que conocieron estas verdades divinas. Este desenlace entre el bien y el mal tendrá su fin, cuando Cristo regrese por segunda vez, para acabar para siempre con aquel que comenzó la disidencia y el pensamiento disidente en el pueblo de Dios.

117

Referencias

NEUFELD, D. F. (Ed.). **Seventh-day Adventist Encyclopedia**. 2. ed. Washington: Review and Herald Publishing, 1976. v. 11.



WHITE, A. **Ellen G. White: the early years** 1827 – 1862. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1985a. v. 1.

_____. **Ellen G. White: the lonely years.** 1876 – 1891. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1985b.

_____. **Ellen White: woman of vision.** Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2000.

_____. **The later elmshaven years: 1905 – 1915.** Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1911. v. 6.

WHITE, E. G. A reasonable proposition. **Review and Herald**, v. 90. n. 38. p. 891, 1913.

_____. Christmas gift for Christ. **The Signs of the Times**, v. 13. n. 47. p. 737, 1887.

_____. **Historical sketches of the foreign missions of the Seventh day Adventists.** Basle: Imprimerie Polyglotte, 1886.

_____. Let both grow together. **Review and Herald**, v. 70. n. 2. p. 17, 1893.

_____. **Miscellaneous collections.** Silver Springs: Ellen G. White Estate, 1990.

_____. Notes of travel. **Review and Herald**, v. 62. n. 37. p. 577, 1885.

_____. Our work and the manner of doing it. **The Home Missionary**, v. 6. n. 8. p. 176, 1894.

_____. **Patriarchs y prophets.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1890.

_____. **Prophets and kings.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1917.

_____. **Selected messages.** Washington: Review and Herald Publishing Association, 1958. v. 1.

_____. **Testimonies for the Church.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1875. v. 2.



_____. **The great controversy 1888.** Mountain View: Pacific Press Publishing Association, 1888.

_____. **The Spirit of prophecy.** Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1884. v. 4.

O papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão Adventista: 1844-1915

WELLINGTON VEDOVELLO BARBOSA¹

O objetivo deste estudo é compreender o papel integrado do ministro e do ancião no cumprimento da missão adventista entre 1844 e 1915, com especial referência às orientações de Ellen G. White. Entre 1844 e 1863, ocorreu o período da formação de conceito do ministério pastoral e do ancião. A segunda fase, entre 1863 e 1901, foi caracterizada pelo aperfeiçoamento desse conceito. No último período, de 1901 a 1915, houve um processo de reafirmação do conceito. De forma geral, os ministros deveriam adotar um modelo apostólico de pastoreio, plantando igrejas, educando os membros em relação às questões espirituais, desenvolvendo planos missionários e mantendo uma linha de supervisão que atendesse às congregações. Quanto ao ancionato, eles eram considerados como pastores locais, representantes da igreja e responsáveis pelo desempenho missionário da congregação. A análise do entendimento do ministério do pastor e do ancião à luz da missão adventista durante o período estudado sugere que os ofícios deveriam se complementar. Enquanto o pastor se responsabilizava pela expansão evangelística, o ancião se comprometia com a manutenção dos crentes e o crescimento local.

Palavras-chave: Ellen G. White; Ministro; Ancião; Tríplice mensagem angélica.

The purpose of this study is to understand the integrative role of the minister and elder in the fulfillment of Adventist mission between 1844 and 1915, with particular reference to the guidelines of Ellen G. White. Between 1844 and 1863, it was the period of the training concept of the pastoral ministry and the elderly. The second phase, between 1863 and 1901, was characterized by the improvement of this concept.

.....
¹ Bacharel em Teologia (Unasp, EC), bacharel em Administração (Unasp, EC), especialista em Aconselhamento Familiar (Faculdades Spei), mestrando em Teologia (Unasp, EC). Atua como editor associado de livros na Casa Publicadora Brasileira. E-mail: wellington_unasp@yahoo.com.br.

In the last period, 1901-1915, there was a concept of the restatement process. In general, ministers should adopt an apostolic model of grazing, planting churches, educating members regarding spiritual matters, developing mission plans and maintaining a supervisory line that met the congregations. As for elderly, they were considered as local pastors, church representatives and responsible for the performance of the missionary congregation. Analysis of the pastor's ministry of understanding and elder in the light of Adventist mission during the study period suggests that the offices should complement each other. While the pastor was responsible for evangelistic expansion, the old man was committed to the maintenance of believers and local growth.

Key words: Ellen G. White; Minister; Elder; Three angels' message.

O século 21 tem se apresentado como um tempo de significativos desafios para a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Uma das marcas desse movimento, que surgiu como resultado do milerismo (1831-1844), é seguir o protestantismo histórico em seu profundo comprometimento com a autoridade das Escrituras Sagradas. Essa visão levou seus adeptos a uma busca sincera por entender a Bíblia como um todo, usando sua compreensão profética e do santuário para apreender todas as doutrinas cristãs e definir a missão da igreja.

Um dos conceitos desenvolvidos pelos pioneiros adventistas estava relacionado à função de sua liderança no cumprimento da missão de levar a mensagem cristã ao mundo. Eles procuraram, como Ellen G. White disse, seguir o modelo da igreja de Jerusalém (WHITE, 2010, p. 50). Para tanto, estabeleceram anciãos/pastores e diáconos, bem como outros líderes para, diligentemente, proclamar o evangelho e preparar pessoas para o advento de Cristo.

Em sua análise da estrutura de liderança do período neotestamentário, eles descobriram dois ofícios de destaque: o apóstolado e o ancionato (At 15:22). Assim que Jesus ascendeu ao Céu, os apóstolos assumiram a liderança geral da igreja (At 1:13-15; 2:14), cumprindo a missão de proclamar o evangelho (por exemplo, At 2:37-41; 10-11; 13) e exercendo a função de mestres na comunidade cristã (At 2:42; 3:1; 5:1-3).

Por sua vez, o ancião (presbítero/bispo) se tornou um elemento basilar no contexto congregacional. Embora não sejam abundantes as referências sobre essa função, elas deixam implícita a relevância desse ministério. No livro de Atos, eles são descritos como: 1) administradores de recursos para os crentes da Judeia (At 11:29, 30); 2) liderança fundamental nas congregações recém-implantadas (At 14:21-23); 3) participantes ativos na tomada de decisão do Concílio de Jerusalém, ao lado dos apóstolos (At 15; 16:4); e 4) representantes das congregações (At 20:17; 21:18). Nas cartas pastorais, Paulo 1) determina a Tito que organize congregações e constitua anciãos (Tt 1:5) e 2) estabelece os critérios para o reconhecimento de um ancião (1Tm



3:1-7; 5:17-25; Tt 1:6-9). Pedro se identifica com esse ministério e faz uma profunda exortação aos seus “pares” (1Pe 5:1-4), e Tiago confere uma autoridade espiritual significativa ao incentivar que os doentes contem com as orações do ancionato da igreja (Tg 5:14). É importante salientar que, na perspectiva paulina, quem “aspira ao episcopado [ancionato], excelente obra almeja” (1Tm 3:1).

Seguindo essa estrutura de liderança eclesiástica encontrada na Bíblia, os pioneiros adventistas colocaram especialmente sobre ministros e anciãos a responsabilidade de conduzir a igreja no cumprimento da missão. Contudo, observadores contemporâneos (DAMSTEEGT, 2005; BURRILL, 1998) têm notado que, de alguma forma, houve um distanciamento entre o ideal dos pioneiros e a prática moderna. Damsteegt (2005), em seu artigo “Have Adventists abandoned the biblical model of leadership for the local church?”, apresentou elementos suficientes para motivar uma profunda avaliação da forma como as congregações adventistas são atualmente conduzidas. Em suas palavras: “Hoje, cerca de 150 anos após a organização oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, pouco resta do modelo de liderança do Novo Testamento que os pioneiros originalmente adotaram” (DAMSTEEGT, 2005, p. 643).

A avaliação de Damsteegt é instigadora e motiva a pesquisar o papel dos líderes indicados nos primórdios do adventismo e sua relação com a missão da igreja. O conhecimento da história denominacional permite refletir sobre as práticas presentes, conduzindo a igreja ao aperfeiçoamento de suas atividades e à manutenção das convicções originais dos pioneiros.

Nessa tarefa, a influência da cofundadora da Igreja Adventista, Ellen G. White (1827-1915), deve ser observada com maior atenção. Seu ministério profético, conforme reconhecido pelos dirigentes do adventismo sabatista, conferia a ela uma posição singular dentro do movimento. Sem dúvida, a forma de os adventistas compreenderem a estrutura e a missão da igreja se deve muito àquilo que a autora escreveu sobre esses assuntos.

Considerando que o núcleo teológico da denominação adventista estabeleceu, desde seus primórdios, o compromisso integral com uma teologia fundamentada na Bíblia, e que isso se reflete na voz profética do movimento, na vida e obra de Ellen G. White, pressupõe-se, portanto, que o mesmo comprometimento com a apresentação doutrinária deveria se revelar na compreensão da missão da igreja, bem como em sua forma de organizar-se em termos de liderança. Tendo isso em vista, o objetivo deste artigo é compreender como ministros e anciãos se integravam no cumprimento da missão adventista entre 1844 e 1915, de acordo com os conceitos defendidos por Ellen G. White. Para tanto, é necessário entender como a autora definia a missão da Igreja Adventista, identificar como ela explicava o papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão e refletir sobre a forma integrada com que ministros e anciãos deveriam trabalhar para o cumprimento da missão.



A fim de alcançar esses propósitos, foi utilizado o método histórico. Sua natureza, portanto, é documental, baseando-se em análises de fontes primárias e secundárias relacionadas com a história do adventismo. Como fontes primárias, entendem-se: 1) os escritos de Ellen G. White; 2) textos dos pioneiros do adventismo; e 3) os documentos normativos da Igreja Adventista. As fontes secundárias são formadas pelos escritos teológicos que discutem, em diferentes perspectivas, as informações contidas nas fontes primárias. Fazem parte deste grupo: 1) obras sobre história do adventismo, bem como 2) estudos relacionados aos escritos de Ellen G. White.

O exame dos escritos de Ellen G. White abrangeu seus livros e artigos publicados e está baseado na pesquisa de tópicos como: ordem eclesial, missão da igreja, terceira mensagem angélica, igreja, ministros e anciãos. Considera-se também os temas correlatos que surgem a partir da verificação dos itens mencionados.

Provendo uma descrição histórica do adventismo, mencionam-se as obras de Schwarz e Greenleaf (2009), Knight (2000; 2005), Timm (2002), Loughborough (1906) e Spalding (1961). Em relação às atribuições de ministros e anciãos, encontram-se a tese doutoral de Shankel (1974) e o elucidativo artigo de Damsteegt (2005). Recursos valiosos para a compreensão do fenômeno ora estudado estão contidos em importantes periódicos editados pela igreja, como a *Review and Herald* (1850-1915). Por último, inclui a verificação dos seguintes documentos disponibilizados pela Associação Geral da Igreja Adventista: *General Conference Minutes*, *General Conference Bulletin* e *North American Division Minutes*.

124

Ellen G. White, a missão e o ministério de pastores e anciãos

O estudo do papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão adventista não pode ignorar a contribuição das orientações fornecidas por Ellen G. White. Conforme a pertinente observação de Douglass (2002, p. 182), “o ministério de Ellen G. White e o surgimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia são inseparáveis. Tentar entender um sem o outro tornaria a ambos ininteligíveis e inexplicáveis”. O destacado papel que ela desempenhou no processo de estabelecimento da denominação, somado à reivindicação de seu ministério profético, faz com que seus escritos se tornem uma fonte relevante para a compreensão da maneira como o adventismo do sétimo dia foi moldado em seus dias.



Diante disso, é importante avaliar as declarações mais importantes da autora referentes ao principal desafio que repousa sobre a Igreja Adventista, bem como o que se espera de ministros e anciãos no cumprimento da missão da igreja.

A missão da igreja

O entendimento de Ellen G. White a respeito da missão da igreja é amplo e, ao mesmo tempo, detalhado. Ela compreendia que a Igreja Adventista era o remanescente bíblico, cuja missão era salvar os pecadores e servi-los, tendo como elemento preponderante em sua pregação a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14:6-12.

A autora acreditava que “a missão da igreja de Cristo” era “*salvar os pecadores que estão a perecer*”, “conquistando-os para Cristo pela eficácia daquele amor” (WHITE, 1996b, p. 381, grifo nosso). Quando descreveu com mais detalhes a organização da igreja cristã, ela afirmou que a igreja “foi organizada para *servir* e sua missão é levar o evangelho ao mundo” (WHITE, 2010, p. 9, grifo nosso).

Dois elementos se destacam nas referências citadas, que poderiam ser definidos no binômio *salvação e serviço*. Por meio dessas ações centrais, o evangelho deveria ser pregado ao mundo com o propósito de prepará-lo para o segundo advento de Cristo (WHITE, 1996f, p. 116). Nesse contexto, de proclamação mundial da mensagem, Apocalipse 14:6-12 confere singularidade à missão adventista.

Ellen G. White interpretou que a primeira mensagem angélica (Ap. 14:6-7) se cumpriu no movimento milerita, entre os anos de 1840 e 1844 (WHITE, 1981, p. 356). Por sua vez, a segunda mensagem angélica (Ap 14:8) foi interpretada como que tendo aplicação dupla: a) em primeiro lugar, ela foi pregada no verão de 1844; b) em segundo, a profecia se cumprirá plenamente no futuro, quando a união entre a igreja e o mundo se consumir em toda a cristandade (WHITE, 2013, p. 389-390, grifo nosso).

Em relação à terceira mensagem angélica, é necessário dedicar maior atenção, pois nela se encontra o diferencial da mensagem adventista. Em 1896, Ellen G. White esclareceu: “Mediante a pena e a voz devemos fazer soar a proclamação, mostrando sua ordem e a aplicação das profecias que nos levam à terceira mensagem angélica” (WHITE, 2016, p. 19).

De acordo com a compreensão da autora, as três mensagens angélicas devem ser anunciadas, com especial ênfase sobre a terceira. Entretanto, qual seria o conteúdo pleno dessa mensagem? Aqui se encontra o aspecto distintivo da missão adventista.

O estudo dos principais textos de Ellen G. White relacionados ao tema permite concluir que ele é extremamente relevante em sua percepção teológica. Na terceira mensagem angélica, ela via Cristo como o centro, em torno do qual estavam a justificação pela fé e o sábado, tendo a reforma de saúde como um importante braço da missão a fim de abrir portas para a evangelização. Somadas às duas primeiras mensagens angélicas,

esses elementos tornariam a pregação adventista distinta das demais apresentadas pelo cristianismo. Em 1900, a autora foi categórica ao afirmar que “a terceira mensagem angélica é a mensagem evangélica para estes últimos dias” (WHITE, 1996d, p. 241).

Desse modo, o primeiro item que constitui a “mensagem evangélica para os últimos dias” é o tema da *justificação pela fé*. Ellen G. White asseverou que essa “é verdadeiramente a mensagem do terceiro anjo” (WHITE, 2002b, p. 190, grifo nosso). Em suma, ela expunha a justificação pela fé como “a atuação de Deus abatendo até ao pó a glória do homem, e fazendo por ele aquilo que não está em sua capacidade fazer por si mesmo (WHITE, 1959, p. 107). É o “perdão” divino (WHITE, 1999, p. 162), o “nosso título para o Céu” (WHITE, 2000a, p. 35), a “mensagem vinda de Deus” tendo “as credenciais divinas” (WHITE, 2000b, p. 359).

Aliada ao conceito de justificação pela fé, a terceira mensagem angélica também inclui a vigência do sábado do sétimo dia, conforme descrito nos Dez Mandamentos. Ellen G. White afirmou que “a proclamação da terceira mensagem angélica pede a apresentação da verdade do sábado” (WHITE, 1935, p. 156)

Ao verificar suas definições mais relevantes a respeito do sábado, nota-se que, para a autora, o quarto mandamento foi “feito para o homem, para lhe ser uma bênção” (WHITE, 1985a, p. 279). É o “memorial de Deus” (WHITE, 1985b, p. 503), a “sagrada distinção denominacional que nos é conferida” (WHITE, 1996g, p. 18), um “sinal do poder criador e redentor” que “indica a Deus como a fonte da vida e do saber” (WHITE, 2008, p. 250), o “sinal” que identifica os “adoradores do Deus vivo” (WHITE, 1981, p. 141), o “selo do Deus vivo” (WHITE, 1977, p. 164), “um sinal do poder de Cristo para nos fazer santos” (WHITE, 1995, p. 197).

Quando Ellen G. White ponderou sobre o papel escatológico que o sábado terá no desfecho da grande controvérsia entre o bem e o mal, ela foi incisiva ao afirmar que “o sábado é uma prova, não uma exigência humana, mas a prova de Deus” (WHITE, 1985b, p. 180), e será “a pedra de toque da lealdade” (WHITE, 2013, p. 604), “o muro de separação entre o verdadeiro Israel de Deus e os incrédulos” além de ser “o grande fator que une os corações dos queridos de Deus, os expectantes santos” (WHITE, 2011, p. 33). Por fim, “santificar o sábado ao Senhor importa em salvação eterna” (WHITE, 1989, p. 269).

O terceiro ponto vinculado à mensagem se relaciona com a *mensagem de saúde*. Dentre os protestantes, certamente os adventistas se destacam pela apurada concepção de saúde baseada nos princípios bíblicos e ampliada por meio das orientações fornecidas por Ellen G. White. Ela escreveu que a “reforma de saúde é um ramo da grande obra que deve preparar um povo para a vinda do Senhor. Ela se acha tão ligada à terceira mensagem angélica, como as mãos o estão com o corpo” (WHITE, 1985a, p. 320).

De que maneira a reforma de saúde influencia o cumprimento da missão adventista? Para Ellen G. White, a reforma de saúde é “um ramo da especial obra



de Deus” (WHITE, 1996a, p. 560), “parte do último grande esforço para proclamar a mensagem do evangelho” (WHITE, 1991, p. 259) e “deve ser levada aos caminhos e valados da vida” (WHITE, 1991, p. 266). É uma “luz que agora brilha sobre nós como um povo” (WHITE, 1996c, p. 556) para “nossa salvação e salvação do mundo” (WHITE, 1996e, p. 136) e trata-se do “meio empregado pelo Senhor para diminuir o sofrimento de nosso mundo e para purificar sua igreja” (WHITE, 1996g, p. 112, 113). Ela possui importância estratégica, sendo “uma grande cunha de penetração” (WHITE, 2002a, p. 76), comparada à “mão direita” (WHITE, 1991, p. 238) ou ao “braço direito da mensagem” (WHITE, 2001v, p. 116).

É relevante notar que, embora a reforma de saúde tenha um papel destacado dentro da teologia adventista, ela não é em si mesma a terceira mensagem angélica. Para evitar distorções, White (2002a, p. 77, grifo nosso) explicou que “embora a reforma de saúde *não seja* a terceira mensagem angélica, está com ela intimamente relacionada. *Os que proclamam a mensagem devem ensinar também a reforma de saúde*”.

Concluindo, o conceito amplo de missão desenvolvido por Ellen G. White foi determinante para influenciar o pensamento dos adventistas do sétimo dia quanto ao assunto. As ideias relacionadas à tríplice mensagem angélica fizeram com que a atividade de ministros e anciãos fosse moldada de acordo com esses parâmetros. Essa noção será apresentada a seguir.

127

O ministério do pastor e do ancião

No decorrer dos anos, entre 1844 e 1915, os adventistas desenvolveram uma compreensão muito clara quanto ao papel do ministro e do ancião no cumprimento da missão da igreja. Essa trajetória pode ser descrita em três períodos. O primeiro compreende os anos de 1844 até 1863, abrangendo o início do movimento adventista sabatista até a organização formal da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O segundo corresponde aos anos de 1863 a 1901, tempo em que a denominação empreendeu um amplo processo de estruturação. O último, que se inicia em 1901 e se encerra em 1915 com a morte de Ellen G. White, destaca-se pela ênfase na reorganização sugerida pela liderança da igreja.

Formação do conceito: 1844-1863

No movimento adventista sabatista, o desenvolvimento do ministério do pastor e do ancião ocorreu gradativamente, conforme os primeiros líderes compreendiam melhor a missão da igreja. A princípio, os remanescentes do movimento milerita dedicaram maior atenção para o entendimento de quais seriam as implicações proféticas do desapontamento de 22 de outubro de 1844. Conforme a análise de Alberto R. Timm, entre 1844 e 1850 deu-se o período de integração doutrinária que

contribuiria com o fundamento teológico da denominação (TIMM, 2002). Esses anos abrangeram duas fases principais.

A primeira, entre 1844 e 1847, é caracterizada pela formação das doutrinas básicas dos adventistas sabatistas. A segunda, entre 1848 e 1850, destaca-se pelo enriquecimento dos conceitos preestabelecidos, aliado ao empenho de propagá-los àqueles que haviam pertencido ao movimento milerita.

Essas doutrinas fundamentais não estavam relacionadas de maneira frágil. George R. Knight esclareceu que elas “não se sustinham por si mesmas, mas formavam um conjunto profético/doutrinário unificado. No núcleo desse conjunto, encontravam-se duas ideias bíblicas: o santuário e a tríplice mensagem angélica” (KNIGHT, 2000, p. 42).

Como mencionado, a preocupação inicial dos adventistas sabatistas era pregar as verdades descobertas para aqueles que haviam pertencido ao movimento milerita. Essa tendência refletia o conceito da “porta fechada” desenvolvido por Apollos Hale e Joseph Turner, em 1845 (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009, p. 52). No entanto, a partir de 1850, alguns fatos redirecionaram o entendimento dos líderes adventistas sabatistas em relação ao tema. Alberto R. Timm (2002) enumera três motivos que fizeram com que a compreensão missiológica do grupo sofresse alterações profundas.

Em primeiro lugar, a demora no cumprimento da promessa do advento fez com que eles avaliassem de outra maneira a necessidade de continuar profetizando, conforme as palavras de Apocalipse 10:11 e Mateus 24:14. O segundo motivo está associado às visões de Ellen G. White “que sugeriam uma ação missionária mais ampla” (TIMM, 2002, p. 139). O último fator era de caráter prático: pessoas que não haviam sido mileritas estavam se convertendo ao adventismo sabatista. A soma desses elementos promoveu a “abertura das portas” para o desafio que Deus lhes conferia.

Dessa maneira, tornou-se aceitável a formação de grupos adventistas sabatistas. Eles reuniram o conjunto dos novos crentes alcançados por meio de palestras públicas, bem como pelo estudo dos artigos publicados no periódico *The Present Truth* (em 1849); e, a partir de 1850, no *Second Advent Review and Sabbath Herald*, mais conhecido como *Review and Herald*. Nesse período, alguns fatos demonstraram que a movimento começava a caminhar rumo ao aperfeiçoamento ministerial: 1) a primeira ordenação “pastoral”; 2) a nomeação de uma estrutura primária que daria origem ao diaconato; 3) o credenciamento de pregadores; e 4) as primeiras discussões relacionadas ao estabelecimento formal da denominação.

Ao que tudo indica, o primeiro ministro a receber a ordenação entre os adventistas sabatistas foi Washington Morse, em 1851. Foi nesse ano também que ocorreu a primeira ordenação conhecida entre eles para um ofício local, uma “comissão de sete” que daria origem ao diaconato, em Washington, New Hampshire (SMITH, 1851, p. 52). Conforme a pregação adventista sabatista alcançava maior número de pessoas, começaram a surgir



pregadores com atitudes e teorias que divergiam daquelas defendidas pela liderança do movimento. Para minimizar esse problema, em 1853, os principais líderes passaram a emitir um cartão de recomendação aos ministros que “havia provado seu dom, e eram evidentemente aprovados do Senhor” (LOUGHBOROUGH, 1906, p. 30). Os cartões, datados, eram assinados por dois dirigentes destacados do movimento, Tiago White e José Bates (LOUGHBOROUGH, 1906, p. 30).

No entanto, o principal fato se deu, a partir de 1853, com a publicação de uma série de quatro artigos escritos por Tiago White na *Review and Herald*, sobre a “ordem evangélica”. Em seu primeiro artigo, ele argumentou que a ordem evangélica estava sendo “muito negligenciada” e que a atenção da igreja deveria “ser voltada a esse assunto” (WHITE, 1853a, p. 173). Poucos dias depois, em outro texto da série, o dirigente justificou a necessidade de um ministério formalmente estabelecido com base no reconhecimento do obreiro e da igreja quanto ao chamado vocacional.

Além de demonstrar o conceito de chamado pessoal e reconhecimento congregacional, Tiago White também expressou o que ele considerava ser a principal tarefa do ministro: pregar o evangelho a todas as nações. Embora incipiente, a ideia de que os ministros adventistas deveriam ser evangelistas se fazia presente em suas primeiras orientações normativas (WHITE, 1853b, p. 189-190).

Ele não foi o único a defender a organização eclesiástica e ministerial nesses moldes. Outros líderes adventistas sabatistas empreenderam esforços semelhantes. José Bates (1854, p. 22) argumentou sobre a importância de se constituir anciãos nas igrejas e identificou entre eles duas categorias: aqueles que “presidem bem” e “os que se afadigam na palavra e no ensino” (ver 1Tm 5:17). Para o pioneiro, a obra de reforma não estava limitada apenas aos aspectos doutrinários, mas alcançava também a estrutura eclesiástica. Em um artigo de 1855, J. B. Frisbie aparentemente elucidou as diferenças entre os dois tipos de anciãos identificados por Bates. Um era responsável pela “supervisão de todas as igrejas como anciãos ou bispos itinerantes como Silas, Timóteo, Tito e Paulo”; outro era o “ancião local, que tinha o cuidado pastoral e supervisão de uma igreja” (FRISBIE, 1855, p. 154-155).

Em outras palavras, o ancião itinerante desempenhava a função evangelística apostólica (“pregando a palavra”), enquanto o ancião local realizava a atividade pastoral (“presidindo bem”). Essas concepções ajudaram a formar a compreensão dos líderes adventistas em relação ao papel do ministro e do ancião local no cumprimento da missão.

Por último, R. F. Cottrell justificou a necessidade de se ordenar anciãos nas congregações afirmando não ser possível “ao ancião itinerante ou evangelista” administrar “os deveres que frequentemente recaem sobre a igreja” (COTTRELL, 1856, p. 173).



Paralelamente, as primeiras noções apontadas por Ellen G. White em relação ao dever do ministério e do ancionato adventista reforçam a distinção entre esses ofícios. Em *Primeiro Escritos*, obra inicialmente publicada em 1851, ela exortou os “mensageiros de Deus” a “saírem para onde quer que [houvesse] uma brecha” a fim de alcançar pessoas (WHITE, 2011, p. 103). A autora estimulou os pregadores a entrar em “novos lugares”, buscando a companhia de outros colegas de trabalho, a fim de se animarem mutuamente diante da oposição e dos desafios (WHITE, 2011, p. 103). Além disso, salientou algo que lhe fora revelado por Deus:

Vi que os servos de Deus não devem ir sempre ao mesmo campo de trabalho, mas devem procurar almas em novos lugares. Os que já estão estabelecidos na verdade não devem exigir tanto do trabalho daqueles, mas devem ser capazes de permanecer sozinhos e fortalecer a outros ao seu redor, enquanto os mensageiros de Deus visitam lugares escuros e isolados, levando a verdade aos que não estão ainda esclarecidos quanto à verdade presente (WHITE, 2011, p. 104).

130

Não seria errado acreditar, a partir do argumento apresentado por ela, que desde o momento em que um grupo de adventistas sabatistas se formasse, sua liderança local deveria promover o pastoreio e a edificação mútua, deixando o ministro livre para trabalhar em outros territórios. A ideia de que o ministro adventista deveria ser um evangelista itinerante fica evidente na forma como Tiago White entendia a missão do pastor. Para ele, à semelhança dos apóstolos, a obra designada aos ministros era estabelecer grupos cristãos fundamentados na doutrina, organizá-los de tal maneira que fossem autossustentados e partir para novos campos de trabalho. Aliás, a capacidade de cumprir essa agenda era uma evidência do chamado.

De maneira alguma pode um pregador provar tão bem a si mesmo como ao entrar em novos campos. Lá ele pode ver os frutos de seu próprio trabalho. Se ele for bem-sucedido em levantar igrejas e estabelecê-las, de modo a render bons frutos, ele dá a seus irmãos as melhores provas de que é enviado do Senhor. [...] Se eles não podem levantar igrejas e amigos para sustentá-las, então, certamente, a causa da verdade não necessita deles, e eles têm as melhores razões para concluir que cometeram um triste equívoco ao pensar que Deus os chamou para ensinar a mensagem do terceiro anjo (WHITE, 1862, p. 156).



É importante observar que, durante os primeiros anos do movimento adventista sabatista, Ellen G. White escreveu pouco sobre a atribuição de ministros itinerantes e anciãos locais. Contudo, isso não significa que ela não tivesse um conceito claro a respeito do tema. Em uma carta escrita em 6 de julho de 1863, ela afirmou:

Os anciãos, locais e itinerantes, são nomeados pela igreja e pelo Senhor para *supervisionar a igreja, para reprovar, exortar e repreender o indisciplinado e confortar os desanimados*. Não há maior tribunal sobre a Terra do que a igreja de Deus. [...] Deus concedeu poder sobre a igreja e os ministros da igreja, e não é prudente resistir à autoridade e desprezar o julgamento dos ministros de Deus (Ellen G. White, *Carta 5, 1863*, grifo nosso).

Para ela, o ancião local e o ministro (ancião itinerante) eram as autoridades constituídas por Deus para conduzir a igreja em todos os assuntos espirituais e administrativos, e os membros deveriam reconhecer isso.

No período seguinte, entre 1863 e 1901, tanto a igreja quanto Ellen G. White apresentaram mais vislumbres a respeito das atribuições de ministros e anciãos. O crescimento da Igreja Adventista, o aperfeiçoamento do ministério e os desafios referentes à pregação da mensagem influenciaram nesse processo.

Aperfeiçoamento do conceito: 1863-1901

A partir de 1863, a Igreja Adventista entrou em uma importante fase de progresso institucional. Tendo superado as dificuldades iniciais relacionadas à adoção de um nome e à organização da Associação Geral, a denominação se estabeleceu em áreas estratégicas para o cumprimento da missão. Assim, dentro de poucos anos, os seguintes empreendimentos foram incentivados: início da obra médico-missionária (1866); começo do trabalho no ramo educacional (1872); organização da Sociedade Missionária e de Tratados (1874); aperfeiçoamento do conceito de “benevolência sistemática”, com a adoção do sistema de dízimos e ofertas (1876); e estabelecimento da Associação Geral da Escola Sabatina (1878).

O movimento também cresceu em relação ao número de ministros e membros. Por exemplo, em 1882, as estatísticas indicavam os seguintes elementos:

Associações	26
Missões	6
Ministros (credenciados/licenciados)	301
Igrejas	660
Membros	17.169

Fonte: *The Seventh-day Adventist Yearbook (1883)*.

132

A comparação entre alguns dados de 1863 e 1883 aponta informações relevantes. A partir do estabelecimento da Associação Geral, houve um aumento de 490% no número de membros e de 528% na quantidade de igrejas. A relação de ministros cresceu 1000%. Embora os percentuais impressionem, eles não devem ser dissociados do contexto em que estavam inseridos. Apesar de se mostrarem positivos, os números absolutos eram pequenos se contrastados com o tamanho dos desafios da denominação, uma vez que refletiam o total de adventistas no mundo.

Apenas nos Estados Unidos, o censo de 1880 apresentava uma população de 50.155.783 habitantes (DEPARTMENT OF THE INTERIOR, 1882). Para um movimento convicto de sua missão mundial, a melhor estratégia a ser adotada para cumprir seu propósito seria manter o ímpeto evangelístico de ministros e membros, motivando-os a ação missionária individual.

Diante dessa demanda, o trabalho do ancião assumiu grande importância. Em 1874, o presidente da Associação Geral, George Butler, escreveu um longo artigo dissertando a respeito da administração da igreja local. No texto, ele refletiu as expectativas da liderança adventista sobre o ancianato, destacando que “nenhuma igreja [prosperaria] como deveria sem um ancião eficiente. [...] Anciãos são ‘supervisores’ ou subpastores, tendo o Senhor Jesus como principal Pastor” (BUTLER, 1874, p. 85). Portanto, esperava-se que o ancião pastoreasse o rebanho conduzindo-o ao crescimento espiritual. Apesar da grande ênfase dada por Butler sobre o trabalho espiritual do ancião, é necessário considerar que sobre este oficial recaía também os encargos administrativos da congregação. Em 1875, H. A. St. John apresentou a primeira relação de atribuições do ancião local, com 13 itens que contemplavam atividades administrativas e espirituais desse ministério.

Enquanto se buscava sistematizar o trabalho do ancião, o ministério também recebia orientações para melhor desempenhar seu ofício. Em dezembro de 1878, Ellen G. White dirigiu palavras de advertência e orientação aos pastores. Naquela realidade



itinerante, alguns líderes omitiam instruções fundamentais para o crescimento espiritual dos membros. “Ministros frequentemente negligenciam estes importantes ramos da obra: reforma de saúde, dons espirituais, benevolência sistemática e os grandes ramos do trabalho missionário” (WHITE, 1878, p. 185). “Quão melhor seria para a causa”, ela ainda afirmou,

se o mensageiro da verdade houvesse educado fiel e cabalmente esses conversos em relação a todas essas questões essenciais, mesmo que houvesse menos com quem ele pudesse contar como sendo acrescentados à igreja como resultado de seus trabalhos (WHITE, 1878, p. 185).

A obra de educar os adventistas para o trabalho missionário estava de acordo com as ideias iniciais defendidas pelo casal White. Se o ministro deveria manter as atividades direcionadas para o estabelecimento de novas congregações, nenhum membro deveria se eximir de sua responsabilidade pessoal, bem como esperar que sua fé estivesse amparada na figura do pastor. Aliás, inicialmente, os adventistas evitavam usar o termo “pastor” para seus ministros, a fim de dissociá-los da imagem tradicional do “pastor fixo” (TRIM, 2014).

Uma realidade incômoda para aquele período (e em nossos dias também) está relacionada ao enfraquecimento missionário do movimento adventista em alguns contextos. Isso pode ser avaliado sob a perspectiva de algumas hipóteses inter-relacionadas. A primeira está associada à dificuldade de os pastores exercerem o papel “apostólico” de supervisionar, de tempos em tempos, as igrejas constituídas. Sem a orientação de líderes experientes, a tendência de alguns seria se distanciar dos propósitos denominacionais.

Outra possível situação seria a ineficácia dos anciãos em pastorear o rebanho local. Isso poderia ser o resultado da sobrecarga de atividades congregacionais diversas, despreparo ministerial ou falta de compromisso com o ofício pastoral. Por último, poderia ser o reflexo da predominância de membros destituídos do senso de responsabilidade individual na edificação do corpo de Cristo.

Esse estado preocupante levou alguns líderes a sugerir a alteração do paradigma apostólico de ministério; assim, discretamente, o conceito de pastor fixo começou a assediar a Igreja Adventista.

Dudley M. Canright foi o primeiro ministro a defender essa noção por meio da *Review*. Em 9 de agosto de 1881 (três dias após o falecimento de Tiago White), foi publicado um artigo no qual ele propunha uma nova abordagem de trabalho. Para ele, “alguns homens que não [eram] de todo adaptados para o trabalho de

um evangelista [eram] peculiarmente equipados para fazer um excelente trabalho como pastores [fixos] (CANRIGHT, 1881, p. 99, grifo nosso). O autor via o modelo ministerial adventista como ineficaz diante das demandas de seu tempo, por isso, em sua concepção, estabelecer pastores fixos nas congregações era uma questão estratégica de crescimento.

Se para Canright a solução do problema que a igreja enfrentava era alterar o modelo ministerial, para Ellen G. White consistia em envolver os membros em esforços missionários individuais. Ela afirmou que “nenhuma igreja pode prosperar a menos que os seus membros sejam trabalhadores” (WHITE, 1881, p. 129-130).

Posteriormente, a autora definiu que uma das atribuições principais dos ministros adventistas era delegar atividades e supervisionar o trabalho realizado. Infelizmente, muitos pastores falhavam “em discernir que [deviam] recorrer aos membros leigos da igreja e ensiná-los a trabalhar, para que [pudessem] manter o que [fora] ganho, e [continuassem] a avançar” (WHITE, 1883, p. 465).

Curiosamente, a ideia de Canright ganhou força com a primeira proposta de *Manual da Igreja*, em 1883. Em setembro desse ano, a *Review* publicou um artigo da série “The Church Manual”, escrito por W. H. Littlejohn, que seguia parte do argumento apresentado por Canright anteriormente. Os autores, J. O. Corliss e H. A. St. John, foram indicados pela Assembleia da Associação Geral de 1882 a fim de elaborar uma proposta de manual para a Igreja Adventista, em resposta a algumas reivindicações. A ideia era submeter a proposição aos membros da igreja para conseqüente apreciação e votação (DAMSTEEGT, 2005, p. 654-655).

Ao descrever as atribuições ministeriais, Littlejohn afirmou que havia alguns ministros que pareciam “especialmente adaptados para exercer o papel de pastores de igrejas já estabelecidas. Estes últimos achariam muito difícil, se não impossível, ter sucesso naquilo que poderia ser chamado de trabalho puramente evangelístico (LITTLEJOHN, 1883, p. 618).

À semelhança de Canright, o líder entendia que havia dois modelos inter-relacionados de ministério: evangelístico e pastoral. Reconhecendo que o ministério adventista era predominantemente evangelístico, Littlejohn concluiu sua proposta indicando a necessidade de se equilibrar o modelo apostólico e o pastoral.

Além de propor um modelo ministerial, a sugestão de *Manual da Igreja* também considerou 13 atribuições dos anciãos, a saber.

- 1) Deve presidir a todas as reuniões administrativas ou religiosas da igreja; 2) apresentar todas as propostas a serem votadas; 3) expor os nomes dos candidatos a membros da igreja; 4) solicitar cartas para aqueles que desejam ser membros



da igreja; 5) distribuir a agenda das reuniões; 6) buscar os fracos e desanimados e visitar os doentes; 7) supervisionar os oficiais da igreja para fazer com que eles desempenhem suas funções com fidelidade; 8) examinar os registros de secretaria e tesouraria, a fim de averiguar se eles estão devidamente controlados; 9) na ausência de um ministro deve administrar, em sua própria igreja, o batismo, as ordenanças da Ceia do Senhor e lava-pés; mas nunca seria bom administrar qualquer um desses ritos em qualquer outra igreja que não a sua própria; 10) exercer supervisão sobre a vida e a conduta dos membros da igreja, a fim de observar se nenhum anda de forma desordenada; 11) resolver todas as dificuldades que possam surgir entre os membros da igreja, se possível; caso contrário, para levar os ofensores ao julgamento da igreja; 12) fazer com que as decisões da igreja em todos os assuntos sejam executadas corretamente; 13) visitar todos os membros da igreja em suas casas o mais rápido possível, conforme as circunstâncias permitirem (LITTLEJOHN, 1883b, p. 303).

135

A proposta do manual foi rejeitada na Assembleia da Associação Geral de 1883. Entretanto, ao que tudo indica, apesar de não haver apoio na ocasião, alguns permaneceram convictos de que a mudança no modelo ministerial e a adoção de pastores fixos pudesse ser algo viável para a Igreja Adventista. Essa hipótese reside no fato de que, nos anos seguintes, Ellen G. White publicou diversos textos reafirmando as bases do modelo apostólico defendido por ela e por seu esposo desde os primórdios do movimento, exaltando, principalmente, atitudes que os ministros deveriam adotar para promover o avanço do adventismo.

Ela não recomendava que “um ou dois ministros” fossem “ao mesmo campo reiteradas vezes”. Deveria haver “um intercâmbio de trabalhadores” (WHITE, 1884, p. 225). Assim, “as igrejas [poderiam] ter o benefício de seus diferentes dons [dos ministros]” (WHITE, 1884, p. 225). Além disso, Ellen G. White enfatizou que o pastor deveria ser “um exemplo para o rebanho do qual ele é um subpastor. Ele deve cuidar de uma maneira especial das ovelhas do seu rebanho; deve velar pelas almas como aquelas por quem presta contas” (WHITE, 1884, p. 225).

Era esperado também que o ministro fosse um planejador do trabalho congregacional. Em maio de 1888, Ellen G. White publicou um artigo no qual destacou que deveria haver “um plano bem organizado” em que os obreiros fossem “às igrejas, grandes e pequenas, para instruir os membros a trabalhar para a

edificação da igreja, e também pelos incrédulos. Não é simplesmente sermonear que é necessário, mas educar” (WHITE, 1888a, p. 305).

O primeiro assunto a ser enfatizado nesse plano educacional deveria ser a piedade pessoal e a religião doméstica. Os membros espiritualmente maduros deveriam trabalhar estudando a Bíblia com os demais irmãos, instruindo-os no entendimento da vontade de Deus. Obreiros sábios deveriam desenvolver “talentos na igreja que poderiam ser educados para o serviço do Mestre. Aqueles que trabalharão na visitação de igrejas devem dar-lhes instrução sobre estudos bíblicos e trabalho missionário” (WHITE, 1888a, p. 305). Jovens de ambos os sexos deveriam ser educados para se tornar obreiros no lar, na própria vizinhança e na igreja (WHITE, 1888a, p. 305).

Um detalhe significativo na análise das orientações de Ellen G. White para ministros e anciãos é que ela esperava dos líderes locais atitudes muito semelhantes àsquelas requeridas dos pastores de tempo integral. E o que a líder esperava dos anciãos? Entre os anos 1887 e 1901, ela salientou uma série de atribuições relacionadas ao ofício.

O ancião deveria cuidar fielmente do rebanho local. “Deus requer fidelidade no cuidado vigilante” (Ellen G. White, *Manuscrito 32, 1887*). Ao tomar conta dos irmãos em falta, ele deveria manifestar o amor de Cristo: “Ore com eles, chore com eles, sinta pela vida deles, ame-os, e nunca os deixe ir. [...] Então, o poder de Deus operará através de você e muitas almas serão trazidas à verdade por meio de sua influência” (Ellen G. White, *Manuscrito 32, 1887*).

Sobre ele também recaía a responsabilidade de traçar planos para o avanço da obra envolvendo cada membro de acordo com suas habilidades e dons. Em setembro de 1890, Ellen G. White disse que “os anciãos e os dirigentes da igreja [deveriam] dar mais atenção aos planos para a realização do trabalho. Eles [deveriam] arranjar as coisas de modo que cada membro da igreja [tivesse] uma parte a desempenhar” (WHITE, 1890, p. 529).

Em 1893, ela reforçou os conceitos de planejamento e educação ao dizer que anciãos e diáconos “podem planejar com sabedoria e educar os membros da igreja para que desempenhem sua parte negociando os ‘talentos do Senhor’” (WHITE, 1893, p. 34). Ellen G. White ainda destacou que “a igreja pode ser visitada apenas ocasionalmente por um ministro, e, ainda assim, ser uma igreja crescente; pois Jesus é o nosso ministro, e nunca devemos pensar que estamos sozinhos”.

Somadas ao pastoreio, à planificação e à supervisão, há também a importância da nutrição espiritual. Ela afirmou: “Há um vasto campo para os anciãos e auxiliares em cada igreja. Eles devem alimentar o rebanho de Deus com alimento puro, completamente separado do joio e da mistura venenosa do erro” (Ellen G. White, *Manuscrito 59, 1900*). Nesse contexto, ela salientou o fato



de que a prosperidade espiritual da congregação também depende da eficácia do ancião quanto a essa responsabilidade.

Essas citações reforçam algo incontestável nos escritos de Ellen G. White: a ausência de um ministro não deveria ser motivo para impedir o crescimento de uma congregação local. Se o ancião desenvolvesse com afinco seu ministério, os membros cresceriam na fé e proporcionariam a ampliação da esfera de alcance da Igreja Adventista. Em outras palavras, o ministério do pastor e do ancião deveria ser integrado, proporcionando o aperfeiçoamento interno (congregação) e externo (plantio de novas congregações) do movimento adventista.

Entre os anos 1901 e 1915, houve maiores incentivos, especialmente por parte de Ellen G. White, para que a igreja não perdesse de vista esse conceito que, de acordo com os principais textos da autora, deveria ser elementar na maneira de se compreender o ministério adventista.

Reafirmação do conceito: 1901-1915

Em 1901, a Igreja Adventista passou por uma de suas mais significativas transformações, por ocasião de sua Assembleia Geral. Em 15 de abril, na parte da manhã, Ellen G. White apresentou uma contundente mensagem aos delegados da Assembleia intitulada “An Appeal to Our Ministers” (WHITE, 1901, p. 267). Nesse discurso, a líder destacou algumas debilidades no ministério que deveriam ser corrigidas.

Ela afirmou que os pastores estavam falhando em relação à responsabilidade que recaía sobre eles; por esse motivo, muitos adventistas não sabiam mais o que significava ser “testemunhas de Cristo nestes últimos dias” (WHITE, 1901, p. 267). Parte do problema se dava em virtude da postura dos ministros em “rondar” as igrejas estabelecidas. Ellen G. White foi assertiva ao afirmar:

Ele [Deus] não os chama para entrar em campos que não precisam de médico. Estabeleça suas igrejas com o entendimento de que não precisam esperar o ministro para servi-las e estar continuamente a alimentá-las. Elas têm a verdade; “elas sabem o que é a verdade”. Elas devem ter raízes em si mesmas (WHITE, 1901, p. 267).

Ela ainda prosseguiu dizendo:

Deus quer que você [ministro] saiba como lutar, saiba o que é trabalhar pelas almas, e carregue o fardo das almas em seu coração. Quando você estiver educando-as, Cristo estará educando-o.

Quando você estiver dando-lhes lições, Cristo estará dando-lhe as lições dele, e estas são de maior valor (WHITE, 1901, p. 267).

As reações ao discurso foram imediatas. George A. Irwin, o presidente em exercício da Associação Geral, reconheceu que a mensagem se adequava à sua vida e afirmou: “Tudo o que posso fazer esta manhã é confessar meu pecado e pedir a Deus para me perdoar, e eu acredito que ele vai perdoar” (WHITE, 1901, p. 269).

Ole A. Olsen, que havia sido presidente da Associação Geral entre 1888 e 1897, expressou-se da seguinte forma: “Deve ser muito evidente para todos nós, irmãos, que chegamos a um ponto em que deve haver uma virada decisiva, uma decidida mudança em nossa atitude e em nossa experiência” (WHITE, 1901, p. 269).

O que ocorreu após essa reunião foi a significativa publicação de textos de Ellen G. White abordando esse tema, tanto na *Review* quanto em outros periódicos adventistas. A análise de seus principais artigos acerca do assunto indica que a essência de seu conceito em relação ao ministério do pastor e do ancião continuou a mesma.

A ênfase do ministério pastoral deveria ser ensinar os membros a trabalhar em prol do avanço da mensagem e partir para novos campos. Ellen G. White escreveu: “Logo que seja organizada uma igreja, ponha o pastor os membros a trabalhar. [...] Dedique o pastor mais tempo para educar do que para pregar” (WHITE, 1996e, p. 20). Ela indicava um sistema definido de trabalho: “Um lugar após outro deve ser visitado; uma igreja após outra deve ser estabelecida. Os que se põem do lado da verdade devem ser organizados em igrejas, e então, deve o pastor passar a outros campos igualmente importantes” (WHITE, 1996e, p. 19).

Em um artigo publicado em janeiro de 1902, no *Atlantic Union Gleaner*, ela confrontou o desejo de alguns membros estabelecerem grandes centros e congregações adventistas, bem como contarem com o auxílio de um pastor fixo. Ellen G. White foi categórica ao dizer: “Não deve haver um apelo por pastores fixos sobre nossas igrejas, mas deixem o poder da verdade que dá vida impressionar os membros individuais a agir [...] a igreja deve ser educada e treinada para fazer o serviço eficaz” (WHITE, 1902a, p. 2).

É provável que, após 1901, sua admoestação mais contundente quanto ao assunto esteja no artigo “The Need of a Revival and a Reformation”, de 25 de fevereiro de 1902. Ela iniciou seu texto com as palavras de Apocalipse 2:4 e 5, e identificou essa descrição com a situação em que se encontrava a Igreja Adventista. Para ela, o ego estava sendo acariciado e lutava pela supremacia (WHITE, 1902b, p. 113). Esse diagnóstico impedia que o sentido de missão fosse real para os membros da igreja.

Como resultado dessa apatia espiritual, os sermões haviam se tornado a grande exigência das igrejas. Ellen G. White afirmou: “Os membros têm dependido das declarações do púlpito em vez de dependerem do Espírito Santo.



Desnecessários e sem uso, os dons espirituais entregues a eles têm diminuído até a fraqueza” (WHITE, 1902b, p. 113). Os ministros tinham parte da responsabilidade por essa condição; pois, se eles “fossem a novos campos, os membros seriam obrigados a assumir responsabilidades, e, pelo uso, suas capacidades aumentariam (WHITE, 1902b, p. 113).

Ela ainda disse que, por meio das palavras dirigidas à igreja de Laodiceia, em Apocalipse 3:14-18, “Deus lança contra os ministros e o povo a pesada carga da fraqueza espiritual” (WHITE, 1902b, p. 113), e, então, complementou dizendo: “Deus pede um reavivamento espiritual e uma reforma espiritual (WHITE, 1902b, p. 113). Essa argumentação forma o contexto de sua mais conhecida definição de reavivamento e reforma:

Deve haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo. Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovação da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança nas ideias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem efetuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la, precisam fundir-se (WHITE, 1902b, p. 113).

139

O estudo desse artigo aponta uma realidade pouco explorada quando se trata de incentivar o reavivamento e a reforma na igreja: sua dimensão eclesiológica. Uma das evidências de que os cristãos estão imbuídos do Espírito Santo é o retorno às atribuições originais de membros e ministros. Enquanto os membros desenvolvem seus dons espirituais e os utilizam na edificação da comunidade, os ministros devem plantar novas igrejas e ampliar a influência da mensagem adventista.

É importante ressaltar que Ellen G. White não ignorava o fato de que os ministros deveriam supervisionar as congregações. Ela escreveu:

O Senhor não vai aprovar ministros que gastam muito de seu tempo com as igrejas que já creem na verdade. [...] É necessário que nossas igrejas sejam visitadas pelos ministros, mas as igrejas não devem esperar que o ministro as mantenham e as façam crer. Dessa forma, a igreja é enfraquecida e não fortalecida (WHITE, 1902c, p. 146).

Quanto aos anciãos, a líder continuou atribuindo-lhes a maior responsabilidade pelo desenvolvimento espiritual da congregação local. “Apascentai o rebanho de Deus’ pregando a eles Sua palavra, dedicando-lhes fervoroso trabalho pessoal e dando-lhes um bom exemplo” (Ellen G. White, *Carta 108*, 1902). Além disso, Ellen G. White destacou que os dirigentes da igreja, fossem eles ministros ou anciãos, deveriam planejar trabalho para os membros locais: “Aqueles que têm a supervisão espiritual da igreja devem encontrar formas e meios pelos quais oportunidades sejam dadas a todos os membros, a fim de que tomem parte na obra de Deus” (White Sanitarium, CA, 11 out. 1908).

Em 1911, próximo ao fim do seu prolífico ministério, Ellen G. White se dedicou a publicar o livro *Atos dos Apóstolos*. Essa obra, conforme definiu Jean-Luc Rolland, “não é meramente uma meditação sobre o livro bíblico correspondente e alguns escritos de Paulo, Pedro e João, mas uma reflexão sobre a vida, as experiências, os escritos e a ‘razão de ser’ da igreja cristã” (ROLLAND, 2013, p. 579). Ele ainda complementa afirmando que o livro “reflete a visão de Ellen G. White a respeito do que a igreja deve ser no mundo até a segunda vinda de Cristo” (ROLLAND, 2013, p. 580).

140 Nessa obra, algumas afirmações de Ellen G. White parecem ecoar claramente seus ensinamentos anteriores sobre a atitude de ministros e anciãos diante da missão da igreja. O primeiro relato a ser mencionado refere-se à indicação dos sete homens escolhidos para exercerem o ministério que daria origem ao diaconato (At 6). Foi no contexto da formação do primeiro ofício local das congregações cristãs que ela declarou:

A organização da igreja em Jerusalém deveria servir de *modelo* para a organização de igrejas em todos os outros lugares em que mensageiros da verdade conquistassem conversos ao evangelho (WHITE, 2010, p. 91, grifo nosso).

A partir dessa afirmação, pode-se inferir que Ellen G. White via no relato da indicação dos primeiros diaconos que o trabalho de proclamação da mensagem cristã e de administração da igreja local não deveriam ser acumulados em apenas um ofício. De maneira ordeira e harmoniosa, cada membro deveria cumprir seu ministério de forma sábia, fosse ele voltado para os desafios externos ou internos da igreja. Assim, o “modelo de Jerusalém” se perpetuaria.

Essa inferência corresponde aos ensinamentos apresentados nas décadas anteriores em que ela 1) via o ministério pastoral sob a perspectiva do modelo apostólico; 2) esperava que os oficiais locais cumprissem sua responsabilidade na administração da congregação local; 3) desejava que todos os membros desempenhassem uma parte ativa no cumprimento da missão da igreja.



Ainda no contexto da citação anterior, a autora descreveu a participação dos anciãos no processo de resolução de problemas da igreja apostólica:

[Os assuntos] Eram encaminhados a um concílio geral de todo o conjunto dos crentes, constituído de delegados designados pelas várias igrejas locais, com os apóstolos e anciãos nos cargos de maior responsabilidade (WHITE, 2010, p. 96).

Fica claro o papel que ela atribuiu aos anciãos das congregações diante das demandas que existiam no começo da história cristã. Se a compreensão do paradigma ministerial apostólico estiver correta, apresenta-se nesse caso o binômio ideal de liderança eclesial: a participação conjunta de ministros e anciãos locais na condução dos rumos da igreja.

Além dessa referência, Ellen G. White elaborou seu maior argumento em relação ao ancionato a partir do texto de 1 Pedro 5:2-4. Ela escreveu: “Os que ocupam a posição de subpastores devem exercer atento cuidado sobre o rebanho do Senhor. [...] Ministrando significa mais que pregar sermões; significa trabalho zeloso e pessoal” (WHITE, 2010, p. 526).

141

Nessa citação, alguns conceitos emergem como a 1) supervisão e a 2) ministração. Esta última, representando o trabalho intencional do ancião em “disciplinar e educar os membros para trabalhar de forma aceitável” (WHITE, 2010, p. 526). Nesse mesmo parágrafo, ela ainda salientou a necessidade de os subpastores alimentarem o rebanho e se manterem consagrados ao Senhor.

Em suma, os conceitos que Ellen G. White explorou em *Atos dos Apóstolos* não divergem daquilo que ela ensinou ao longo de seu ministério. Na verdade, ela os sintetiza e os identifica na prática do cristianismo apostólico. Em outras palavras, a líder via na conduta dos apóstolos e anciãos do início da história cristã, a origem da forma como os adventistas deveriam organizar seu ministério.

Considerações finais

Este artigo teve como propósito compreender como ministros e anciãos se integravam no cumprimento da missão adventista entre 1844 e 1915, de acordo com os conceitos defendidos por Ellen G. White.

Em primeiro lugar, para a autora, a missão exclusiva dos adventistas como o remanescente bíblico para o tempo do fim é salvar o mundo e servir-lhe, proclamando por meio de suas instituições e igrejas, seus líderes e membros, a tríplice mensagem

angélica em sua plenitude. A terceira mensagem angélica se apresenta tendo Cristo como o centro, em torno do qual gravitam a justificação pela fé e o sábado, tendo a reforma de saúde como instrumento de entrada. Essas ênfases se aliam aos demais temas bíblicos componentes da primeira e segunda mensagens angélicas, tornando a pregação adventista distinta das demais apresentadas pelo cristianismo.

Entre 1844 e 1863, no período da *formação de conceito* do ministério pastoral e do ancião, Ellen G. White escreveu pouco sobre o tema. Contudo, ela entendia que o trabalho do ministro era evangelizar. Além disso, em conjunto com o ancião local, ele deveria supervisionar, exortar e confortar os membros.

O segundo período, entre 1863 e 1901, foi caracterizado pelo *aperfeiçoamento do conceito* do ministério do pastor e do ancião. Ellen G. White demonstrou que os ministros deveriam trabalhar tendo em vista uma ampla perspectiva de atuação. Ao plantar uma nova igreja, ele deveria ser exemplo de cristianismo, educar os membros em relação às questões espirituais e ao trabalho missionário, desenvolver planos em parceria com os crentes locais e manter uma linha de supervisão que atendesse às igrejas, sem que, com isso, as comunidades se tornassem dependentes dele. Quanto aos anciãos, Ellen G. White afirmou que deveriam pastorear o rebanho, zelando por ele de maneira amorosa, alimentando-o com o ensino da doutrina pura e visando à salvação de todos; também deveriam planejar o trabalho para os membros da igreja e educá-los em todas as frentes missionárias.

No último período, de 1901 a 1915, houve um processo de *reafirmação do conceito* do ministério do pastor e do ancião. Ellen G. White reiterou seus conselhos quanto ao papel do ministro no cumprimento da missão e inseriu o assunto na perspectiva do reavivamento e da reforma. Quanto ao ancionato, ela seguiu corroborando os conceitos desenvolvidos nos anos anteriores. Eles eram os pastores locais, representantes da igreja e responsáveis pelo desempenho da congregação no cumprimento da missão. Enquanto o ancião local liderava, supervisionava, pastoreava, nutria espiritualmente, treinava e administrava a congregação, os ministros tinham a liberdade de avançar em novas frentes de trabalho, plantando novas igrejas e expandindo a esfera de ação da Igreja Adventista.

Refletindo a respeito das implicações deste artigo para os nossos dias, talvez, a melhor forma de compreender o ministério do pastor e do ancião fosse retornar ao conceito que estava por detrás da nomenclatura “ancião itinerante” e “ancião local”, isto é, em vez de enxergar dois ministérios que trabalham paralelamente, reconhecer um ministério que trabalha em perspectivas diferentes, visando apenas um único objetivo: proclamar a terceira mensagem angélica e preparar um povo para se encontrar com Jesus Cristo.



Referências

BATES, J. Church order. **Review and Herald**, v. 6, n. 4, 29 ago. 1854.

BUTLER, G. I. Thoughts on church government. **Review and Herald**, v. 44, n. 11, 1 set. 1874.

BURRILL, R. C. **Recovering an adventist approach to the life and mission of the local church**. Fallbrook: Hart Research Center, 1998.

CANRIGHT, D. M. Planting and watering churches. **Review and Herald**, v. 58, n. 7, 9 ago. 1881.

COTTRELL, R. F. What are the duties of church officers? **Review and Herald**, v. 8, n. 22, 2 out. 1856.

DAMSTEEGT, P. G. Have adventists abandoned the biblical model of leadership for the local church? In: KORANTENG-PIPIM, S. **Here we stand: evaluating new trends in the church**. Adventist Affirm: Berrien Springs, 2005.

DEPARTMENT OF THE INTERIOR. **Statistics of the population of the United States at the tenth census (June, 1, 1880)**, Washington, 1882. Disponível em: < <http://1.usa.gov/1ToDCN0> >. Acesso em: 14 jul. 2014.

DOUGLASS, H. E. **Mensagem do Senhor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

FRISBIE, J. B. Church order. **Review and Herald**, v. 6, n. 20, 9 jan. 1855.

KNIGHT, G. **Em busca de identidade: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. **Uma igreja mundial: Breve história dos adventistas do sétimo dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

LINDSEY, A. G. Australia. In: FORTIN, D.; MOON, J. **The Ellen G. White encyclopedia**. Hagerstown: Review and Herald, 2013.

LITTLEJOHN, W. H. The church manual. **Review and Herald**, v. 60, n. 25, 26 jun. 1883.



_____. The church manual, **Review and Herald**, v. 60, n. 39, 25 set. 1883b.

LOUGHBOROUGH, J. H. **The church: its organization, order and discipline**. Mountain View: [s.n.], 1906.

ROLLAND, J. The acts of the Apostles. In: FORTIN, D; MOON, J. **The Ellen G. White encyclopedia**, Hagerstown: Review and Herald, 2013.

SCHWARZ, R.; GREENLEAF, F. **Portadores de luz: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

SMITH, A. R. Our Tour East. **Review and Herald**, Saratoga Springs, v. 2, n. 7, 25 nov. 1851.

SPALDING, A. W. **Origin and history of Seventh-day Adventists**. Washington: Review and Herald Publishing Association, 1961. v.1.

THE SEVENTH-DAY ADVENTIST YEAR BOOK – 1883. Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1883.

144

TIMM, A. R. **O Santuário e as três mensagens angélicas: fatores integrativos no desenvolvimento das doutrinas adventistas**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2002.

TRIM, D. J. B. **Ordination in seventh-day adventist history**. Disponível em: < <http://bit.ly/1tuSQHs> >. Acesso em: 15 jul. 2014.

WHITE, J. Go ye into all the world and preach the gospel. **Review and Herald**, v. 19, n. 20, 15 abr. 1862.

_____. Gospel order. **Review and Herald**, v. 4, n. 22, 6 dez. 1853a.

_____. Gospel order. **Review and Herald**, v. 4, n. 24, 20 dez. 1853b.

_____. The christian ministry. **Review and Herald**, v. 57, n. 15, 12 abr. 1881a.

WHITE, E. G. **A fé pela qual eu vivo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1959.

_____. Address and appeal, setting forth the importance of missionary work. **Review and Herald**, v. 52, n. 24, 12 dez. 1878.



- _____. An appeal to our ministers. **The General Conference Bulletin**, v. 4, n. 12, 16 abr. 1901.
- _____. **Atos dos apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.
- _____. **Conselhos sobre regime alimentar**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002a.
- _____. Co-operation with ministers. **Review and Herald**, v. 60, n. 30, 24 jul. 1883.
- _____. **Cristo triunfante**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- _____. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- _____. Every christian's work. **Review and Herald**, v. 70, n. 9, 28 fev. 1893.
- _____. **História da redenção**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1981.
- _____. Humility and faithfulness in laborers. **Review and Herald**, v. 61, n. 15, 8 abr. 1884.
- _____. **Maranata**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1977.
- _____. **Medicina e salvação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1991.
- _____. **Mensagens aos jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000a.
- _____. **Mensagens escolhidas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000b. v. 1.
- _____. **Minha consagração hoje**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1989.
- _____. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.
- _____. **O grande conflito**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- _____. **Obreiros evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1935.
- _____. Preach in regions beyond. **Review and Herald**, v. 79, n. 10, 11 mar. 1902c.
- _____. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.



- _____. **Serviço cristão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- _____. **Testemunho para ministros e obreiros evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002b.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996c. v. 4.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996a. v. 1.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996b. v. 3.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996d. v. 6.
- 146 _____ **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996e. v. 7.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996f. v. 8.
- _____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1996g. v. 9.
- _____. **Testemunhos seletos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985b. v. 2.
- _____. **Testemunhos seletos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1985a. v. 1.
- _____. The church must be quickened. **Review and Herald**, v. 70, n. 3, 17 jan. 1893.
- _____. The need of a revival and a reformation. **Review and Herald**, v. 79, n. 8, 25 fev. 1902b.
- _____. The work in greater New York. **Atlantic Union Gleaner**, v. 1, n. 2, 8 jan. 1902a.



_____. Work for the church. **Review and Herald**, v. 65, n. 20, 15 mai. 1888a.

_____. Ye are laborers together with god. **Review and Herald**, v. 67, n. 34, 2 set. 1890.

¿Esclavitud en el tiempo del fin?: Un análisis en los escritos de Elena G. de White y el Apocalipsis

CARLOS OLIVARES¹

El objetivo de este estudio es analizar aquellas declaraciones en los escritos de Elena G. de White en los que ella sugeriría la existencia de esclavos en el tiempo del fin. Se propone primero examinar estos pasajes en virtud del contexto histórico-profético en que estos aparecen, determinando su realidad escatológica. Luego, se busca establecer si es posible reafirmar aquella visión a la luz del testimonio simbólico del libro de Apocalipsis, en particular aquellos pasajes en que se mencionan esclavos.

Palabras claves: Esclavos; Elena G. de White; Escatología; Apocalipsis.

Objetivo deste estudo é analisar declarações contidas nos escritos de Ellen G. White nos quais ela sugere a existência de escravos no tempo do fim. Inicialmente, esses textos são examinados no contexto histórico-profético no qual aparecem, determinando sua realidade escatológica. Em seguida, busca-se estabelecer se é possível reafirmar essa visão à luz do testemunho simbólico do livro de Apocalipse, especialmente as passagens que mencionam escravos.

Palavras-chaves: Escravos; Ellen G. White; Escatologia; Apocalipse.

Según la Real Academia Española (RAE), el vocablo “esclavo” se refiere, en su primera acepción, a una persona que “carece de libertad por estar bajo el dominio de otra” (DICCIONARIO, 2004). En base a esta definición, se propone en este artículo examinar en los escritos de Elena G. de White la institución de la esclavitud, enfocándose en verla en términos escatológicos, es decir, como una institución presente en torno a los eventos que rodean la parusía. Si bien algunos

.....

¹ Profesor de Nuevo Testamento en la Universidad Adventista de Bolivia.



han comentado esto en el pasado (BRASON, 1970, p. 8-9; O'REGGIO, 2013, p. 1171; ROCK, 2000, p. 13; WHITE, 1963, p. 2), este artículo se propone comparar el testimonio de Elena G. de White sobre este asunto con el libro del Apocalipsis, intentando determinar si es posible ver énfasis análogos respecto al tema de la esclavitud en el fin del tiempo entre ambas fuentes.

Elena G. de White y la esclavitud escatológica

Los escritos de Elena G. de White mencionan más de una vez el término esclavo (*slave*) al describir escenas vinculadas al tiempo del fin (WHITE, 1884; WHITE, 1990). En este artículo sólo se examinarán cuatro obras en el que el vocablo es aludido. El análisis se dividirá en dos partes. La primera explora las primeras visiones, centrándose en tres obras: *A Word to the Little Flock* (1847), *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* (1851) y el tomo 1 de *Spiritual Gifts* (1858). La segunda parte, se enfoca en delinear aspectos similares en la primera edición de *The Great Controversy* (1888), en donde es ampliada la visión tenida en 1848. Sin bien este libro fue revisado en 1911, los textos que se estudian se mantuvieron sin cambio alguno (WHITE, 1991).

150

Las primeras visiones [1847-1858]

En las primeras visiones de Elena G. de White, el término 'esclavo' aparece vinculado mayormente con los eventos del tiempo del fin. Los siguientes ejemplos lo demuestran:

El esclavo piadoso e ignorante

La primera vez en que el término 'esclavo' aparece en los escritos de Elena G. de White, en conexión con los eventos del fin, es una visión publicada en 1847. En esta, Elena G. de White dice haber visto

al piadoso esclavo levantarse en triunfal victoria, y desligarse de las cadenas que lo ataban, mientras que su malvado dueño quedaba confuso sin saber qué hacer; porque los impíos no podían comprender las palabras que emitía la voz de Dios (WHITE, 1987, p. 34-35).

Esta declaración, que es parte de una carta escrita por Elena G. de White a José Bates, nos informa acerca de una visión que ella habría tenido en la que, entre otras cosas, se le muestran escenas describiendo momentos vinculados con la segunda de



venida de Jesús. El contexto de la cita es claramente escatológico, situando la presencia de esclavos en torno al tiempo de la parusía.²

La carta, en la que la declaración es mencionada, está fechada el 7 de abril de 1847, siendo publicada por Jaime White en un folleto titulado *A Word to the Little Flock* (WHITE, J., 1847, p. 20), y reeditada en 1851 en el libro *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* (WHITE, 1851, p. 18).³ Algunos años después, Elena G. de White repite *verbatim* las palabras relativas al esclavo piadoso de esta visión en el primero tomo de *Spiritual Gifts* (1858), en donde ella registra su visión del Gran Conflicto entre Cristo y Satanás (WHITE, 1858, p. 206). En este libro, el contexto escatológico es el mismo al visto en las menciones previas, titulado el capítulo donde se registra esta declaración, como “Deliverance of the Saints” [“La liberación de los santos”] (WHITE, 1858, p. 205).⁴ A diferencia de las dos obras anteriores, en *Spiritual Gifts* el término esclavo es usado además en dos capítulos precedentes, los que evocan no sólo un contexto escatológico similar al registrado en los libros aludidos sino también explican el destino y reacción de algunos esclavos cuando los eventos del fin se desarrollen.

La primera mención del término esclavo ocurre en el capítulo “The Sins of Babylon” [“Los pecados de Babilonia”], en donde se nos dice que el cielo contempla con indignación a aquellos que trafican con esclavos. Aunque se alude a Estados Unidos, como la nación sobre la cual la ira de Dios caerá a este respecto, lo cierto es que el contexto pareciera indicar un escenario global. Es al final de esta capítulo en donde Elena G. de White declara haber visto que el “dueño de un esclavo tendrá que responder por el alma de ese esclavo a quien mantuvo en la ignorancia”; añadiendo que “los pecados del esclavo serán castigados en

.....

² Inmediatamente antes de la declaración mencionada, se nos dice que los santos están siendo perseguidos, y al rogar por su liberación, Dios viene en su ayuda. Ocurren eventos sobrenaturales sobre la naturaleza, anunciando la venida de Jesús. Luego, inmediatamente después de la cita aludida, se nos dice que aparece una nube blanca, la cual resulta ser la nube que trae al hijo del hombre por segunda vez (WHITE, J., 1847, p. 19-20).

³ “Then commenced the jubilee, when the land should rest. I saw the pious slave rise in triumph and victory, and shake off the chains that bound him, while his wicked master was in confusion, and knew not what to do; for the wicked could not understand the words of the voice of God.”

⁴ El capítulo comienza diciendo: “It was at midnight that God chose to deliver his people. As the wicked were mocking around them, suddenly the sun appeared, shining in his strength, and the moon stood still. The wicked beheld the scene with amazement. Signs and wonders followed in quick succession. Everything seemed turned out of its natural course. The saints beheld the tokens of their deliverance with solemn joy.”

el amo” (WHITE, 1858, p. 193, traducción libre).⁵ Elena G. de White (1858, p. 193, traducción libre)⁶ explica que “Dios no puede llevar al cielo al esclavo que fue mantenido en la ignorancia y la degradación, sin saber nada de Dios ni de la Biblia [...] ocupando un puesto inferior al de los brutos,” por lo cual, permite, compasivamente, que la existencia del esclavo sea como si nunca hubiera sido. El amo, por su parte, “debe soportar las siete postreras plagas y luego levantarse en la resurrección para sufrir la muerte segunda” (WHITE, 1858, p. 193). No es la intención de este artículo profundizar en el significado específico de esta cita,⁷ sino simplemente subrayar que Elena G. de White estaría nuevamente indicando la existencia de esclavos antes que venga Jesús. La mención de las siete plagas es una muestra de aquello, las cuales, dentro del contexto general del libro, caen después que Jesús deje de interceder en el santuario celestial y antes de la venida de Jesús (WHITE, 1858, p. 198-200). Lo característico de esta cita, es que el esclavo ignorante, se pierde, y es tratado como si nunca hubiera existido.

La segunda vez que el término esclavo es mencionado en *Spiritual Gifts* es en el capítulo llamado “The Loud Cry” [“El fuerte clamor”], en donde se describe la invitación final de Dios al mundo, antes de la venida de Jesús (WHITE, 1858, p. 193-196). De acuerdo con Elena G. de White, el llamamiento final llega a oídos de los que ella describe como “pobres” o “infelices” esclavos, donde “los más piadosos de ellos prorrumpieron en cánticos de transportado gozo ante la perspectiva feliz de su liberación” (WHITE, 1858, p. 195, traducción libre).⁸ Elena G. de White parece sugerir que si bien todos los esclavos son infelices, no todos se llenan de alegría cuando oyen el mensaje. Esto ocurre, porque ella señala que son los “piadosos” los que se gozan al saber de la liberación escatológica (WHITE, 1858, p. 195). Pareciera que, tácitamente, el párrafo nos sugiere que la salvación escatológica la reciben los que responden al llamado y no los que de un modo implícito se les describe como indiferentes. Al mismo tiempo, el destino de sus amos también es revelado, quienes no pueden “contenerlos, porque el asombro y el temor los mantenían en

.....

⁵ “I saw that the slave-master would have to answer for the soul of his slave whom he has kept in ignorance; and all the sins of the slave will be visited upon the master” (el subrayado es nuestro).

⁶ “God cannot take the slave to heaven, who has been kept in ignorance and degradation, knowing nothing of God, or the Bible, fearing nothing but his master’s lash, and not holding so elevated a position as his master’s brute beasts. But he does the best thing for him that a compassionate God can do. He lets him be as though he had not been [...]” (el subrayado es nuestro).

⁷ Respecto a cómo se podría entender esta cita ver, en particular, Nichol (1951, p. 334 - 337).

⁸ “The last call is carried even to the poor slaves, and the pious among them, with humble expressions, pour forth their songs of extravagant joy at the prospect of their happy deliverance [...]”.



silencio” (WHITE, 1858, p. 196, traducción libre).⁹ Como en el caso de la cita del párrafo anterior, aquí también a los esclavos se les sitúa en el tiempo del fin.¹⁰ A diferencia de ésta, sin embargo, es que aquí existen esclavos piadosos que no sólo se alegran por las buenas nuevas de su liberación en ocasión de la venida de Jesús, sino además se infiere que serán salvos. El caso de los amos, por su parte, evoca el mismo sentido negativo de la declaración anterior. En esta oportunidad, sin embargo, no se especifica ningún tipo de castigo en contra de ellos.

En resumen, Elena G. de White, en sus visiones iniciales, alude a la existencia de esclavos en el tiempo del fin. Sus declaraciones parecen delinear a tres clases. Unos son ignorantes, y Dios los trata como si nunca hubieran existido. Otros son infelices, pero parecen no reaccionar al escuchar el mensaje final. Un último grupo, aunque infelices, se les llama también piadosos, sintiendo gozo por su liberación final. En vista de esto, es sólo el último grupo, el de los piadosos, el que es salvo.

The Great Controversy [1888]

En *The Great Controversy* (1888) existen varias declaraciones en las que Elena G. de White menciona el término ‘esclavo(s)’ (WHITE, 1888, p. 23, 35, 40, 62, 132, 175, 278, 281, 284, 361, 474, 575). Sin embargo, sólo en una de ellas el vocablo se vincula con los eventos del tiempo del fin.

Tratados como esclavos

Elena G. de White, en *The Great Controversy*, describe tres consecuencias que los fieles que se nieguen a honrar el domingo enfrentarán.¹¹ Estas son: 1) echados en la cárcel; 2) desterrados y, la última, 3) serán tratados aún como esclavos (WHITE, 1991, p. 608).¹² Pertinente a lo que este artículo explora, el último punto nos dice que a los fieles adoradores de Dios se les tratará como esclavos. Alguien podría argüir que la expresión “como esclavos” podría simplemente funcionar como una ilustración idiomática, en la que Elena G. de White indicaría que el trato a los fieles hijos de Dios sería abusivo. La versión al francés de *The Great Controversy* pareciera sugerir eso, al rendir dinámicamente

.....

⁹ “[...] their masters cannot check them; for a fear and astonishment keep them silent.”

¹⁰ Aunque algunos parecieran opinar lo contrario. Ver O’Reggio (2013, p. 1171), “Slavery.” Con todo, se debe notar que O’Reggio también deja entrever la opinión defendida en este artículo, esto es, que el pasaje aludido nos sugiere la existencia de esclavos en el tiempo del fin.

¹¹ Esta cita aparece por primera vez en 1884 (ver WHITE, 1884, p. 426).

¹² “As the defenders of truth refuse to honor the Sunday-sabbath, some of them will be thrust into prison, some will be exiled, some will be treated as slaves”.

la frase en el sentido de que estos serían “abusados” o “tratados mal” (“*et aux mauvais traitements*” [WHITE, 1926a, p. 660]). No obstante, no se puede decir lo mismo de otras lenguas en que este libro ha sido traducido, como las versiones al alemán, portugués e italiano, en donde los traductores rinden, literalmente, la frase tal como está en inglés, es decir, como una referencia de personas que serían “tratadas como esclavos.”¹³

Respecto a esto, es interesante notar que diversos autores adventistas angloparlantes entienden la frase de Elena G. de White, “tratados como esclavos,” en su sentido natural e interpretándola como una alusión al sometimiento forzado de personas en el campo de la esclavitud (WHITE, 1963, p. 2). Con todo, y en esto hay que ser cautos, se debe reconocer que Elena G. de White no dice que estos serían “convertidos” en esclavos, sino que serían “tratados” como tales. Claramente esta distinción es más semántica que moral, por lo cual no se debe perder de vista que los dos comportamientos son igualmente reprobables. Después de todo, al fin y al cabo el énfasis estaría en que a hombres y mujeres se les dispensaría un trato similar al que los esclavos recibirían si estos estuvieran en una posición de desventaja y carentes de libertad. En otras palabras, el acento está en el sometimiento al que estos van a ser subyugados, el cual equivale al de la servidumbre humana. Esto último, en mi opinión, se puede confirmar cuando se presta atención al contexto global del libro, en donde Elena G. de White, en un escenario literario análogo, sugiere algo semejante.

No obstante, antes de analizar ese vínculo temático, es importante destacar el contexto histórico-profético en el que la frase “tratados como esclavos” es mencionada. El capítulo en el que esta cita aparece se titula “The Final Warning” [“La advertencia final”],¹⁴ el cual es similar, en términos del mensaje, al capítulo

.....

¹³ Alemán: “Da sich die Verteidiger der Wahrheit weigern, den Sonntag als Sabbat zu ehren, werden manche von ihnen ins Gefängnis geworfen, andere verbannt und *etliche wie Sklaven behandelt werden.*” (WHITE, 1994a, p. 608, el subrayado es nuestro); Portugués: “Como os defensores da verdade se recusem a honrar o descanso dominical, alguns deles serão lançados na prisão, exilados, e *outros tratados como escravos*” (WHITE, 1994b, p. 608, el subrayado es nuestro). Italiano: “Quando i difensori della verità rifiuteranno di onorare la domenica come giorno di riposo, alcuni saranno carcerati, altri mandati in esilio e *alcuni addirittura trattati come schiavi*” (WHITE, 1926b, p. 475, el subrayado es nuestro).

¹⁴ En la versión al español de *El Gran Conflicto* se ha traducido este capítulo como “El mensaje final de Dios” (WHITE, 1993, p. 661).



“The Loud Cry” [“El fuerte clamor”] del tomo 1 de *Spiritual Gifts*,¹⁵ evocando un escenario escatológico previo al de la segunda venida. A diferencia de este último libro, sin embargo, el esclavo ignorante no es nombrado; sino que el énfasis está sobre los hombres y mujeres libres, los que conscientes de la verdad y fieles a ella,¹⁶ son tratados(as) como esclavos antes del tiempo del fin. Desde este punto de vista, Elena G. de White en *The Great Controversy*, indicaría que antes que regrese Jesús, un nuevo tipo de esclavitud existiría en el mundo, el cual se dirigiría en contra de aquellos que son fieles al sábado, siendo tratados en términos similares al de esclavos.

Esta idea puede ser establecida con fuerza cuando se considera lo que Elena G. de White dice un poco más adelante en *The Great Controversy*. En el capítulo titulado “The Time of Trouble” [“El tiempo de angustia”], se nos dice: “muchos seres humanos de todas las naciones y de todas clases, grandes y pequeños ricos y pobres, negros y blancos, serán arrojados en la más injusta y cruel servidumbre” (WHITE, 1911, p. 684, traducción libre).¹⁷ El contexto de esta declaración es claramente escatológico, la cual comienza informándonos que

Cuando el decreto promulgado por los diversos príncipes
y dignatarios de la cristiandad contra los que observan los
mandamientos, suspenda la protección y las garantías del

.....

¹⁵ Si se comparan porciones de ambos libros, es posible ver un mensaje y objetivo similar. Comparar, por ejemplo, la siguiente cita: “The message of the fall of Babylon, as given by the second angel, is again given, with the addition of the corruptions which have been entering the churches since 1844.” White (1858, p. 194) con “This scripture points forward to a time when the announcement of the fall of Babylon, as made by the second angel (Rev 14:8) of Revelation 14, is to be repeated, with the additional mention of the corruptions which have been entering the various organizations that constitute Babylon, since that message was first given, in the summer of 1844” (WHITE, 1911, p. 603). Igualmente, comparar el siguiente párrafo “Mighty miracles are wrought, the sick are healed, and signs and wonders follow the believers... Servants of God, endowed with power from on high, with their faces lighted up, and shining with holy consecration, went forth fulfilling their work, and proclaiming the message from heaven.” (WHITE, 1858, p. 1996) con “Servants of God, with their faces lighted up and shining with holy consecration, will hasten from place to place to proclaim the message from Heaven. By thousands of voices, all over the earth, the warning will be given. Miracles will be wrought, the sick will be healed, and signs and wonders will follow the believers” (WHITE, 1911, p. 612).

¹⁶ “As the defenders of truth refuse to honor the Sunday-sabbath... some will be treated as slaves” (WHITE, 1911, p. 608).

¹⁷ “many of all nations, and all classes, high and low, rich and poor, black and white, will be cast into the most *unjust and cruel bondage*” (el subrayado es nuestro).



gobierno y los abandone a los que tratan de aniquilarlos, el pueblo de Dios huirá de las ciudades y de los pueblos y se unirá en grupos para vivir en los lugares más desiertos y solitarios (WHITE, 1911, p. 683- 684, traducción libre).¹⁸

Aún así, muchos de ellos no escapan sino que, como se vio, “serán arrojados en la más injusta y cruel servidumbre.” El término “servidumbre” es la traducción del sustantivo inglés “*bondage*,” el cual, alrededor del año 1830, tenía como una de sus acepciones al vocablo esclavitud.¹⁹ De hecho esa es la manera en que Elena G. de White usa el término en *The Great Controversy*. Excluyendo la alusión de la cita en estudio, el vocablo “*bondage*” se menciona 17 veces en este libro, de las cuales 15 se refieren a un tipo de esclavitud espiritual (WHITE, 1911, p. 23, 70, 119, 213, 261, 281, 466, 502, 504, 515, 522, 534, 538, 638), mientras que dos a la esclavitud de Israel cuando estaba en Egipto.²⁰ En virtud de esto, es más que seguro vincular esta “injusta y cruel servidumbre” con lo mencionado en la cita previa, en donde a los fieles adoradores de Dios se les tratará “como esclavos, “estableciendo que en ambos casos el significado se vincula con la esclavitud a la que serán sometidos.

156

No se debe perder de vista que ambas citas vinculan esta esclavitud con la verdadera adoración a Dios. Por un lado, los que son tratados como esclavos son los que se niegan a honrar el domingo como día de reposo, mientras que los que son arrojados en la más injusta y cruel servidumbre, son aquellos que guardan los mandamientos de Dios. Desde este punto de vista, la esclavitud a la que Elena G. de White se referiría en *The Great Controversy* sería producto de la lealtad hacia el día sábado.

Algo nuevo, sin embargo, que nos indica Elena G. de White en esta última cita, es que los seres humanos que serían “arrojados a la más injusta y cruel servidumbre,” provendrían de todas las naciones y serían de todas las clases.²¹ De acuerdo a esto, se infiere que la esclavitud no estaría limitada a una clase de etnia o grupo social específico, sino que abarcará a todos, dándole un sentido mundial y ausente de barreras comunitarias y

.....

¹⁸ “As the decree issued by the various rulers of Christendom against commandment-keepers shall withdraw the protection of government, and abandon them to those who desire their destruction, the people of God will flee from the cities and villages, and associate together in companies, dwelling in the most desolate and solitary places.”

¹⁹ Consulte “*bondage*” en el *Oxford English Dictionary* (1989).

²⁰ “As Christ was the invisible leader of his people from *Egyptian bondage* [...]” (WHITE, 1911, p. 272, el subrayado es nuestro) y “When the chosen people were in *bondage in Egypt* [...]” (WHITE, 1911, p. 453, el subrayado es nuestro).

²¹ “many of all nations, and all classes [...]” (WHITE, 1911, p. 626).



económicas. Esto es enfatizado inmediatamente, al decirnos que nadie se libraría de esta esclavitud, esto es, ni los grandes y los pequeños, ni los ricos y los pobres.²² Con todo, el último grupo humano es el más llamativo. Aquí, Elena G. de White refiere como receptores de esta cruel servidumbre tanto a los negros como a los blancos.²³ Según esto, entonces, no existe acepción de razas en este nuevo tipo de esclavitud. Esto, porque la razón de la esclavitud aquí no se vincularía con el color de la piel, sino, como se dijo, con la lealtad de los adoradores de Dios con los mandamientos, en particular con el sábado (ver BAKER, 1984, p. 38-39). En otras palabras, la esclavitud aquí mencionada no se relacionaría con aquella existente en el tiempo de Elena G. de White, sino a una diferente, que eludiría todas las barreras sociales y raciales existentes (ver O'REGGIO, 2013, p. 1171).

En resumen, Elena G. de White, en *The Great Controversy*, alude a la existencia de esclavos en el tiempo del fin. A diferencia de sus primeras visiones, aquí ella alude a la razón de la esclavitud, la cual es dada en términos de adoración. El tipo de esclavitud referido aquí no se vincula con razas ni cuestiones socio-económicas, y soslaya incluso el color de la piel. El punto es que todos, esto es de todas las naciones, que sean fieles a Dios serán sometidos a una injusta y cruel esclavitud, no importando el trasfondo desde el cual esa persona provenga.

Entendimiento Adventista de la esclavitud escatológica en Elena G. de White: Énfasis y falencias

Un breve análisis de lo expuesto hasta ahora revela aspectos que sería importante examinar en mayor profundidad. En particular, establecer la necesidad de realizar un diálogo con el libro del Apocalipsis. Antes de realizar aquello, es trascendental sistematizar el pensamiento de Elena G. de White que surge en base al tópico en estudio, para luego observar los énfasis y falencias que estudios adventistas han desarrollado sobre este desde una perspectiva bíblica. En virtud de esto, se prepara al lector para la última sección, en la que se propone establecer temas similares y ausentes en los escritos de Elena G. de White y el Apocalipsis.

Sistematización de la esclavitud escatológica en los escritos de Elena G. de White

Según lo visto hasta ahora, una revisión de los escritos de Elena G. de White nos sugiere al menos tres cosas en relación al tema de la esclavitud en el tiempo del fin.

.....

²² “high and low, rich and poor [...]” (WHITE, 1911, p. 626).

²³ “black and white” (WHITE, 1911, p. 626).



Primero, sus visiones nos indican que existirá algún tipo de esclavitud en el tiempo del fin (WHITE, 1858, p. 193, 195, 206; WHITE, 1911, p. 608, 684).

Segundo, sus primeras visiones parecieran sugerir que existirán dos tipos de esclavos. Un grupo ignora la existencia de Dios o se comporta de manera indiferente, y no se alegran al oír las buenas nuevas finales. Otro grupo, los piadosos, son aquellos que no pueden ser contenidos por sus amos cuando expresan su alegría por su pronta liberación escatológica. En otras palabras, unos se pierden; los otros se salvan (WHITE, 1858, p. 193, 195, 206).

Tercero, en *The Great Controversy*, Elena G. de White señala que la razón por la cual algunos serán esclavizados o tratados como tales es a causa de su fidelidad al sábado. Aquí no existen límites ni barreras para establecer la esclavitud, pues esta no sólo tendría un alcance mundial sino además incluiría gente de todas las clases sociales y razas, incluyendo blancos y negros (WHITE, 1911, p. 608, 684).

Opiniones adventistas: Énfasis y falencias

La opinión adventista sobre el tema de la esclavitud escatológica en los escritos de Elena G. de White ha tomado dos derroteros.²⁴ Un libro que resume muy bien esta explicación dual es la quinta edición de *Early Writings* (WHITE, 1963). En 1882 se condensaron en un sólo libro tres obras de Elena G. de White que habían dejado de ser publicadas: *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G. White* (1851), un suplemento (*Supplement to the Christian Experience and Views of Ellen G. White* [1854]), y el tomo 1 de *Spiritual Gifts* (1858). A esta obra se le llamó *Early Writings* (WHITE, 1882), la que en 1963 fue reimpressa y se le añadió un Apéndice, en donde se “explican situaciones y expresiones” que buscan ayudar al lector a entender mejor aquellos párrafos difíciles de comprender (WHITE, 1987, p. 6).

En el último punto del Apéndice (WHITE, 1963, p. 304), se intenta esclarecer la declaración en la que se menciona al esclavo ignorante y su amo (WHITE, 1963, p. 276). Sin embargo, la explicación, no se centra en discernir el significado de la destrucción del esclavo ignorante, sino que se enfoca en subrayar y afirmar que según Elena G. de White habrá esclavitud al momento de la venida de Jesús. Para confirmar este hecho desde un punto de vista bíblico, el autor o autores del Apéndice citan Apocalipsis 6:15, 16 (NVI), en donde se nos indica que “[l]os reyes de la tierra, los magnates, los jefes militares, los ricos, los poderosos, y todos los demás, *esclavos y libres*, se escondieron en las cuevas y entre las peñas de las montañas”, para no contemplar al que estaba sentado en el trono. Al usar este texto, lo que se quiere es consolidar bíblicamente que la esclavitud será un hecho real en el fin del tiempo.

.....

²⁴ Al menos dentro del contexto de los documentos referentes al pensamiento o escritos de Elena G. de White publicados en inglés y español.



En general, el patrón mencionado en el párrafo anterior se repite en otros documentos adventistas. Por un lado, se confirma que Elena G. de White indica que existirá esclavitud en el tiempo del fin.²⁵ Mientras que por el otro, para corroborar esto, se cita siempre y únicamente, al menos dentro de la literatura revisada, el texto de Apocalipsis 6:15, 16, el cual fue mencionado en la oración previa.²⁶

A diferencia de estas dos opiniones, un grupo minoritario, hace mención de la esclavitud especial vinculada con la fidelidad a Dios, aunque sin vincular esta idea con algún pasaje del Apocalipsis (BAKER, 1984, p. 38-39). Lo mismo es posible decir respecto a la existencia de esclavos ignorantes y piadosos, en donde se describe la situación pero sin establecer un apoyo bíblico en el tema (DOUGLASS, 1998, p. 489-490).

En resumen, la opinión adventista se ha enfocado mayormente en enfatizar sólo la existencia de la esclavitud en el fin del tiempo, y, en ciertos casos, relacionarla con la lealtad de los verdaderos adoradores. Para corroborar el primero punto, se ha usado mayormente un pasaje del Apocalipsis (6:15), omitiendo otros que podrían ayudar a comprender otros enfoques que se perciben en los Escritos de Elena G. de White. En el caso del segundo caso, el de la esclavitud por causa de la fidelidad, se soslaya una explicación bíblica. Del mismo modo, se ha ignorado ver en el testimonio bíblico apocalíptico la existencia de esclavos impíos y piadosos.

En vista de esto, este artículo propone sugerir una visión bíblica de lo que Elena G. de White sugiere en sus visiones, lo cual se llevará a cabo en la próxima sección.

El Apocalipsis y la esclavitud escatológica

Esta sección se enfoca en determinar si el testimonio de Elena G. de White es repetido en el libro del Apocalipsis. Antes de hacer aquello, no obstante, primero se intenta determinar si el término esclavo debe ser visto como una entidad simbólica o literal en la interpretación del libro.

Exégesis y simbolismo: ¿Esclavitud simbólica o literal?

Una de las características más evidentes de la literatura apocalíptica, es su uso del simbolismo. En términos generales, un pasaje bíblico no apocalíptico se debe entender literalmente a no ser que existen evidencias en el lenguaje

.....

²⁵ Ver Baker, (1984, p. 38-39), O'Reggio (2013, p. 1171), Nichol (1951, p. 338-339), Arthur L. White (*carta a Dear Brother*, 1944).

²⁶ Ver Arthur L. White (*carta a Richard J. Barnett*, 1960), D. Robinson (*carta a Dear Brother*, 1936), Nichol (1951, p. 338-339), Douglass (1998, p. 489-490).

que sugieran lo contrario (STRAND, 2016, p. 7-41). En el caso de la literatura apocalíptica, en cambio, esta lógica funciona de una manera inversa, pues se debe primero resolver si una expresión o vocablo localizado en un contexto simbólico podría ser entendido literalmente.

Considerando, como se vio en la sección anterior, que algunos suponen que cuando el Apocalipsis menciona a esclavos en ocasión de la segunda venida de Jesús estos evocan una realidad histórica y literal, sería importante primero examinar si es posible establecer esta conexión. El término griego para esclavo usado en el Apocalipsis es δούλος, el cual varía de significado dependiendo del contexto. Para precisar su significado en el libro, y al mismo tiempo, sugerir si este estaría describiendo una realidad histórica o una imagen figurativa, se proponen dos cosas. Primero, se sugiere determinar el significado que el vocablo evoca dentro del contexto del Apocalipsis. Segundo, se recomienda analizar las alusiones del Antiguo Testamento presentes en los pasajes en el que el término esclavo es usado (ver PAULIEN, 2016, p. 81-115).

El vocablo δούλος dentro del contexto del Apocalipsis

En el Nuevo Testamento el término Griego δούλος se puede entender de dos formas (ver BAUER; DANKER, 2000, p. 259-260). Por un lado, se usa para describir a personas que se han sometido a Dios y por lo cual están a su servicio;²⁷ en tanto que en otros casos, retrata la condición social de una persona, subrayando el hecho de que esta es propiedad de otra, esto es, un esclavo(a).²⁸ Como en los dos ejemplos anteriores, en el Apocalipsis es posible también ver ambos énfasis. De las catorce veces que el término δούλος es mencionado en este libro, once se deberían entender en virtud del servicio que una persona le rinde a Dios (Ap 1:1; 2:20; 7:3; 10:7; 11:18; 15:3; 19:2, 5; 22:3, 6).²⁹

En tres oportunidades, el término se entiende en su segunda acepción (Ap 6:15; 13:16; 19:18). Esto significa que en estos casos δούλος se referiría a personas

.....

²⁷ Pablo, por ejemplo, repetidamente se describe a sí mismo como siervo de Dios (Tit 1:1) y Cristo (Rom 1:1; Gál 1:10; Flm 1:1), lo cual haría evidente su obediencia y relación de servicio con la divinidad (2Pe 1:1; Jd 1:1).

²⁸ Pablo hace alusión a esta condición en algunas de sus epístolas, al animar, por ejemplo, a los δούλοι cristianos a servir de corazón a sus amos (Ef 6:5; Col 4:1; Tt 2:9).

²⁹ Moisés y Juan, por ejemplo, son llamados δούλος en el Apocalipsis (Ap 1:1; 15:3). Y si bien estos dos nunca fueron esclavos, se les llama así con el propósito de vincular su vida con el servicio prestado a Dios.



carentes de libertad y vistas como propiedad de otro. La forma de determinar esto se debe a que en estas tres ocasiones δούλος es usado en oposición a ελευθερος, esto es, libre (Ap 6:15; 13:16; 19:18). Con el propósito de evaluar esta relación antónima en su contexto, se examinan los tres pasajes separadamente, prestando también atención a sus vínculos veterotestamentarios.

Apocalipsis 6:15: Contexto y ecos del libro de Isaías

Apocalipsis 6:15 es parte del sexto sello (Ap 6:12-17) en donde se describen portentos sobrenaturales, como el oscurecimiento del sol y la remoción de montes e islas de sus lugares (Ap 6:12-14). Es en este contexto que, siguiendo la traducción de la Nueva Versión Internacional, los “reyes de la tierra, los magnates, los jefes militares, los ricos, los poderosos, y todos los demás, esclavos y libres [δούλος και ελεύθερος], se escondieron en las cuevas”, los cuales claman, según nos dice el pasaje, que las peñas caigan sobre ellos a fin de evitar ver el rostro del que estaba sentado sobre el trono y la ira del cordero (Ap 6:15-16).

Como se ve, el término δούλος aparece acompañado del vocablo ελεύθερος (libre), lo cual nos sugeriría que δούλος se debe entender como un antónimo de aquellos que son libres. En el contexto del pasaje (Ap 6:15), es posible ver grupos sociales humanos. Estos podrían organizarse, exceptuando a los reyes de la tierra, en pares. Cada uno de estos grupos comparte un patrón común social, que pareciera ser presentado en un orden decreciente.

Los primeros en ser nombrados son los reyes de la tierra (βασιλείς τῆς γῆς), los que, socialmente hablando, son el grupo social de mayor rango en el mundo simbólico del Apocalipsis.³⁰ Este grupo es el que está en el primer escalafón, y es desde ahí que los demás estamentos se originan, los cuales se organizan en pares. A estos le

.....

³⁰ Los únicos que estarían sobre los reyes de la tierra serían Jesús, a quien se le describe “como el soberano de los reyes de la tierra” (Ap 1:5; 15:3; 17:14), y Babilonia, de quien se nos dice reina sobre ellos (17:18). La conexión con Babilonia no se debería perder de vista. Son los reyes de la tierra los que han fornicado con ella (17:2; 18:3, 9), y sólo son estos los que, junto a la bestia, luchan con sus ejércitos contra aquel que monta el caballo blanco (19:1, 19; cf. 16:14; 17:9-14). Todo esto indicaría que su posición social es mayormente política y militar, y por ende ocuparían el primer lugar dentro del colectivo social del mundo del Apocalipsis.

siguen aquellos conectados política y militarmente con ellos, esto es, los *μεγιστᾶνες*³¹ y *χιλίαρχος*,³² vocablos cuyo significado apuntaría a personas nobles y comandantes militares respectivamente.³³ Después de estos, se menciona a los ricos (*πλούσιος*) y a los poderosos (*ισχυρός*), grupos que nuevamente sugieren poder económico, físico y militar.³⁴ Finalmente, se mencionan dos términos *δοῦλος* y *ἐλεύθερος* (esclavo y libre), quienes conforman probablemente el último estamento social. ³⁵ Este último par, es el pueblo en general, el que estaría formado por libres y esclavos. Estos son

.....

³¹ El vocablo *μεγιστᾶν* sugeriría a un grupo de personas nobles y muy ricas. En el Apocalipsis son sólo mencionados aquí, en Apocalipsis 6:15, y en 18:23, en donde se nos dice que los mercaderes eran los *μεγιστᾶνες* de la tierra. En este último texto los *μεγιστᾶνες* son ubicados después de mencionar los reyes de la tierra (18:23), lo cual pareciera insinuar que su rango social gira alrededor de la corte del rey. Esto parecería ser sugerido por la literatura contemporánea al primer siglo, en donde el término describe a personas nobles, ricas y políticamente conectadas con el poder ejercido por el rey o alguna autoridad máxima. Ver, por ejemplo, LXX: 2 Cor 36:18; 1 Esd 1:36; 3:1, 9, 14; 4:33; 8:26, 55, 67; Jdt 2:2; 5:22; 1 Mc 9:37; Prov 8:16; Ecl 4:7; 8:8; 10:24; 11:1; 20:27–28; 23:14; 28:14; 32:9; 33:19; 38:3; 39:4; Sol 2:32; Jon 3:7; Nah 2:6; 3:10; Zac 11:2; Is 34:12; Jer 14:3; 24:8; 25:18; 27:35; 32:19; 41:10; Ez 30:13; Dn 1:3; 5:0, 23; 6:18; Josefo: *A.J.* 11.3.2; 20.2.2; 20.3.3; 20.4.1, 2; *Vita* 23, 31; Pseudoepigráficos del Antiguo Testamento: *Jos. Asen.* 1:4, 9; 7:3; 20:6; *Pss. Sol.* 2:32.

³² El sustantivo *χιλίαρχος*, un término que describiría el rango militar de comandante, esto es, un individuo a cargo de al menos 600 hombres (ver BAUER; DANKER, 2000, p. 1084). En el Nuevo Testamento este vocablo se vincula con aquellos que están a cargo de las tropas estacionadas en Israel, y por lo cual su nivel social sería distinto a la de cualquier soldado o centurión (Mc 6:21; Jn 18:12; Hch 21:31–33, 37; 22:24, 26–29; 23:10, 15, 17–19, 22; 24:22; 25:23). De un modo interesante, el Evangelio de Marcos ubica a los *χιλίαρχος* junto a los *μεγιστᾶνες*, al informarnos que para el cumpleaños de Herodes, este ofreció un banquete en el que estos dos grupos de individuos estaban invitados, incluyendo, según el relato, a los principales o más importantes de Galilea (Mc 6:21). Esta vinculación, con el Herodes el Tetrarca, indicaría claramente el estatus social alto que los *χιλίαρχος* y los *μεγιστᾶνες* habrían ostentando alrededor del siglo I d. C.

³³ Algunas versiones de la Biblia, siguiendo el *Textus Receptus*, ubican a los *χιλίαρχος* después (ver *Reina Valera*, 1960). Sin embargo, el orden presentado aquí sigue al texto Griego de NA28.

³⁴ En el Nuevo Testamento, el término *πλούσιος* (rico) describe a personas socialmente distintas, influyentes y poderosas (Ver Mt 19:23–24; 27:57; Mc 10:25; 12:41; Lc 6:24; 12:16; 14:12; 16:1, 19, 21–22; 18:23, 25; 19:2; 21:1; 1 Tim 6:17; San 1:10–11; 2:6; 5:1. Cf. Ap 13:15). Lo mismo se puede decir del término *ισχυρός*, el cual se usa en ciertos contextos para describir fuerza física (Mt 3:11; 12:29; 14:30; Mc 1:7; 3:27; Lc 3:16; 11:21–22; 1 Cor 1:25, 27; 4:10; 10:22), e incluso, fuerza o poder en contextos militares (Lc 11:22; Heb 11:34). En el Apocalipsis se ve un sentido parecido (Ap 5:2; 10:1; 18:2, 8, 10, 21; 19:18).

³⁵ En el Nuevo Testamento, el vocablo *ἐλεύθερος* designa a aquellos que son libres en términos sociales, (ver Jn 8:33; 1 Cor 7:21–22; 9:19; 12:13; Gal 3:28; 4:22–23, 30–31; Efe 6:8; Col 3:11).



introducidos por el adjetivo “todo” (πᾶς), el cual funcionaría como una herramienta semántica para dividir el grupo de los poderosos con la sociedad. Es decir, los que temen al que está sentado en el trono no son sólo los ricos y poderosos; sino toda la sociedad, estos es, tanto los que son esclavos y libres.

En el Antiguo Testamento, una imagen similar aparece en el capítulo 2 de Isaías. Aquí el día de Jehová vendrá sobre todos aquellos que son soberbios y altivos, los que se han humillado no delante de Dios sino delante de ídolos (Is 2:6-22). En el día en que Dios se levante para castigar la tierra, estos se meterán en las cuevas, para ocultarse de su presencia (Ap 2:19, 21; 2:10). Estos altivos y soberbios, según nos informa Isaías, son hombres económica y militarmente poderosos, no sólo porque “sus tesoros no tienen fin” sino además porque “su tierra está llena de caballos y sus carros son innumerables” (Ap 2:7; 16). Estas imágenes, que se vinculan temáticamente con los ricos y poderosos del sexto sello, se dirigen en contra de Israel (Ap 2:6), los cuales son representados por los altivos y soberbios (Ap 2:11, 12, 17).³⁶ Nótese que los términos “altivos y soberbios” se les utiliza para representar a la sociedad como un todo, cuando se nos dice que la “altivez de la mirada *del hombre* será abatida” y “la soberbia *humana* será humillada” (Ap 2:11; 2:17, el subrayado es nuestro). Así, Israel sería la figura que representaría el todo de la sociedad, la cual es organizada en un sólo par, altivos y soberbios.

Estos dos rasgos humanos, altivez y soberbia, si bien son usados para representar simbólicamente Israel, no son un símbolo en sí, pues son una descripción humana, la cual se ha enfocado en un aspecto negativo de la misma. Si bien el lenguaje que rodea la imagen de Isaías está cargada de figuras simbólicas, la altivez y soberbia son descripciones reales de una sociedad en problemas. Del mismo modo, y asumiendo un vínculo temático con este pasaje de Isaías, en Apocalipsis 6:15 los niveles sociales descritos son asimismo dados simbólicamente, pero cada uno de ellos describe una realidad social y humana. Así, los ricos y poderosos son contrastados con todos los demás, esto es, los esclavos y libres (CHARLIER, 1993, p. 168), y todos estos, en conjunto, temen y se esconden de la ira del Cordero (Ap 6:16). En este sentido, δοῦλος operaría en este pasaje como una descripción social, lo cual se podría entender en términos literales y no necesariamente simbólicos.

Apocalipsis 13:16: Contexto y ecos del libro de Daniel

Apocalipsis 13:16 aparece en el contexto del surgimiento de la bestia que sube de la tierra. Esta engaña a los moradores de la tierra para hacer una imagen de la primer bestia, la cual matará a todo el que no la adorara (Ap 13:14-15). Es esta bestia, la que

.....

³⁶ El sexto sello, como un todo, alude a otras imágenes veterotestamentarias, las cuales, sin embargo, se dan en términos mucho más universales. Ver, por ejemplo, Isaías 13:10; 34:4; Joel 2:10, 31; 3:15; Oseas 10:8 (ver WIKENHAUSER, 1981, p. 109; PRIGENT, 1993, p. 138).

sube de la tierra, la que hace que todos, “grandes y pequeños, ricos y pobres, libres y esclavos, se les pusiera una marca en la mano derecha o en la frente,” para que ninguno pudiera comprar o vender a no ser que tuviera la marca (Ap 13:16-17). Como en el caso anterior, aquí nuevamente se presentan diferentes estamentos sociales en pares. A diferencia de este, sin embargo, en Apocalipsis 13:16 los pares sociales son presentados en contraste. Estos son tres: pequeños/grandes, ricos/pobres y libres/esclavos.

En el primer par, pequeños/grandes, se observa inferioridad y superioridad humana y social.³⁷ En el Nuevo Testamento, incluyendo el Apocalipsis, se usa este par de pequeños/grandes para establecer totalidad humana (Hch 8:10; 26:22; Ap 11:18; 19:5, 18; 20:12). Como en Apocalipsis 19:5, en donde se llama a todos los siervos de Dios, pequeños y grandes, a alabarlo. En este sentido, Apocalipsis estaría describiendo, en contraste, la sociedad humana.

En el segundo par, ricos/pobres, se evidencia un contraste entre la clase económica dominante y el grupo dominado. Esto porque la relación entre riqueza y pobreza es totalmente antónima en el Nuevo Testamento,³⁸ lo cual se ve en el mensaje de la Iglesia de Laodicea, por ejemplo, quien se cree ser rica, aún cuando verdaderamente es miserable y pobre (Ap 3:17). Visto así, Apocalipsis estaría confrontando dos realidades económicas que la sociedad humana posee, esto es, ricos y pobres.

En el tercer y último par, se tiene a los libres y esclavos. Aquí, como en el caso de Apocalipsis 6:15, se contrasta la realidad social en términos de libertad y opresión. En vista de esto, siguiendo el patrón mencionado de pares, que estarían describiendo la sociedad humana en condiciones vinculadas al poder y economía, es posible sugerir que el vocablo esclavo sea usado aquí en un sentido similar, retratando rasgos sociales humanos, los cuales incluirían la esclavitud. Esto es posible de sostener cuando se presta atención al adjetivo plural “todos” (πάντας), el cual introduce cada uno de estos grupos/pares, sirviendo como unificador de “todos” estos niveles sociales mencionados.

.....

³⁷ En el Nuevo Testamento, el adjetivo μικρός (pequeño), cuando aplicado a personas, se refiere a hombres y mujeres de rango social inferior o insignificante (ver Mt 10:42; 11:11; 18:6, 10, 14; Mc 9:42; Lc 7:28; 9:48; 17:2). Por otro lado, el adjetivo μέγας, también cuando es aplicado a seres humanos, describe a personas en posición de poder o grandeza (ver Mt 5:19; 18:1, 4; 20:25, 26; 23:11; Mc 9:34; 10:42, 43; Lc 1:15, 32; 9:46; 22:24, 26; Hch 5:36; BAUER; DANKER, 2000, p. 624, 651).

³⁸ En el Nuevo Testamento, se describe a los pobres (πτωχός) en desventaja social, en relación con los ricos, siendo el objetivo de la predicación y atención de Jesús y los apóstoles (Mt 11:5; Ro 15:26; Gál 2:10; San 2:5-6). La LXX, entre otras obras, también usa ambos términos (πτωχός y πλούσιος) en función de este contraste social (LXX: Rut 3:10; Est 1:20; Prov 14:20; 19:22; 22:2, 7; 28:6; Sir 10:22, 30; 13:3, 19-20, 23; 25:2; 26:4; 30:14).



En el Antiguo Testamento, una idea semejante aparece en Daniel 3, en donde se levanta una imagen para ser adorada so pena de muerte (Dn 3:1-6).³⁹ Los invitados para la inauguración de la imagen son los oficiales del reino, esto es, los “sátrapas, prefectos y gobernadores, los consejeros, tesoreros, jueces, magistrados y todos los gobernantes de las provincias” (Dn 3:2), quienes debían arrodillarse y adorarla (Dn 3:4-6). Como se ve, el listado incluye aquellos que detentan el poder. Con todo, la orden no sólo los incluye a ellos, sino además a todos los pueblos, naciones y lenguas (Dn 3:4, 7), en otra palabras, el todo de la sociedad descrita (cf. Dn 3:10). La relación entre este relato y los eventos que rodean Apocalipsis 13:16 son bastante estrechos, en particular aquellos que tienen que ver con la libertad, opresión y muerte (Ap 13:15-17; OLIVARES, 2016, p. 41-43). Esto también incluye el hecho que la sociedad descrita en ambos pasajes se divida entre los poderosos, esto es, grandes y ricos; y el pueblo, es decir, pobres, libres y esclavos.

En este sentido, ambos pasajes describen una realidad social humana. Si bien Daniel 3 es una narración, y Apocalipsis pertenece al género apocalíptico, no se debe perder de vista que éste último depende enormemente del primero al describir la realidad profética (BEALE, 1984, p. 413-423; PRESTON, HANSON, 1951, p. 35-39, 95; LÄPPLE, 1971, p. 152-153; BAUCKHAM, 199, p. 193). En Daniel la realidad es dada literalmente, y al parecer Apocalipsis, en particular Apocalipsis 13:16, también, pues en ambos casos el énfasis está en los estamentos sociales que se mantendrán fieles en momentos cuando la conciencia sea perseguida. Por lo cual, δούλος funcionaría en Apocalipsis 13:16 como una descripción de la esclavitud.

Apocalipsis 19:18: Contexto y ecos del libro de Ezequiel

Apocalipsis 19:18 se puede ubicar contextualmente en Ap 19:11-21, en donde se nos cuenta que el jinete del caballo blanco, quien es Rey de reyes, y Señor de señores, invita a las aves para participar de la gran cena de Dios (Ap 19:11-16). La invitación es para que coman carnes de todo tipo. Esto es, “carne de reyes, carne de comandantes y carne de poderosos, carne de caballos y de sus jinetes, y carne de todos [los hombres], libres y esclavos, pequeños y grandes” (Ap 19:18, LBLA).

Como se vio en el análisis de Apocalipsis 6:15 y 13:16, aquí también se enumeran grupos sociales diversos. Se comienza con los reyes, para luego seguir con los comandantes y poderosos. Si los reyes son, como se arguyó anteriormente, el escalafón social más alto, los comandantes y poderosos se les estaría presentando como un par que retratarían una esfera de poder elevada. El segundo par, caballos/

.....

³⁹ Vinculos entre Daniel 3 y la segunda bestia de Apocalipsis 13, se pueden observar en Pfandl (2004, p. 34), Rodríguez (2001, p. 124), Stefanovic (2002, p. 421-422) e Ford (1978, p. 102).

los que sientan sobre ellos,⁴⁰ se referiría al poder militar (Ap 9:16-17);⁴¹ mientras que los dos últimos, “libres y esclavos, pequeños y grandes,” harían alusión, como ya se ha mencionado, a la sociedad como un todo.

Aunque se debe reconocer que la inclusión de un par en que se mencione un animal, “caballo/los que sientan sobre ellos,” rompe el patrón humano que existe en el resto del pasaje, lo cierto que esta inclusión también puede entenderse en términos sociales, la cual apuntaría a aquellos que detentan el poder militar, y que hace uso de los instrumentos que les sirven para tales fines. Este no presentaría una relación antónima, como el par de libres y esclavos, pequeños y grandes, sino que sinónima, vinculándose con el primero, el de “comandantes y poderosos,” asignándole un significado similar en términos de poder bélico y social.

En el Antiguo Testamento, una figura similar es mencionada en Ezequiel 39. El contexto de este pasaje nos dice que las palabras del profeta se dirigen en contra de Gog (Ez 39:1; cf. 38:1). Así, se invita a las aves y las fieras del campo para comer carne de fuertes y beber sangre de soberanos de la tierra (Ez 39:18). La promesa es que se hartarán de comer caballos y jinetes, poderosos y hombres de guerra (Ez 39:20). El vínculo temático entre ambos pasajes es bastante estrecho, en particular cuando se considera el contexto de destrucción y juicio que es posible ver tanto en Ezequiel 39 como en Apocalipsis 19.⁴² En ambos casos, se describe la sociedad en grupos humanos diversos. En uno y otro se mencionan reyes (Ez 39: 18; Ap 19:18), fuertes (Ez 39:18, 20; Ap 19:18) y caballos con sus jinetes (Ez 39:20; Ap 19:18), aludiendo en el contexto general al poder militar (Ez 39:20; Ap 19:18-21). Con todo, si bien no se mencionan los pobres, el énfasis está en que todos estos grupos no sólo sirven de alimento para las aves sino además se les pareciera describir que son guerreros (Ez 39:17; Ap 19:17). En otras palabras, pareciera que aquí el todo de la sociedad está representado en los que combaten contra el pueblo de Dios.

Estos grupos sociales diversos, si bien en ambos pasajes son usados para representar simbólicamente juicio y destrucción, funcionan mayormente como una descripción de la sociedad humana contraria a Dios que será destruida. En este sentido, considerando que el pasaje de Apocalipsis 19:18 alude a estratos sociales humanos diversos, es posible que el término esclavo δοῦλος opere como una descripción humana

.....

⁴⁰ Esto es lo que dice el texto Griego literalmente (σάρκας ἵππων καὶ τῶν καθημένων ἐπ’ αὐτῶν) “carne de caballos y los que se *sientan* sobre ellos” (el subrayado es nuestro).

⁴¹ Las ocasiones que en el Apocalipsis se describe a un caballo con alguien que lo monta (ἵππος y καθημαι), es precisamente en contextos de guerra (ver Ap 6:2, 4–5, 8; 9:17; 19:11, 19, 21; RICHARD, 1994, p. 204; CHARLIER, 1993, p. 141).

⁴² A este respecto, ver en particular Ford (1975, p. 324-325).



general. Esto es viable de suponer a partir de la inclusión de la expresión “carnes de todos” (σάρκας πάντων), que introduce la designación de libres y esclavos. Esto permitiría inferir que al decir “todos,” como en los dos versículos estudiados (Ap 6:15; 13:16), se referiría a la totalidad de la humanidad que está en oposición a Dios, la cual incluiría esclavos y gente libre. En el contexto general, Apocalipsis 19 también se estructura en función de un escenario donde la guerra juega un rol principal.⁴³ Es la bestia y los reyes de la tierra los que junto a sus ejércitos, luchan contra el Rey de reyes y Señor de señores, los cuales son derrotados por él (Ap 19:19-21; ver LEHMANN, 2016, p. 207-223). Así, la totalidad del grupo descrito en la cena de Dios son aquellos que luchan contra Dios, el cual es presentado en grupos sociales distintos: reyes, capitanes, ejércitos, libres y esclavos, pequeños y grandes. Al nombrar todos estos grupos, entonces, se establece el sentido universal del juicio de Dios (OSBORNE, 2014, p. 769).

En consecuencia, en los tres pasajes estudiados, el término δοῦλος aparece en contextos en que se describen diferentes niveles sociales. Si bien los escenarios literarios en los que se lo menciona son simbólicos, la descripción de la realidad social se estructura en función de diferencias económicas y de poder. Cada uno de estos grupos, como un todo, es incluido para describir la sociedad total, el grupo específico que se designa como juzgado. Una idea similar es repetida en los pasajes veterotestamentarios, en los que se repiten imágenes análogas, los cuales también describen estamentos sociales en grupos que representan la totalidad de la población o el grupo que es juzgado.

167

Por lo tanto, el término esclavo si bien está ubicado en un contexto simbólico, describe una realidad social y humana, así que bien puede entenderse en un sentido literal e histórico.

Esclavos y libres: Imágenes simbólicas y literales

En la literatura helenística se encuentran varios ejemplos en que los términos esclavos y libres aparecen juntos y mencionados en relación con otros grupos sociales diversos. En estos ejemplos se puede ver que el término δοῦλος es usado en contraste con ἐλεύθερος (libre), designando así su significado antónimo.

En el Nuevo Testamento, por ejemplo, Pablo les dice a los miembros de la Iglesia de Corintio que por un sólo Espíritu hemos todos sido bautizados en un cuerpo, “sean judíos o griegos, sean esclavos o libres” (1 Co 12:13). Igualmente, en Gálatas, se nos informa que en Cristo no hay “judío ni griego; no hay esclavo ni libre; no hay varón ni

.....

⁴³ Cristo es representado como el guerrero victorioso, el cual dirige un ejército para luchar contra los reyes de la tierra (Ap 19:11-19; ver LARONDELLE, 2000, p. 447; DOUKHAN, 2002, p. 174-177; PRIGENT, 1993, p. 350-351).

mujer” (Gal 3:28). En los dos ejemplos mencionados,⁴⁴ se enumeran clases humanas distintas. En ambos los grupos son raciales (judíos y griegos) y sociales (esclavo y libre), mientras que el segundo añade un tercer elemento, el sexual (varón y mujer). Esto sugeriría que la relación de la frase “esclavo y/o libre,” bien podría, desde la perspectiva del Nuevo Testamento, significar y resumir la sociedad, como población, como un todo orgánico, compuesto de libres y esclavos. Esto parece ser confirmado por Josefo, quien al menos dos veces cuando hace alusión a personas, incluye en su descripción a los esclavos y libres, posiblemente como una forma de representar al todo de la población que se está refiriendo (Flavius Josephus, *Antiguidades Judaicas* 14.2.3; 16.4.4).

Igualmente, los dos ejemplos de Pablo nos sugieren que la inclusión de pares distintos no es sólo una cuestión referida en el Apocalipsis, sino que otras obras también hacen mención de estas. En particular en obras con tintes abiertamente simbólicos. En una de los trabajos de Filón de Alejandría, por ejemplo,⁴⁵ este se refiere a distintas variedades de seres vivos, organizándolas en pares diversos y empleándolas en términos directamente alegóricos. Filón comienza con su descripción mencionado las cosas “inanimadas y animadas,” siguiendo con las “irracionales y racionales,” “buenas y malas,” para continuar con los “esclavos y libres,” “jóvenes y viejos,” y finalizando con otro grupo totalmente de opuestos (Filón de Alejandría, *Legatio ad Gaium*, 2.97). Del mismo modo, un patrón similar es seguido en una obra judía pseudoepigráfica, *El Testamento de Abraham*, en donde se nos dice que la “muerte” le declara a Abraham que por siete eras ella ha destruido el mundo, conduciendo al Hades a “reyes y gobernantes,” “ricos y pobres,” “esclavos y libres” (*T. Ab.* 19.7).⁴⁶

En todos estos dos ejemplos, se aprecia la relación del par, esclavo y libre, con distintos grupos etarios, raciales, sociales y sexuales, entre otros, sugiriendo que esta forma de estructurar la población bien pueda haber sido repetida por Juan en el Apocalipsis. Del mismo, en cada uno de estos ejemplos, si bien el par de “esclavo y libre” es a veces dado en contextos figurativos, lo cierto es que su descripción social apunta a realidades históricas y literales.

.....

⁴⁴ Ver también Colosenses 3:11, en donde se nos dice que no “hay griego ni judío, circuncisión ni incircuncisión, bárbaro ni escita, siervo ni libre, sino que Cristo es el todo, y en todos.”

⁴⁵ Para dos ejemplos similares en los escritos de Filón, a los expuestos en este párrafo, ver Filón de Alejandría (*Abrahamo*, 109; *Virtutibus*, 125).

⁴⁶ *T. Ab.* 19.7



Diferencias y puntos de contacto entre el testimonio de Elena G. de White y el Apocalipsis

En esta sección, teniendo en mente todo lo dicho anteriormente, se sugieren las similitudes y diferencias que existen entre los escritos de Elena G. de White y el Apocalipsis en relación a la esclavitud escatológica.

Existencia de la esclavitud en el fin del tiempo

Los tres pasajes estudiados, en donde el término *δοῦλος* es aludido (Ap 6:15; 13:16; 19:18), delimitan aspectos escatológicos (LARONDELLE, 2000, p. 145-146, 313-314, 447). En el contexto de Apocalipsis 6:15, el sexto sello, se describen eventos que desencadenan portentos naturales. Esto causa el temor de aquellos que contemplan aquello, los cuales temen la venida del que está sentado en el trono. Lo anterior indicaría un tiempo escatológico (ver PAULIEN, 2000, p. 236-237). En Apocalipsis 13:15, por su parte, se nos habla de persecución y muerte, en el que se impone la adoración falsa de una imagen. A la luz del contexto en el que el pasaje está ubicado, existe claramente un escenario escatológico (JOHNSSON, 2016, p. 20-31). De igual forma, Apocalipsis 19:18, se ubica en una batalla en que las fuerzas del mal son derrotadas por el Rey de reyes, por lo cual el contexto del pasaje es abiertamente escatológico (LEHMANN, 2016, p. 217-223).

Por lo tanto, los tres pasajes estudiados están ubicados en el tiempo del fin, lo cual nos permite suponer que para ese tiempo la esclavitud será parte de la sociedad.

Existencia de esclavos impíos y justos en el fin del tiempo

El Apocalipsis testifica la existencia de esclavos impíos en el fin del tiempo. En Apocalipsis 6:15, se mencionan esclavos que claman a los montes caer sobre ellos para evitar ver el rostro del que estaba sentado sobre el trono. En Apocalipsis 19:18, igualmente, se nos dice que un ángel invita a las aves a comer la carne de los que serán derrotados en la batalla contra el Rey de reyes, incluyendo la carne de esclavos en su descripción. En el primer caso, Apocalipsis 6:15, los impíos temen ante la venida del Señor. En el segundo caso, Apocalipsis 19:18, los impíos son destruidos en la venida del Señor. En vista de la evidencia, es posible asumir que existirán esclavos impíos en el tiempo del fin.

Por otro lado, la existencia de esclavos justos es más difícil de asumir. Si bien es cierto que a partir de Apocalipsis 6:15 y 19:18, se puede suponer tácitamente que existirán también esclavos fieles, el énfasis en esos dos pasajes es abiertamente negativo y enfocado en los impíos. Igualmente en Apocalipsis 13:16, si bien la descripción es mucho más neutra diciéndonos que se intenta imponer la marca de la bestia sobre todos, no se mencionan esclavos impíos o justos. Esto, porque la reacción de estos esclavos y de todos los grupos no es registrada, lo cual impide especular, a partir de la evidencia exegética, la existencia de esclavos justos.

En este sentido, si bien el Apocalipsis retrata explícitamente esclavos impíos en el fin del tiempo, no se puede decir lo mismo de los justos, los cuales se debe inferir implícitamente.

Persecución y esclavitud en el fin del tiempo

De los tres pasajes estudiados (Ap 6:15; 13:16; 19:18), el único ubicado en el contexto de una persecución escatológica es Apocalipsis 13:16 (BEALE, 1998, p. 711-715; MOUNCE, 1977, p. 258; METZGER, 1993, p. 77). Aquí, sin embargo, se nos informa que lo que se busca es imponer una marca en contra de la sociedad como un todo, incluyendo los esclavos; y no que por causa de la fidelidad de estos, al negarse a recibirla, se les trate o convierta en tales. Visto así, el Apocalipsis no vincula el vocablo *δοῦλος* con el tema de la persecución como resultado de la lealtad a Dios.

Sin embargo, existe al menos un texto que podría sugerir, al menos implícitamente, esta realidad. En estos, si bien el sustantivo *δοῦλος* está ausente, el contexto del pasaje, junto al análisis de un vocablo en particular, parecieran indicar la realidad de una esclavitud escatológica impuesta.

Apocalipsis 13:10

170

Apocalipsis 13, después de describir la bestia que sube del mar, se inserta una máxima, la cual dice que “[si] alguno tiene oído, que oiga. Si alguno es destinado a la cautividad, a la cautividad va; si alguno ha de morir a espada, a espada ha de morir. Aquí está la perseverancia y la fe de los santos” (Ap 13:9-10, LBLA). Esta máxima se vincula con la persecución y la falsa adoración descrita en los versos anteriores, en la que se nos dice que la bestia que sube del mar hará guerra contra los santos y los vencerá (Ap 13:7-8). En virtud de este contexto, la máxima se puede entender desde dos puntos de vista, los cuales no necesariamente se deben ver de manera contradictoria (OLIVARES, 2005, p. 45-46). Por un lado, sería una descripción de la destrucción que sufrirán aquellos que persigan a los santos (JAMIESON *et al.*, 1998, p. 804-805; LADD, 1978, p. 162); y por otro, esta también podría describir la experiencia de los santos a manos de sus perseguidores, sea que estos sean tomados en cautividad y/o sean muertos (ver FOULKES, 1989, p. 146-147; CHARLIER, 1993, p. 251).

Si se toma en consideración el segundo significado, quizás la primera parte de la máxima estaría en pocas palabras sugiriendo que los santos serían tratados como esclavos. El sustantivo *αἰχμαλωσία* (cautividad), se repite en el Nuevo Testamento, además de este pasaje, en la epístola a los Efesios, en donde se anuncia que Jesús llevó “cautiva la cautividad” a lo alto (Efe 4:8). Este último pasaje, sin embargo, no nos da mucho luz respecto a como el texto funciona en términos semánticos. En otros escritos helenísticos, el rango semántico es mucho más extenso. En la Septuaginta y en los escritos de Josefo, por ejemplo, el vocablo está vinculado con contextos de



guerra, en donde los perdedores son tomados prisioneros, estos es, llevados cautivos por los vencedores.⁴⁷

En este contexto de guerra, es que Josefo, además, nos informa que los cautivos son a veces convertidos o sometidos en esclavos (Flavius Josephus, *A Guerra Judaica* 0.11; *Antiguidades Judaicas* 11.6.5; 10.4.5). Pero no es el único. En la obra judio-pseudoepigráfica *El Testamento de los 12 Patriarcas*, se nos explica que se impondrá cautividad (αἰχμαλωσία) sobre los injustos, los cuales servirán como esclavos a sus enemigos (δουλεύσετε ἐκεῖ τοῖς ἐχθροῖς ὑμῶν) (*T. Naph.* 4.2).⁴⁸

En base a estos ejemplos dados, ¿se podría sugerir que existe la posibilidad que el sustantivo αἰχμαλωσία (cautividad) pueda evocar las consecuencias de ser tomado como prisionero de guerra, y una de ellas es ser tratado como esclavo? Se debe tener en cuenta que el pasaje está en el contexto en que se describe la guerra de la bestia del mar contra los santos, los cuales son vencidos (Ap 13:7). Esto podría sugerir que estos no son sólo vencidos, sino apresados como prisioneros de guerra y posiblemente sometidos a esclavitud. Con todo, esta idea es simplemente una sugerencia, la cual se recomienda debe ser estudiada con mayor profundidad desde una perspectiva histórica y exegética.

Conclusión

171

Los escritos de Elena G. de White claramente hablan acerca de la existencia real de la institución de la esclavitud antes del regreso de Jesús. Tres ideas surgen de sus escritos. Primero, existirá esclavitud en el tiempo del fin. Segundo, existirán dos tipos de esclavos, uno impío y uno justo. Tercero, algunos serán esclavizados o tratados como tales a causa de su fidelidad al sábado, sin importar su trasfondo social o racial.

Según lo visto, el testimonio del Apocalipsis nos indica un acuerdo parcial con el pensamiento de Elena G. de White. Por un lado, el vocablo 'esclavo', en su contexto, nos sugiere que este debe ser visto en términos literales e históricos, toda vez que este describe una realidad social que soslaya una interpretación simbólica. Por otro, existen diferencias en la forma en que esta esclavitud es manifestada y llevada a cabo. Primero, el Apocalipsis confirma lo que Elena G. de White respecto a la existencia de la institución de la esclavitud en el fin del tiempo. Segundo, el Apocalipsis claramente nos indica la existencia de esclavos impíos; sin embargo, no se refiere abiertamente

.....

⁴⁷ Por ejemplo: LXX: Núm 21:1; 31:12; 2 Re 24:14; 2 Cr 6:37; 28:5, 11, 13-15, 17; 29:9; 1 Esd 5:7, 54; Ezra 2:1; 3:8; 5:5; 8:35; 9:7; Neh 1:2-3; 4:4; 7:6; 8:17; Est 11:4; Jdt 2:9; 4:3; 8:22; 9:4; 1 Mac 9:70, 72; 14:7; 2 Mac 8:10, 36; Josefo: Josefo, *A.J.* 8.8.4; 10.4.5; 11.1.1; 11.4.8; 15.2.1; *B.J.* 0.11; 6.2.1; 7.5.5.

⁴⁸ El pasaje usa el verbo δουλεύω, el cual indicaría que estos servirían como esclavos a sus enemigos, no sólo empleados o siervos. (*T. Jos.* 1.5.)

a esclavos justos. Tercero, explícitamente no existe un testimonio claro desde el cual determinar la existencia de esclavos debido a su lealtad a Dios.

Con todo, en términos exegéticos y semánticos, se propone que Apocalipsis 13:10 puede sugerir, implícitamente, que los santos son vencidos por la bestia que sube del mar, y tomados prisioneros, y como consecuencia de esto, tratados como esclavos por su fidelidad. Esto último, sin embargo, es sólo una propuesta, la cual se recomienda se estudie en mayor profundidad desde diversos ángulos teológico-interpretativos.

Referencias

BAKER, D. W. Appendix C: 'Slavery' Categories in the Spirit of Prophecy. In: BAKER, D. W. **Ellen G. White's use of the term "race war," and related insights**. Washington: Ellen G. White Estate, 1984.

BAUCKHAM, R. **The climax of prophecy: studies on the Book of Revelation**. Edimburg: T. & T. Clark Publishers, 1999.

BAUER, W.; DANKER, F. W. **A greek-english lexicon of the New Testament and other early christian literature**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BEALE, G. K. **The book of Revelation: a commentary on the greek text**. Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

_____. The Influence of Daniel upon the Structure and Theology of John's Apocalypse. **Journal Article Tag Suite**, v. 27, p. 413-423, 1984.

BRANSON, R. Slavery and Prophecy. **Review and Herald**, v. 147, n. 16, p. 8-9, abr. 1970.

CHARLIER, J. P. **Comprender el Apocalipsis**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1993. v. 2.

DICCIONARIO de la real academia Española. Madrid: Real Academia Española, 2004. v. 22.

DOUGLASS, H. E. **Messenger of the Lord: the prophetic ministry of Ellen G. White**. Nampa, Idaho: Pacific Press, 1998.



DOUKHAN, J. **Secrets of Revelation: the Apocalypse through Hebrew Eyes.** Hagerstown: Review and Herald, 2002.

FORD, D. **Daniel.** Nashville: Southern Publishing Association, 1978.

FORD, J. M. **Revelation.** Garden City: Doubleday, 1975.

FOULKES, R. **El Apocalipsis de San Juan: una lectura desde América Latina.** Buenos Aires: Nueva Creación, 1989.

JAMIESON, R.; FAUSSET A.R.; BROWN, D. **Comentario Exegético y Explicativo de la Biblia.** El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1998. v. 4.

JOHNSON, W. G. A vitória dos santos no tempo do fim. In: HOLBROOK, F. B. (ed.) **Estudos sobre Apocalipse: temas gerais e exegéticos.** Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2016. (Série Santuário e profecias Apocalípticas, 7).

LADD, G. E. **El Apocalipsis de San Juan: Un comentario.** Miami: Editorial Caribe, 1978.

LÄPPLE, A. **El Apocalipsis de San Juan.** Madrid: Ediciones Paulinas, 1971.

LARONDELLE, H. **Las profecías del fin.** Buenos Aires: ACES, 2000.

LEHMANN, R. As duas ceias. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.) **Estudos sobre Apocalipse: temas gerais e exegéticos.** Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2016. (Série Santuário e profecias Apocalípticas, 7).

METZGER, B. M. **Breaking the code: understanding the book of Revelation.** Nashville: Abingdon Press, 1993.

MOUNCE, R. H. **The book of Revelation.** Grand Rapids: Eerdmans, 1977.

NICHOL, F. D. **Ellen G. White and her Critics: An Answer to the Major Charges that Critics have brought against Mrs. Ellen G. White.** Washington, D.C.: Review and Herald, 1951.

O'REGGIO, T. Slavery. In: FORTIN, D; MOON, J. **The Ellen G. White Encyclopedia.** Hagerstown: Review and Herald, 2013.

OLIVARES, C. Análisis estructural de Apocalipsis 12 y 13: en busca de un esqueleto estructural. **Theologica** 20, p. 45-46, 2005.

_____. Elementos para interpretar el 666: una propuesta. **DavarLogos**. Buenos Aires, v. 8, n. 2, p. 41-43, 2009. Disponible: < <http://bit.ly/1R1dJcD> >. Acceso: 17 mar. 2016.

OSBORNE, G. R. **Apocalipse**: comentário exegetico. São Paulo: Vida Nova, 2014.

OXFORD English Dictidonary. 2 ed. Wotton-under-Edge: Clarendon Press 1989.

PAULIEN, J. Os sete selos. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Estudos sobre Apocalipse**: temas Introdutórios. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2016. (Série Santuário e profecias Apocalípticas, 6).

_____. Interpretando o simbolismo do Apocalipse. In: HOLBROOK, F. B. (Ed.). **Estudos sobre Apocalipse**: temas introdutórios. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2016. (Série Santuário e profecias Apocalípticas, 6).

174

PFANDL, G. **Daniel**: vidente de Babilonia. Buenos Aires: ACES, 2004.

PRESTON, R. H.; HANSON, A. T. **The Revelation of Saint John the divine**: introduction and commentary. London: SCM Press, 1951.

PRIGENT, P. **O Apocalipse**. São Paulo: Loyola, 1993.

RICHARD, P. **Apocalipsis**: reconstrucción de la esperanza. San José: DEI, 1994. (Colección Lectura Popular de la Biblia).

ROCK, C. B. Roles and relationships. **Adventist Review**, p. 13, mar. 2000.

RODRÍGUEZ, A. M. **Fulgores de Gloria**. Buenos Aires: ACES, 2001.

STEFANOVIC, R. **Revelation of Jesus Christ**: commentary on the book of Revelation. Berrien Springs: Andrews University, 2002.

STRAND, K. A. Princípios Fundamentais de Interpretação. In: HOLBROOK, F. B. (ed.) **Estudos sobre Apocalipse**: temas introdutórios. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2016. (Série Santuário e profecias Apocalípticas, 6).



WHITE, E. G. **A sketch of the Christian experience and views of Ellen G. White.** Saratoga Springs: James White, 1851.

_____. **Der große Kampf.** Lüneburg: Advent-Verlag, 1994a.

_____. **Early writings of Mrs. White.** 2 ed. Battle Creek: Review and Herald, 1882.

_____. **Early writings.** 5 ed. Washington: Review and Herald, 1963.

_____. **El conflicto de los siglos.** Buenos Aires: ACES, 1993.

_____. **Il gran conflitto.** Mountain View: Pacific Press, 1926b.

_____. **La tragédie des Siècles.** Dammarie-les-Lys: Signes des Temps, 1926a.

_____. **Manuscript release.** Washington: E. G. White Estate, 1990.

_____. **O grande conflito.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1994b.

_____. **Primeros escritos.** Buenos Aires: ACES, 1987.

_____. **Slavery, will it be revived?** A Statement Released by The White Estate Trustees. Washington: Ellen G. White Estate, 1963.

_____. **Spirit of prophecy.** Battle Creek: Steem Press of the Seventh-day Adventist Publishing Association, 1884. v. 4.

_____. **Spiritual gifts.** Battle Creek: James White, 1858.

_____. **The great controversy.** Mountain View: Pacific Press, 1911.

_____. **The great controversy.** Mountain View: Pacific Press, 1888.

WHITE, J. (Ed.). A word to the little flock. **Review and Herald.** Washington, p. 19-20, abr. 1847.

WIKENHAUSER, A. **El Apocalipsis de San Juan.** Barcelona: Herder, 1981.